

Duas mães ameaçadas pela fome “cedem” seus recém-nascidos

Pág. 20

Pieter Botha amanhã em Lisboa

O primeiro-ministro sul-africano, Pieter Botha, deve chegar amanhã de manhã a Lisboa, dando assim início a um périplo por diversas capitais europeias. O dirigente sul-africano, que é acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país, Roelof Botha, será recebido oficialmente em Lisboa, no que constitui a excepção à regra to-

mada por governos europeus ocidentais, como a da sr.ª Margaret Thatcher.

Após a sua visita a Lisboa, o primeiro-ministro de Pretória tem escalas previstas em Londres, Bona, Viena, Genebra e Bruxelas, embora fontes diplomáticas sul-africanas tenham levantado a hipótese de Botha visitar Roma e ter um encontro com o Papa João

Paulo II.

Entretanto, na capital britânica, os movimentos anti-«apartheid» preparam-se para «receberem» o dirigente de Pretória, fazendo perigar o êxito da sua visita a Londres, aliás já comprometida pelo relativo afastamento do governo de Sua Majestade em relação à visita do primeiro-ministro sul-africano.

Hoje no Sete
Ponto Sete

● Hitler faraó

O “fuhrer” pensava que Berlim iria ser a capital do mundo

● Trovante 84

Entrevista sobre o seu último LP

● Mulheres

Lourdes Féria entrevista a bisneta de Gauguin

Nicarágua

será invadida

no dia 30

— afirma Ortega

Págs. centrais



Jardim Zoológico: cem anos de solidão

Pág. 20

Eleições no Egipto

Partido de Mubarak vai à frente

O partido governamental do presidente Mubarak do Egipto vai à frente, com cerca de 75% dos votos até agora escrutinados. Estas eleições, que Mubarak pretendeu fossem verdadeiramente democráticas e livres, têm merecido forte contestação da oposição e foram manchadas por violentos actos ocorridos justamente no dia da ida às urnas. Uma candidata da oposição foi assassinada por um candidato do governo. A oposição clama que se cometeram diversas irregularidades e que os resultados não merecerão o crédito que o governo pretende conferir-lhes para, através do acto eleitoral, se autoconferir a legitimidade democrática que por ora não tem.

Págs. centrais

Polícias europeias vão exigir ao Governo sindicalização da PSP

Pág. 8



A ilusão aos 21 anos

A madeirense Maria de Fátima Jardim é a nova Miss Portugal, eleita na noite do passado sábado, no decorrer de um espectáculo realizado no Casino Estoril, e transmitido pela televisão. Efêmero e vulgar

reinado este que, todavia, deu à vencedora um sem-número de prémios e viagens: a «glória» chegou aos 21 anos.

Pág. 20

**Concurso
Dez Anos
Depois**



História da mais ardente paixão

João Paulo Vieira Martins Lucas

Tudo isto são terras mortas, o nosso espaço. O nosso mover de mãos tornou-se tão solitário que só nos serve de alimento se não o quisermos partilhar. O tempo morto, forjado por desamor e saudade, porrada e mal viver, é a única raiva que ainda sabemos cultivar; porque a esperança é sempre irremediavelmente vivida antes da desesperança como a morte e a seguir à vida e esta depois do nada, do não haver, não existir.

Lá em baixo gritam por megafones o dinheiro que não vem, a fome, a chuva na calçada, a lembrança...

O meu País é um pequeno rectângulo à beira mar plantado, um rectângulo completamente quadriculado. Dentro do quarto de vida em que me encontro, melhor seria tomar por instintos os nomes de solidão ou euforia, cansaço, desconsolo ou alegria. Tomar por inquietação o peso que no corpo transporto, ou por liberdade a minha impotência para agir ou para chorar. Melhor seria deitar fora a quietude tremura, que nasce por ser precisa e morre se demasiado utilizada, como se o dormir durante o dia apagasse o espaço entre a alvorada e o crepúsculo.

Ninguém percebe por que não fomos capazes de voar.

E, no entanto, simples e terrível. Estamos solidamente plantados em terras queimadas por guerras ancestrais, medonhas. Os nossos pés assemelham-se a raízes; o asfalto, a solo calcinado. Mas não estamos sós, não...

Lá em baixo gritam por megafones o dinheiro que não vem, a fome, a chuva na calçada, a lembrança...

Porém a nossa revolução morreu, mataram-na. Saltámos da infância para a terceira idade em fracções de segundo que nos custarão a história dos nossos filhos, vossos netos...

Só queríamos desenharmos novos caminhos para os nossos pés: construir as pontes para o outro lado, o nosso, o velho, o de sempre e o de nunca mais.

PENSAM QUE ME RENDO, CHULOS DE MERDA?

pensam que vos dou o dinheiro que não tenho?

pensam que vos dou a esperança que eu invento?

Pai!

Tu que me ensinaste o porquê dos presos fora de grades, dos cravos nas mãos dos presos, das lágrimas a regar os cravos, diz-me agora o porquê da solidão, esta dor no peito das pancadas que não vejo.

Pai, estou tão cansado.

Pai, vou-me embora.

Esperam-me noutra terra. Onde a chuva não existe e a poeira há muito se dissipou.

Flutuarei por sobre as copas das árvores mais verdes, rumo às nuvens mais brancas e esfarrapadas, onde o azul é a mais louca aventura e o sonho a mais quente promessa.

Ao fim e ao cabo, não pode ser real tanta tristeza, não pode ser real tal equívoco... O meu quarto de vida não é maior que este quarto de hora. Os anos que vivi não comportam a história desta terra.

O meu quarto de hora também é rectangular, as paredes brancas, vazias, encerrando um espaço confortável de tempo largo e solto. Porém está tão desarrumado que pouca vontade fica de perceber os porquês curiosos e indiscretos que outrora eram naturais, hoje forçados, impuros. E eu que procuro? Que respostas existem em quais quero eu acreditar?

Já percebi tudo!

Eu não existo, este quarto não existe, não se pode arrumar algo que não existe.

Portanto, portanto, portanto, portanto não faço nada...

Portanto não faço nada, nada, nada, nada, nada!

Fico assim quieto, a lembrar o enredo desta história que o meu pai inventou, possivelmente para me contar antes de adormecer.

Fico assim quieto. Talvez morra de tédio, talvez não. Nenhuma das hipóteses alterará o rumo das coisas (pois que elas não existem).

Olha, Ana! Não faço nada e ninguém dá por isso.

Vou ficar aqui a ver.

Olha, Ana, tanta gente lá em baixo e eu aqui a ver...

Estão talvez tão tristes e cansados como eu. Mas eu estou aqui sentado e eles, lá em baixo, à chuva.

Diz-me Ana! Quantos anos tinhas no ano da revolução?

Eu aqui sentado. Eu aqui sorrio de me lembrar molhado como um pinto e feliz como o caracás. Eu puto, crescido como o mais alto dos arranha-céus. O trambolhão que eu dei devido ao peso da G-3 que os soldados meus companheiros me puseram nas mãos.

Diz-me, Ana: sabes o que era a Quinta Divisão?

Eu ansioso e intranquilo; eu próprio; eu mesmo...

Eu aqui sentado, declaro:

«A vida é triste e comprida (ou então não é)» E se não fosse?

Se eu abrisse meus braços, se entregasse meu corpo...

Seria talvez um novo engano?...

É por isso que tremo de medo quando a

mais funda lembrança na minha memória es-tica os dias em meses, os anos em segundos ora lindos e fugazes, ora pesados, duros e tristes e tudo.

E se não houvesse este desencontro? E se não houvesse o medo? O medo e o denso frio?

O denso frio que gela meus dedos e os impede de deslizar no preto como no branco.

O denso frio que matou a minha revolução, o denso frio que humedece as minhas tardes. O denso frio que acumulado em longos dias gera a densa noite.

O denso torpor do meu rectângulo quadriculado, da minha terra de quimeras vãs e aventuras falsas.

Estou aqui sentado, descontraído, empenhado no vazar de todo e qualquer pensamento que perturbe o silêncio dentro de mim derramado.

Estou aqui sentado.

Se me chamarem, fingirei que não ouço.

Se me baterem, fingirei que não sinto.

Se for necessária a vida, fingirei que não existo.

Se for necessária a felicidade, fingirei ser o bom Deus.

— Isto aqui são os «Chaimites» e as tropas no cerco do quartel da GNR, no Carmo. Estes senhores de mãos no ar em cima dos «Chaimites» são o fascismo a acabar...

Os outros todos são os que quiseram ver o fascismo a acabar...

— Esta outra mostra as pessoas a dar presentes às tropas que não eram senão os filhos dessas pessoas de uniformes e cravos presos nos uniformes.

— Este soldado está a fazer a revolução e está deitado para não levar com as balas dos fascistas. Estes meninos estão a ver este soldado a fazer a revolução.

— Isto são pessoas a dar de beber aos soldados para eles poderem ter forças para carregar com as espingardas e fazer a revolução.

— Aqui já acabou o fascismo e toda a gente está em cima do tanque e não se percebe bem quem é tropa e quem não é...

— Estes são os senhores que mandaram na revolução sentados a uma mesa. Depois, alguns foram despedidos porque afinal não podiam mandar na revolução.

— Isto chama-se uma manifestação. É como se fosse uma festa de anos, só que tem mais gente e é na rua.

— Este retrato mostra quando as pessoas que o fascismo prendeu já podiam vir cá para fora. Aqui ao fundo é o meu pai e sou eu às cavalitas do meu pai.

— Isto aqui ao pé é na mesma o meu pai que está a chorar porque desprenderam o meu tio

e ele está contente. As pessoas quando estão contentes às vezes também choram.

— Este senhor aqui é polícia e é fascista e está de cuecas que é para ver se tem pistolas ou espingardas ou assim.

— Este menino aqui é pequeno como tu, e está a pôr o cravo no cano da espingarda e quer dizer que a espingarda é só para assustar os fascistas e como ele é pobre, é para dizer que são amigos dele.

— Este desenho mostra um soldado com uma forquilha e a camisa de um homem do campo e um homem do campo com a camisa e a espingarda do soldado. Quer dizer que os dois são amigos.

— Estas letras querem dizer Movimento das Forças Armadas e indicam os soldados que fizeram a revolução.

— Revolução quer dizer liberdade.

— Liberdade quer dizer que a gente pode ir para a rua gritar e pedir pão e exigir pão. Liberdade somos nós todos a lutar por ela.

Esta história começa aqui. As cantigas são diferentes, as palavras são outras. Os anos leves e escorregadios que por mim passaram são a memória de tudo o que aprendi. Sair deste ramerrão silencioso em que se arrastam os meus iguais vergados ao tempo e à esperança precoce e agora virada desespero, sair disto assim, sem perder os pés ou a cabeça, é tarefa delicada, exige persistência e sabedoria. Saltar desta ilha para o fim do mundo é um trabalho meticuloso que, graças ao estudo diário de palmas de mão, me vejo agora apto a desempenhar com algumas possibilidades de êxito.

Quando a primeira lua do mês nascer, calçarei as minhas luvas negras, vestir-me-ei de amianto, colocarei o meu capacete dourado, oferecido por J.C. Lindbergh. Visitarei num relance os lugares e os momentos que aqui vão ficar e não direi uma única palavra de despedida. Talvez um fugaz adeus, nunca uma lágrima...

Adeus, minha mãe, meu amor. Vou-me embora para o outro lado; já sei como é, já o inventei há centenas de anos atrás. Não o vou perder.

Adeus, Ana. És livre de me seguir, como de ficar. O outro lado fica a milhares de anos-luz e tu não conheces certamente o meu fim do mundo; o meu e o de todos os poetas intranquilos para quem o sonho é a mais sólida realidade.

Quando a primeira lua do mês nascer, irás à janela. Acenar-te-ei com o meu lenço riscado de vermelho e amarelo...

Irei tão alto que talvez nem avistes o meu avião de penas e cromados. Verás contudo a primeira lua do mês...

... É para lá que eu vou!

Uma Primavera de Ressurreição



Uma lamentável troca de textos, ocorrida na nossa edição da passada sexta-feira, fez com que o artigo «Uma Primavera de Ressurreição», da autoria da concorrente Filomena Maria Godinho da Luz Pedro, saísse com o título (bem como o nome do autor) do trabalho que hoje apresentamos nesta página. As nossas desculpas à Filomena Maria e ao João Paulo.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

CASA PRECISA-SE

Pessoa só, aluga 2 as-soalhadas, Lisboa.

Resposta a este Jornal, ao n.º 24502.



NÃO FAÇA LUME

PROTEJA AS FLORESTAS

As florestas são uma riqueza nacional.

Colebre com a sua atenção e vigilância na defesa desta riqueza.

política de A a Z

O "28 de Maio" e Raúl Proença



O ano, e mês, do centenário de Raul Proença, não é possível falar do "28 de Maio", do movimento militar que subverteu a «ordem democrática» e submeteu o País, após um interregno ditatorial castrense, à «ordem fascista» — nos fascismos inspirada e dos fascismos imitadora —, sem recordar o admirável combatente, republicano e democrata, que no período da democracia parlamentar tão lucidamente previa o colapso e tão corajosamente denunciava os vícios de uma política que perdera o verdadeiro sentido dos interesses nacionais e das promessas sociais da doutrinação republicana.

Logo em Junho de 1926, Raul Proença, no n.º 93 da revista «Seara Nova», consciente de que o Exército, conquistado o poder com um passeio militar de Braga a Lisboa, estava à mercê do primeiro «salvador» que surgisse, escrevia: «Que o Exército se não iluda. Ele tem de convencer-se que nada de mais fraco e inconsistente do que a força das armas, quando por detrás dos seus sarilhos compactos e das suas lâminas coruscantes não fulge o esplendor imaculado da Ideia. Só a Ideia vivifica e redime. É ela a espada que faz os valentes, os heróis, os mestres, os apóstolos, os estadistas, os salvadores. Neste instante o espírito de todos os homens de consciência e coragem deste País paira sobre as espadas — no meio das quais os comediante e tragediante dão a impressão de estar a salvar a Pátria. Paira sobre as espadas, e mostra-lhes a verdade, mais nua e firme do que elas. Ainda o meu espírito se não ergueu à altura das Penhas Douradas, para onde me transporto, a 1500 metros sobre o mar e o Terreiro do Paço — e já eu vejo o sr. Gomes da Costa como um pigmeu.»

O escritor saía de Lisboa para cumprir «tarefas prementes do Guia de Portugal». Logo a seguir ao triunfo do «28 de Maio», na Seara Nova e numa entrevista concedida à Tarde, observava que a chamada «situação» (a situação política emergente do golpe militar), não fizera mais «do que inclinar-se, decisivamente, para a extrema direita».

Dadas as características do «28 de Maio», não se lhe podia prever outro destino apesar das ilusões de «radicais» (de Lopes de Oliveira), de «esquerdistas» (de José Domingues dos Santos), de «liberais-republicanos» (de Cunha Leal), de «sindicalistas». Com efeito, o pronunciamento de Braga, no dia 28 de Maio de 1926, encadeava-se, diacronicamente, com outros sucessos de natureza militar e de diversas inspirações políticas que foram, ao longo dos anos da I República, actos de contestação da hegemonia político-parlamentar do Partido Democrático (ala maioritária do histórico PRP, corrente Afonso Costa — António Maria da Silva). A contestação dessa hegemonia por uma oposição convictamente republicana, por diferentes partidos e facções repartida, vieram juntar-se os contestatários que se não conformavam ideologicamente com o regime republicano parlamentar, os que por formação doutrinária eram antiliberais e antidemocráticos, os que se sentiam marginalizados pela «ordem republicana», os que tinham interesses a defender ou que estavam a soldo da plutocracia.

Nenhuma unidade de pensamento, nem comunhão de objectivos, entre os que se lançaram na conjura da qual resultará o «golpe militar» de 28 de Maio. Talvez, não só no que respeita à conotação política, como no que concerne à história eventual, seja mais rigoroso falar, no plural, de «conjuras» que acabaram por convergir quanto à aceitação do «chefe militar». Que não «chefe político», como a sucessão dos eventos mostraria.

Das memórias e relatos que ao período se referem, e, particularmente, no que respeita ao general Gomes da Costa (Manuel d'Oliveira Gomes da Costa, 14/1/1863-17/12/1929) é legítimo concluir que este é solicitado desde 1921, e em datas anteriores e posteriores aos trágicos acontecimentos de 19 de Outubro, para chefiar movimentos militares. Personalidades civis e militares, republicanos e monárquicos, acorrem a sua casa no mês de Novembro. Gomes da Costa ganha o apoio dos generais Alberto Silva (Campo Entrincheirado) e Simas Machado (3.ª Divisão) e chega a cometer a um oficial as funções de chefe de Estado-Maior (Luna de Oliveira). De Janeiro a Julho de 1922 prosseguem as incursões do general Gomes da Costa nos meandros da intriga política e das actividades conspirativas. Sofre, em Janeiro de 1922, vinte dias de prisão em Caxias, mas não descansa nos contactos revolucionários até à sua partida para a China. Na China e na Índia demora-se, em missão de inspecção militar, até ao mês de Maio de 1924. Em Julho de 1925, voltam a solicitá-lo para aventuras militares de inspiração diversa, de índole ordeira e conservadora (J.E. Dias Ferreira, o sidonista Carlos de Oliveira), de orientação republicana de esquerda (Malva do Vale). Nas brevíssimas notas do seu «Diário Político», com referência ao dia 17 de Maio de 1926, regista: «Tenho dois convites para chefiar movimentos». No dia 25, o tenente João Pereira de Carvalho comunicou-lhe a disponibilidade para o arranque revolucionário das «guarnições do Norte». Parte para o Norte a 26. Está no Porto a 27. A reunião com militares da guarnição do Porto, decepção a 27. No dia seguinte em Braga, onde decorria o Congresso Mariano Nacional, importante manifestação de fé e de força da Igreja Católica, Gomes da Costa assu-

me a chefia das operações. E, socorrendo-se do texto redigido em Lisboa, proclama:

«Portugueses! Para homens de dignidade e de honra, a situação política do País é inadmissível.

Vergada sob a acção de uma minoria devassa e tirânica, a nação, envergonhada, sente-se morrer. Eu, por mim, revoltado-me abertamente!

E os homens de valor, de coragem e de dignidade que venham ter comigo, com as armas na mão, se quiserem comigo vencer ou morrer!

Às armas, Portugal!

Portugal, às armas pela liberdade e pela honra da Nação! Às armas, Portugal!

Gomes da Costa

General em chefe do Exército Nacional»

No «Diário Político», com data de 28, anota: «... sem disparar um tiro, fico senhor da situação no Norte. Adesões de diversas guarnições». É verdade, mas não é a verdade sobre o «28 de Maio», sobre a «Revolução Nacional». A linearidade simplificada que nos levaria a seguir o chefe militar no seu triunfo fácil e breve, ocultaria a trama complexa das conjuras que se entrecruzam ou sobrepõem.

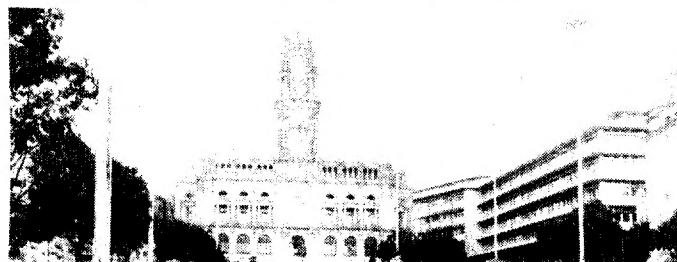
Sabe-se que os conspiradores só recorreram ao general Gomes da Costa depois de terem sondado ou convidado outros generais: Alberto Silva, Simas Machado, Alves Pedrosa, Ribeiro de Carvalho (que apesar do grande prestígio pessoal e militar, pela sua acção contra as incursões monárquicas, despertaria as reservas dos conspiradores monárquicos), Roberto Baptista (que concordando com o «movimento» não aceitou a chefia militar dadas as suas relações pessoais com o engenheiro António Maria da Silva), Alves Roçadas. Este, porém, faleceu nos finais de Abril (dia 28). Sabe-se que o capitão-de-mar-e-guerra José Mendes Cabeçadas, com o seu indefectível republicanismo e as suas ligações político-partidárias, não alcançava o apoio de todos os núcleos conspirativos e guarnições militares apesar de dirigir o «Comité» Revolucionário de Lisboa, e de, na chefia da revolta fracassada de «19 de Julho» ter tido a cooperação do capitão Jaime Baptista, um dos oficiais comprometidos na revolução de 18 de Abril de 1925. Sabe-se que Mendes Cabeçadas mantinha contactos com o Porto, Braga e Coimbra.

Nesta última cidade, em 1925, constituiu-se um «Comité Revolucionário», composto pelo major Bernabé, major Pedro de Almeida, capitão Alcide de Oliveira, dr. Vieira Coelho, e que a este fora pedido que redigisse «um programa mínimo, antecedido de um compromisso de honra para garantia das instituições vigentes» (Vieira Coelho, *Memórias de um Revolucionário*). Esses documentos, depois de terem sido aprovados em reuniões de oficiais da guarnição militar de Coimbra, recolheram as assinaturas de militares envolvidos na conjura, e, designadamente, as do comandante José Mendes Cabeçadas (considerado nessa altura chefe do movimento revolucionário) e do coronel Amílcar Mota, chefe do Estado-Maior da divisão sediada em Tomar, que subscreveu por si, pelo general Alves Pedrosa (comandante da Divisão) e também pelo general Sinel de Cordes de quem era representante. Só posteriormente, numa reunião em Coimbra, alguns militares levantaram, relativamente a Mendes Cabeçadas, a questão das «suas afinidades políticas e relações pessoais com o capitão Cunha Leal» (Vieira Coelho, *Memórias de um Revolucionário*).

O comandante Mendes Cabeçadas prossegue nos trabalhos conspirativos. Amílcar Mota, proeminente na ala conservadora do «movimento», dominando a Divisão de Tomar, homem de confiança de Sinel de Cordes, atrai a eclosão da revolução. No «28 de Maio» fará inclinar a correlação de forças a favor de Gomes da Costa (contra Mendes Cabeçadas), a favor de Oscar Carmona (contra Gomes da Costa). Sabe-se que os mentores e responsáveis militares do «18 de Abril» — general João Sinel de Cordes, tenente-coronel Raul Esteves, comandante Filomeno da Câmara — assumirão a responsabilidade histórica do «28 de Maio». Sabe-se que a conjura que leva à derrotada revolta militar de «18 de Abril» (1925) e ao pronunciamento vitorioso de «28 de Maio» (1926), tivera uma fase inicial de concepção e de trabalhos de aliciamento na residência (o palacete da Av. da República, n.º 60, em Lisboa) de um oficial monárquico, regressado do exílio, o antigo coronel Alfredo José de Albuquerque, que fora comandante de Lanceiros e ajudante do rei D. Manuel II. De reuniões com diversos oficiais seus camaradas de armas e antigos subordinados, e de uma entrevista com o general Garcia Rosado, logo resultou a entrada para o planeamento da conjura do então coronel do Estado-Maior João Sinel de Cordes, não tardando que, com Raul Esteves e Filomeno da Câmara, ficasse constituído o «tríunvirato» que operou no «18 de Abril» e que não só concebeu, como teve um papel decisivo, no «28 de Maio». Noutra versão das actividades conspirativas teria sido na Quinta da Praia, em Belém, na residência do Conde de Vale de Reis (José Pedro Folque) que os três militares entraram em relações revolucionárias. Numa e noutra, permanece a inspiração monárquica da iniciativa.

O espaço não nos permite ir mais longe. O Exército foi iludido. A «Revolução Nacional» foi impulsionada pelos monárquicos que souberam aproveitar as divisões dos republicanos e tirar partido da corrupção e da incompetência que os sequeiros e, particularmente, um Raul Proença, souberam denunciar. Inutilmente, reconhecamos.

ponto a ponto



A Aliança Povo Unido considerou que «a participação dos eleitos do PS na Câmara do Porto não tem contribuído para o seu bom funcionamento e não se tem norteado pela defesa dos interesses dos moradores.

«Ao contrário, tem-se pautado por uma sistemática obstrução e boicote e pelo apoio activo e o encabeçamento de medidas lesivas dos interesses populares» — refere um documento da APU divulgado no final de um encontro de municípios do Porto.

O texto refere que o PS, sobrepondo Cegos e estreitos partidismos aos interesses da população, tudo tem feito para desestabilizar a Câmara», apoiando «incondicionalmente todas as medidas antipopulares e antipoder local do Governo».



No âmbito dos trabalhos da 1.ª Assembleia da Organização Regional de Lisboa do PCP, que se vai realizar no Coliseu dos Recreios nos dias 16 e 17 de Junho, o comité local de Lisboa realizou um plenário de militantes do partido nos organismos de direcção de zona e sector, secretariados de células, comissões de freguesia, que contou com cerca de 200 presenças. Este plenário contou com a presença de José Casanova, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP.

O Secretariado Nacional do MDP/CDE, que esteve reunido durante o fim-de-semana, protestou contra os últimos aumentos de preços e exigiu «a demissão necessária e urgente» do Governo.

Em comunicado emitido no final da reunião, aquele órgão do MDP/CDE considerou «ser indispensável contribuir para o alargamento da ofensiva social e política contra o Governo PS/PSD para se defender a democracia e retomar o projecto constitucional».

Nesse sentido, o Secretariado Nacional do Movimento Democrático Português decidiu apoiar a concentração nacional convocada pela CGTP-Intersindical para 2 de Junho.

Esta reunião do Secretariado Nacional do MDP/CDE apreciou ainda os trabalhos de preparação do quinto congresso do partido, a realizar de 1 a 3 de Junho em Lisboa, e em que se prevê a participação de 800 delegados, e comentou a prevista visita do primeiro-ministro sul-africano a Portugal.



A secretária de Estado da Administração Regional e Local, Helena Torres Marques, reuniu no Porto com autarcas e deputados socialistas, para análise da política regional do Governo.

Durante o encontro, promovido pela Federação Distrital do Porto do Partido Socialista, foram debatidas questões relacionadas com o decreto-lei das atribuições das autarquias locais e competências dos respectivos órgãos e com a lei que regulamenta, entre outras matérias, a aplicação das finanças locais.

Uma fonte socialista disse que a reunião demonstrou a «premente necessidade de uma simbiose de esforços entre o poder central e o poder local para se encontrar o caminho prático e eficiente do melhor aproveitamento das capacidades humanas e financeiras existentes».

A UEDS considera, num comunicado, que «a visita de Peter Botha a Portugal evidencia a importância do debate sobre a problemática da África Austral».

Depois de referir que a UEDS «saudou o realista acordo de Ncomati» o documento, emanado de uma reunião da comissão política nacional daquele partido, condena a Lei do «apartheid» vigente na República da África do Sul «e que consti-

tui uma vergonha para todo o género humano».

Para a UEDS qualquer solução política visando a paz na África Austral «deverá assegurar o respeito pelos sul-africanos não brancos, que têm visto os seus direitos historicamente espezinhados em todos os planos da sua existência quotidiana».

A UEDS afirma que «a clara condenação do «apartheid» deverá ser uma atitude permanente e inflexível da diplomacia portuguesa».



O ministro cabo-verdiano da Defesa, Honório Chantres Fortes, iniciou, sábado, uma visita oficial de cinco dias a Portugal, a convite do seu homólogo português, Mota Pinto.

Um dos temas a abordar por Chantres Fortes em Lisboa é a cooperação militar entre Portugal e Cabo Verde.

Os Governos dos dois países estudam desde 1981 um projecto de cooperação na área militar, tendo-se desenvolvido já acções de cooperação pontual nas áreas da justiça e administração e de serviços militares.

Nas declarações prestadas à ANOP à partida da Cidade da Praia, o ministro cabo-verdiano defendeu «contactos mais frequentes entre delegações militares de Portugal e Cabo Verde para o lançamento de bases de cooperação militar frutífera entre os dois países».

ensino

Secundário do Porto

Sim á avaliação contínua, não às provas globais

PORTO, — «Defender a avaliação contínua e rejeitar a realização de provas globais» é a posição defendida, em conferência de imprensa, por estudantes do ensino secundário do Porto.

As provas globais estão previstas no recente despacho 35/seam/84, que os alunos consideram «inadequadas e sujeitas a aumentar a já escandalosa taxa de insucesso escolar».

Representando «largos milhares de alunos afectados com tal despacho», as associações de estudantes de várias escolas do distrito do Porto entendem que «o processo anteriormente preconizado e entretanto elaborado, se apresenta bastante ajustado e eficaz». Por isso repudiaram as

provas globais como complemento à avaliação contínua.

Aliás, como foi dito, a avaliação contínua, por si só, consegue detectar a capacidade de cada aluno ao longo do ano e de forma mais adequada e séria, enquanto que as «provas globais serão de todo incoerentes e absurdas». Demais não será justo submeter os alunos, num curto espaço de 15 dias, ao «enorme stress» de quase dez provas e com a matéria de todo o ano.

por outro lado, os estudantes interrogam-se sobre o perigo do Ministério da Educação pôr em causa a capacidade dos professores na já estabelecida avaliação de alunos.

Portaria fixa «numerus clausus»

Vai ser publicada no «Diário da República» a portaria que fixa o «numerus clausus» atribuído a cada curso mencionado no Anexo II da Portaria 262/84, de 24 de Abril.

Segundo nota do ME, «para que os candidatos, ao efectuarem a candidatura possam, desde logo, saber o número de vagas com que podem contar, vai ser alterada a data do começo da entrega de documentos para os candidatos, que já no ano transacto obtiveram as condições necessárias para concorrer ao ensino superior».

O prazo para apresentar as candidaturas começa no dia 11 de Junho e termina no dia 30.

A fim de evitar a afluência excessiva de candidatos nos mesmos dias, serão escalonados por ordem alfabética de modo a distribuir os concorrentes por todo o prazo de candidatura. A distribuição e ordem de atendimento constará de despacho do director do Gabinete Coordenador do Ingresso no Ensino Superior a publicar no «Diário da República» e que será afixado em todas as delegações distritais do Gabinete.

ISCAL entregou ao ME outra proposta de reestruturação

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa poderá vir a desenvolver formas de luta radicais se não for dada uma resposta satisfatória ao memorando-exposição que o ISCAL entregou esta semana no Ministério da Educação, dirigido ao próprio ministro.

No memorando, alunos e professores apresentam mais uma hipótese de reestruturação da escola que, por exclusiva culpa do Governo e, nomeadamente, do Ministério da Educação, vive há oito anos em situação indefinida.

Em 1976, o antigo Instituto Comercial de Lisboa foi reconvertido, pelo Decreto-Lei 327/76, no Instituto Superior de Contabilidade e Administração.

Por esse decreto-lei, o ISCAL ficou habilitado a ministrar os graus de bacharelato, licenciatura e doutoramento em Contabilidade mas o grau de bacharelato foi imediatamente criado, ficando para implementação posterior os graus de licenciatura e doutoramento.

Esses graus nunca foram criados e, a despeito de a escola ter apresentado várias propostas

para reestruturação dos seus cursos, no sentido de serem aplicados até à licenciatura, o Ministério da Educação, particularmente a partir de 1980, tem manifestado a intenção de integrar o ISCAL no ensino politécnico.

Nesta indefinição têm sobrevivido os quatro Institutos Superiores de Contabilidade e Administração — de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro.

No de Lisboa — onde estão matriculados 800 alunos — as matérias dadas em três anos desenvolveram-se e o tempo é escasso para as ministrar na totalidade. Recentemente, com a insistência da entrada do País na CEE, voltou a valorizar-se o ensino da Contabilidade. No Ministério da Educação foi criada uma comissão, de constituição muito heterogênea, — ME, Ministérios das Finanças e da Reforma Administrativa, CIP, Associação dos Contabilistas, um professor e um aluno de cada um dos ISCA's, etc. — cujo objectivo é um tanto indefinido.

O ISCAL espera uma resposta positiva à sua proposta de reestruturação, mas não está à espera «passivamente».

UEDS defende sector público e denuncia não-pagamento de salários

Em comunicado tornado público ontem, a Comissão Política da UEDS considerou ser «preocupante» a «injusta repartição, pelas diferentes classes e grupos sociais, dos sacrifícios exigidos à população portuguesa».

Para aquele órgão da UEDS, reunido em Lisboa durante o fim-de-semana, também no actual quadro político nacional «assume particular gravidade o não pagamento de salários em devido tempo a mais de uma centena de milhares de portugueses que continuam a trabalhar regularmente sem auferirem a correspondente retribuição».

Trata-se, sublinha a UEDS, «de uma prática com que urge

acabar, através de adequadas medidas legislativas e de uma rigorosa fiscalização da actividade empresarial».

De acordo com a análise da UEDS, a presente situação política e social radica-se num agravamento da crise económica e a superação parcial de algumas dificuldades financeiras do Estado, designadamente no que se refere à diminuição do desequilíbrio das contas com o exterior, não pode fazer esquecer que tal esforço foi efectuado sem nenhuma perspectiva de desenvolvimento económico.

Pelo contrário, afirma o comunicado, «o Governo tem persisti-

do nos objectivos por si estabelecidos de quebra do produto nacional, com as consequentes dificuldades para a qualidade e nível de vida dos portugueses, que não tem cessado globalmente de diminuir».

Corrupção na RTP

Como aspectos «preocupantes» da situação, a UEDS refere também «a guerra que largos sectores da coligação governamental (designadamente o PSD) tem conduzido contra o sector público da economia, a ausência de uma estratégia económica global que permita relançar o investi-

mento, diminuir o desemprego e melhorar os rendimentos, aumentando o produto».

A Comissão Política da UEDS analisou ainda as recentes medidas governamentais no domínio da acção social-escolar, «nomeadamente a redução dos subsídios de alimentação e transportes, em relação aos quais manifesta a sua mais veemente condenação».

Foi decidida uma intervenção junto da Alta Autoridade contra a Corrupção, «no sentido de que seja promovido um rápido inquérito para apuramento da veracidade das afirmações feitas pelo senhor Barata Feyer sobre eventuais irregularidades financeiras envolvendo a RTP».

Ultima de Jardim:

A Madeira devia ser um «Estado federado»

João Jardim repetiu, este fim-de-semana, no Funchal, os seus habituais ataques à Constituição, à Assembleia da República, ao sistema democrático do País e aos partidos políticos, acusando-os, genericamente, de insensibilidade.

«Continua a haver — disse, a propósito da autonomia — o saudosismo do império colonial e a mesquinhez de duvidar uns dos outros».

Ultrapassando o próprio Primeiro-Ministro, Mário Soares, em matérias de intervenções e referências nas páginas dos jornais, o loquaz dirigente da Madeira poupou, uma vez mais, o

actual Governo PS-PSD, considerando que, até às presidenciais, ele deverá cumprir «o seu papel de salvar e de sustentar a derrocada do regime democrático em Lisboa».

Para João Jardim — que falava numa conferência sobre Investigação Urbana e Regional, as regiões autónomas «como parte do País, estão interessadas em manter e salvar o regime democrático, porque sabemos que as autonomias políticas só são possíveis em regimes democráticos».

«Nós temos defendido — disse, muito sério, Jardim — que devemos levar a nossa autonomia tão

longe como os estados federados norte-americanos e nunca ninguém se lembrou de chamar separatista a qualquer estado dos Estados Unidos embora aceitemos que, nalguns aspectos, a autonomia dos arquipélagos portugueses seja maior que a desses».

Considerou que na última revisão constitucional, «deram dois rebuçados às regiões autónomas: pegaram nos presidentes dos governos e puseram-nos nos Conselhos de Estado e Superior de Defesa Nacional».

«Ninguém acredita — acrescentou — na democracia, na autonomia ou em qualquer projecto

político novo, se esse projecto não significar para as pessoas uma melhoria concreta de condições de vida, pois não é com discursos, com análises ilustres da classe política e da Comunicação Social que o País se convence».

O ciclo de conferências, organizado no âmbito da «visita técnica» dos participantes na 5.ª Conferência da ONU sobre Investigação Urbana e Regional, termina hoje no Funchal com uma sessão presidida pelo secretário regional do Equipamento Social, Eduardo Caldas de Oliveira.

UDP-Madeira prepara Congresso Regional

O segundo Congresso regional da UDP da Madeira vai debater a 10 de Junho a situação a que o Povo chegou depois de oito anos de «autonomia nas mãos do PSD», divulgou no passado sábado no Funchal o líder da União Democrática Popular, Paulo Martins.

De acordo com aquela fonte, o Congresso vai debruçar-se, em especial, sobre o caminho que deve ser seguido para que «a autonomia seja uma barreira

contra as medidas reacçãoárias do poder central e para que a autonomia sirva para resolver os problemas das camadas mais necessitadas da população». A este respeito, Paulo Martins acusou o Executivo madeirense de não «impedir a aplicação das medidas antipopulares do Governo central». A hipótese, que tem vindo a ser levantada pelo presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim, de ser instalada na região uma zona franca industrial, mereceu

igualmente o repúdio do dirigente da UDP.

Por outro lado, no projecto de resolução sobre as orientações políticas para a região, a UDP critica tudo e todos. Assim, depois de considerar a necessidade de formação de listas unitárias e populares, tendo como objectivos primordiais os conceitos do Funchal, Machico, Câmara de Lobos e Santa Cruz, o texto analisa a actividade das outras forças políticas do arquipélago.

Como objectivos primordiais, a campanha a ser lançada pela União Democrática Popular pretende «infligir derrotas ao PSD, impedir a aliança PS/PSD dando fortes machadadas nos socialistas, evitar a deslocação de votos populares para o CDS e combater a influência reformista do PCP».

Relembra-se que a UDP dispõe de dois deputados na Assembleia Regional que, segundo a organização, ali desenvolvem «uma oposição revolucionária».

Sindicato dos Jornalistas quer concretizar filiação na FIJ e na OIJ

Um dos actos mais importantes da vida do Sindicato dos Jornalistas, após o 25 de Abril, foi a formalização da sua ligação às grandes organizações internacionais de jornalistas, a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) e a Organização Internacional de Jornalistas (OIJ).

Esta decisão tomada por voto directo da classe em assembleia geral de 7 de Abril de 1978, culminou o longo período de isolamento relativamente ao movimento sindical internacional, a

que o sindicato foi obrigado pelo antigo regime.

A filiação simultânea na FIJ e na OIJ resultou, como é conhecido, da necessidade de preservar, para lá das divergências de vária ordem, a unidade do sindicato e da classe. Esta circunstância foi, após demoradas negociações, compreendida pelas duas organizações internacionais.

Na altura, porém, os Estatutos da FIJ e da OIJ não previam a dupla filiação, a não ser como

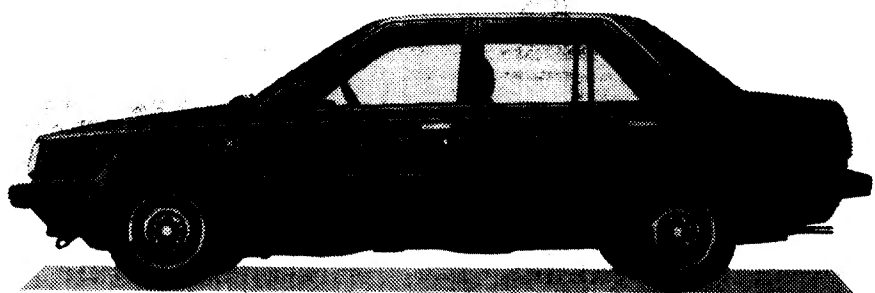
membros «associados» — isto é, sem direito a eleger e a ser eleitos. Essa situação não impediu a nossa participação nas reuniões e congressos das duas organizações com quem o Sindicato dos Jornalistas tem vindo a estreitar laços de solidariedade.

Por sua vez, tanto a FIJ como a OIJ intervieram repetidas vezes a favor dos jornalistas portugueses, cabendo-lhes ainda ter proporcionado a realização de algumas missões comuns, facto que, se não é inédito, é pelo

menos raro na prática das duas organizações.

Entretanto, quer a FIJ, quer a OIJ introduziram nos seus estatutos as alterações necessárias de forma a contemplar situações de dupla filiação, como a pretendida pelo Sindicato.

Assim, a Direcção do SJ considera que, removida esta dificuldade por parte da FIJ e da OIJ, é tempo de o Sindicato dos Jornalistas formalizar a sua inscrição como membro filiado das duas organizações.



NISSAN SUNNY

O MELHOR AMIGO DA FAMÍLIA

Novo motor de 1300 c.c. e de 1500 c.c. *
* equipado de origem com AR CONDICIONADO

 **ENTREPOSTO COMERCIAL**
veículos e máquinas, s.a.r.l.

Praça José Queirós, 1 Olivais Sul, 1899 LISBOA CODEX.

 **NISSAN**

• CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

RELATÓRIO E CONTAS DE 1983

O presente relatório dá conta dos aspectos mais relevantes que assinalaram a vida da União de Bancos Portugueses, no decorrer do exercício de 1983.

Precederá, contudo, uma referência aos condicionamentos económicos e financeiros internacionais e nacionais, a que a actividade bancária é particularmente sensível. E, das referências feitas à evolução da economia portuguesa, poderá concluir-se que em 1983 não foi um ano propício ao desenvolvimento da actividade das instituições bancárias, em Portugal.

Em conformidade com a estratégia definida e expressa nos objectivos e programas de actividade estabelecidos para 1983, continuou a expansão geográfica do Banco, tanto internamente com a abertura de mais seis balcões, como no estrangeiro, onde se alargou a rede de correspondentes e se estabeleceram relações com novas instituições bancárias, sendo de realçar, ainda, a integração na rede internacional de comunicações SWIFT.

Deram-se passos significativos na organização e modernização da UBP, em conjugação com o Plano Director de Informática — PDI, com reflexos na qualidade dos serviços prestados aos clientes, nomeadamente através do teleprocessamento.

Ao desenvolvimento do PDI, seguiu-se o lançamento de planos directores incidindo na gestão de recursos humanos, na estrutura de direcção (management) e na desburocratização, e procedeu-se à reestruturação da actividade de «marketing». Visam estas acções a revitalização do Banco, tendo como ideia força e mola propulsora uma mentalidade de gestão verdadeiramente empresarial, a todos os níveis de direcção.

A intensificação da formação profissional foi, por isso, facto marcante, tendo o investimento nesta área mais que duplicado por comparação com o seu valor em 1982.

As acções empreendidas situam-se no domínio das medidas de fundo, cujos efeitos não são, por isso, imediatos, mas que irão determinar favoravelmente a evolução futura do Banco — não obstante os condicionamentos que continuam a afectar a banca portuguesa em geral e aquele que, adicionalmente, têm afectado a UBP, em particular.

De facto, a expansão do Banco em termos de Activo total foi moderada e condicionada pela evolução do crédito concedido que, sujeito ao regime de enquadramento e a uma taxa de expansão inferior à de 1982, teve um crescimento de apenas

14,4%, não absorvendo mais que 55% dos depósitos.

O custo destes porque vem assumindo peso crescente na estrutura dos custos totais, em sentido inverso ao da evolução dos proveitos de operações activas, não permitiu que os resultados atingissem expressão mais significativa.

Cabe referir, neste contexto, que as remessas de emigrantes, sendo um vector importante, essencialmente devido ao seu alcance nacional, continuaram a merecer especial atenção da UBP, apesar da sua onerosidade em termos de encargos.

A consolidação de um maior nível de rentabilidade tem sido contrariado também pela permanência de «activos rígidos», recebidos com as instituições fusionadas ou surgidas posteriormente e cuja conversão ou desbloqueamento, não dependentes da UBP, se têm processado a ritmo excessivamente lento. De igual forma, não pode considerar-se circunstância favorável o facto de ser reduzido o número de elementos do Conselho de Gestão em exercício de funções.

Remediadas as situações apontadas que afectam ainda o seu funcionamento a UBP, sob o impulso das medidas em curso, poderá ocupar no sistema bancário

português a posição que corresponda ao nível do seu potencial e aos recursos humanos de que dispõe.

Assinalando a importância crescente que o Banco vem atribuindo à política de pessoal, publicar-se-á também, pelo segundo ano consecutivo, uma súmula do Balanço Social.

Ao apresentar o Relatório das actividades de 1983, o Conselho de Gestão deseja distinguir:

- As Autoridades Tutelares, pelo interesse e clima de diálogo mantidos na apreciação das situações particulares da UBP;
- A Comissão de Fiscalização, pela colaboração prestada;
- Os nossos Clientes, pela preferência e confiança com que continuaram a honrar-nos e a quem, afinal, se dirige a nossa acção;
- Aos trabalhadores que, com dedicação, têm implementado as acções que progressivamente vão assegurando a expansão e a consolidação da União de Bancos Portugueses.

ÓRGÃOS SOCIAIS

Por decreto do Sr. Presidente da República n.º 17/83, de 18 de Junho, foi nomeado Secretário de Estado do Tesouro, o Sr. Dr. António de Almeida, presidente do Conselho de Gestão, ficando o seu mandato suspenso.

O Sr. Dr. António Manuel Martins Pereira Marta, nomeado membro do Conselho de Gestão da UBP em 26 de Julho de 1979, continua com o seu mandato suspenso desde 25 de Fevereiro de 1981, estando a desempenhar funções de Presidente da Comissão para a Integração Europeia.

Já em 1984, por despacho conjunto da Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério das Finanças e do Plano, de 20 de Janeiro o Sr. Dr. José Manuel Castro da Rocha foi nomeado vice-presidente do Conselho de Gestão da UBP, em substituição do Sr. Dr. Fernando Pires de Matos, então designado presidente do Conselho de Gestão do Banco Borges & Irmão.

Na Comissão de Fiscalização, o Sr. Dr. João José Gonçalves de Sousa substituiu, em 16 de Abril de 1983, o Sr. Dr. Armando Luís Vieira de Magalhães, como representante dos trabalhadores.

BALANÇO EM 31 DEZEMBRO DE 1983

CONTAS	Activo bruto	Provisões, amortizações e menos-valias	Activo líquido	CONTAS	Passivo
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	20 721 069 271\$17		20 721 069 271\$17	Depósitos à Ordem	43 116 659 596\$74
Valores a Cobrar	11 680 167 614\$08		11 680 167 614\$08	Depósitos com Pré-Aviso	4 065 317\$95
Depósitos e Aplicações Noutras Instituições de Crédito no País	16 544 428 363\$14		16 544 428 363\$14	Depósitos a Prazo	135 655 414 650\$69
Depósitos no Estrangeiro	6 492 662 107\$94		6 492 662 107\$94	Depósitos de Poupança	5 697 344 778\$55
Notas e Moedas Estrangeiras e Ouro	592 253 142\$92		592 253 142\$92	Depósitos Obrigatórios	490 967\$30
Crédito Concedido	119 880 180 742\$94	4 592 024 019\$77	115 288 156 723\$17	Cheques e Ordens a Pagar	2 253 466 751\$22
Acções, Obrigações e Quotas	15 628 221 829\$59	40 595 304\$45	15 587 626 525\$14	Recursos Consignados	80 563 521\$41
Aplicações de Recursos Consignados	2 051 436\$30		2 051 436\$30	Outros Recursos	3 014 517 913\$42
Devedores	5 392 300 590\$08		5 392 300 590\$08	Credores	1 712 809 766\$08
Participações Financeiras	380 735 847\$75		380 735 847\$75	Contas Diversas	19 903 995 423\$95
Imóveis	4 333 169 200\$12	1 210 778 289\$27	3 122 390 910\$85	Provisões para Riscos Diversos	26 965 353 376\$08
Equipamento	1 276 441 244\$99	698 514 343\$90	577 926 901\$09	Capital	4 000 000 000\$00
Outras Imobilizações	1 000 657 760\$14	197 748 039\$42	802 909 720\$72	Reservas	274 758 046\$85
Contas Diversas	19 123 341 159\$81		19 123 341 159\$81	Resultado do Exercício	89 722 478\$20
	223 047 680 310\$97	6 739 659 996\$81	216 308 020 314\$16		216 308 020 314\$16

CONTAS EXTRAPATRIMONIAIS	
Valores Recebidos em Depósito	20 194 046 764\$81
Valores Recebidos para Cobrança	8 322 351 916\$24
Valores Recebidos em Caução	41 249 455 515\$63
Garantias e Avals Prestados	20 083 914 373\$96
Créditos Abertos	953 910 949\$40
Aceltes em Circulação	4 491 607 383\$54
Valores Dados em Caução	180 000 000\$00
Vendas a Prazo	1 625 000\$00
Outras Contas Extrapatrimoniais	4 965 679 584\$10

O DIRECTOR DO DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
Horácio Santos Ferreira

O CONSELHO DE GESTÃO
Fernando Pires de Matos/Vice-presidente
José Marques de Almeida
João Assunção Fernandes
Manuel Maria Marinho Barbosa



José L. Judas no Congresso dos Metalúrgicos

Sobrevivência do Governo depende de uma alternativa democrática

O dirigente da CGTP-In, José Luís Judas afirmou ontem que «a sobrevivência do Governo passou a depender muitíssimo mais do aparecimento de uma alternativa democrática do que propriamente da sua acção e iniciativa».

José Luís Judas, que fazia a intervenção final no Congresso da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos e Mineiros, iniciado sexta-feira última em Sacavém, apelou à participação massiva dos trabalhadores e do povo na «jornada nacional de luta do dia 2 de Junho, em Lisboa».

O dirigente sindical salientou como factor negativo da actual situação política «a continuação no poder de um Governo que atenta contra o nível de vida do povo, os seus direitos e liberdades, que cria mecanismos de repressão

policial que amarra o País ao imperialismo e afunda a economia».

Como elementos positivos apontou «a combatividade do movimento operário no 25 de Abril e no dia 1.º de Maio deste ano, facto que — disse — surpreendeu aqueles que diziam estar o movimento operário a perder força, a aproximação dos democratas do 25 de Abril, que voltou a juntar civis e militares em iniciativas convergentes com o movimento sindical e as contradições e desorientações no seio do Governo, patentes nas dificuldades em torno da apregoada remodelação ministerial que num dia avança e no outro recua».

Revogação dos aumentos de preços

Os delegados aprovaram várias moções e uma resolução que

resume a posição do Congresso face à situação política e social presente, «repudiando os despedimentos, o encerramento de empresas, os ataques ao sector público, a tentativa de revisão das leis do trabalho, os aumentos de preços, o reforço das medidas repressivas» e apelando, finalmente, à participação na manifestação do dia 2 de Junho.

A revogação dos últimos aumentos de preços decretados pelo Governo foi também reivindicado pelo 3.º Congresso dos Metalúrgicos. A exigência consta de um caderno reivindicativo de oito pontos aprovado pelos cerca de 500 delegados presentes, provenientes das empresas de todo o País e que representam mais de 200 mil trabalhadores.

Administração do Alfeite despejou instalações da CT

A administração do Arsenal do Alfeite procedeu no passado sábado ao despejo das instalações da comissão de trabalhadores. De acordo com uma fonte da CT, a acção foi precedida de uma ordem de serviço em que nominalmente eram intimados os 24 trabalhadores que participaram na operação, sob a ameaça de castigo até 200 dias caso se recusassem a comparecer.

«Até foram buscar as pessoas a casa, numa carrinha», adiantou ao «DL» a mesma fonte, que referiu ainda o facto de, no sábado, a GNR ter ficado a guardar o portão principal de acesso ao Arsenal enquanto decorria a referida acção de despejo. Ao mesmo tempo, os trabalhadores que iam entrar normalmente ao serviço, eram impedidos de entrar e mandados para casa.

Todo o material da CT foi retirado das instalações, ocupadas

desde 1974, que foram posteriormente seladas estando assim vedado todo o acesso.

«Nem a placa com o nome do Comodoro Carvalho Afonso, primeiro administrador a seguir ao 25 de Abril e que os trabalhadores muito estimam, eles respeitaram», disse aquele membro da CT.

Os cerca de três mil trabalhadores do Arsenal do Alfeite tinham realizado um plenário na semana passada durante o qual, além de se pronunciarem contra as anunciadas tentativas de despejo da CT, tinham exigido a demissão de um administrador e a publicação dos estatutos do Sindicato dos Trabalhadores dos Estabelecimentos Fabris das Forças Armadas, pois só assim poderão legalmente organizar-se e defender os seus direitos e interesses.

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1983

CONTA DE EXPLORAÇÃO			
DÉBITO	MONTANTE	CRÉDITO	MONTANTE
Custo de Operações Passivas	31 900 677 984\$24	Proveitos de Operações Activas	31 657 473 804\$09
Custos com Pessoal	3 854 575 365\$80	Proveitos de Serviços Bancários	867 098 326\$62
Remunerações dos Órgãos de Gestão e		Proveitos de Outras Operações Bancárias	2 517 095 092\$76
Fiscalização	10 982 855\$10	Rendimentos de Títulos de Crédito e de	
Remunerações de Empregados	2 952 435 955\$30	Participação em Finanças	2 875 439 094\$40
Encargos Sociais Obrigatórios	876 482 452\$60	Outros Proveitos Bancários	91 679 067\$13
Outros Custos com Pessoal	14 674 102\$80	Proveitos Inorgânicos	52 408 532\$75
Fornecimentos de Terceiros	177 846 935\$10		
Serviços de Terceiros	707 196 566\$50		
Outros Custos Bancários	183 715 766\$23		
Impostos	13 834 752\$20		
Custos Inorgânicos	4 597 853\$81		
Dotações para Amortizações	269 334 261\$60		
Dotações para Provisões	883 051 073\$60		
Lucro de Exploração	66 363 358\$67		
TOTAL	38 061 193 917\$75	TOTAL	38 061 193 917\$75
CONTA DE LUCROS E PERDAS			
DÉBITO	MONTANTE	CRÉDITO	MONTANTE
Perdas Relativas a Exercícios Anteriores	311 897 609\$91	Lucro de Exploração	66 363 358\$67
Perdas Excepcionais	14 864 501\$50	Lucros Relativos a Exercícios	
Dotações para Impostos sobre Lucros do		Anteriores	50 045 118\$90
Exercício	20 000 000\$00	Lucros Excepcionais	68 777 474\$59
Resultado do Exercício	89 722 428\$20	Provisões Utilizadas	251 298 587\$45
TOTAL	436 484 539\$61	TOTAL	436 484 539\$61

O DIRECTOR DO DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
Horácio Santos Ferreira

O CONSELHO DE GESTÃO
Fernando Pires de Matos/Vice-presidente
José Marques de Almeida
João Assunção Fernandes
Manuel Maria Marinho Barbosa

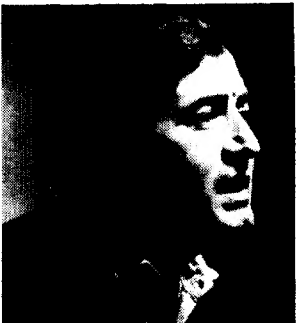
Aprovado pelo despacho n.º 1101/84 de 22/5 do senhor Secretário de Estado do Tesouro

de ontem para hoje

Colhido mortalmente por toiro na largada da Feira da Moita

Um aficionado que ontem assistia a uma largada de toiros na Feira de Maio da Moita foi colhido gravemente vindo a falecer no Hospital de São José. Américo André de Aguiar encontrava-se junto à Sociedade Filarmónica Capricho de Moita quando um toiro investiu contra ele atirando-o ao chão. Transportado para o Hospital de São José, Américo de Aguiar faleceu pouco depois de ter dado entrada na urgência.

Dois nomes para ruas de Beja



Adriano Correia de Oliveira e António Gonçalves Correia serão respectivamente nomes de praça e de rua na cidade de Beja, por decisão da Câmara local. António Gonçalves Correia, um dos membros da «Comuna da Luz», defensor de ideias anarquistas foi «um opositor declarado regime fascista». Usava longas



barbas que jurara cortar quando Salazar morresse, só que o ditador de Santa Comba sobreviveu-lhe alguns anos. Quanto a Adriano, a moção aprovada pela edilidade pax-juliana, homenageia-o como «um dos mais corajosos cantores de intervenção deste país».

Cadáver de pastor de treze anos

Nos arredores do lugar de Amiais, Penalva do Castelo, foi encontrado o cadáver do pequeno António Manuel Lopes de Almeida, de treze anos, pastor, que desaparecera no passado dia 10. Junto ao corpo estava um frasco de veneno para escaravêlo, pelo que as autoridades suspeitam que o garoto se tenha suicidado, com medo de represálias dos avós, com quem vivia, após ter perdido de vista as ovelhas que apascentava. Há meses António fora repreendido asperamente pelos avós ao chegar a casa sem os animais.

João Camarada homenageado no Algarve

João Camarada, o atleta amador algarvio que atravessou recentemente os EUA a correr, foi ontem homenageado em Vila Real de Santo António, sua terra natal. Emigrante na África do Sul, João Camarada, de 43 anos, percorreu os quatro mil quilómetros que separam a Costa Oeste da Costa Leste dos Estados Unidos em pouco mais de dois meses. O atleta partiu de Los Angeles a 15 de Março último e terminou o percurso a

19 de Maio. Nas últimas etapas chegou a fazer uma média de cem quilómetros por dia. «Numa época em que entrar no «Guinness Book» começou a ser uma doença em Portugal convém realçar que João Camarada cometeu esta proeza apenas pelo prazer de correr e para sensibilizar as pessoas para o exercício físico» — salientou Fernando Reis, do «Jornal do Algarve», entidade que promoveu a homenagem.

«Festa da Vitória na Secundária da Damaia»

Ao contrário do que escrevemos nesta mesma secção, na nossa edição do passado dia 23, sob o título «Festa da Vitória na Secundária da Damaia», a Lista A, que ganhou as eleições naquela estabelecimento, não concorreu sob o sigla de «unitária de esquerda», mas sim como «unitária de Escola» (a nível cultural, desportivo e associativo). No que diz respeito à Festa, segundo foi afirmado ao «DL» por dois porta-vozes da referida lista, Duarte Saiguel e Raul Valente, foi organizada pela Secção Cultural da Escola, integrada por alunos, professores e funcionários, a qual irá organizar ainda este ano lectivo excursões à Nazaré e Sagres, um concerto «rock», um concurso de fotografia, para além de editar um jornal.

Contumélias escreve para crianças

Mário Contumélias, jornalista e poeta (nesta qualidade já foi autor de várias letras para canções) acaba de fazer uma incursão na difícil área da literatura infantil, ao publicar «O Pastor de Vulcões», seis histórias ilustradas por Carlos Freitas. Com este livro repleto de referências ao nosso quotidiano (poluição, prédios superlotados), o autor afirma pretender contribuir para o diálogo entre pais e filhos, tão esquecido na voragem do nosso difícil viver. Alguns títulos das histórias: «O Bêrço que queria ser Cama», «O Pescador de Sonhos», «A Estrela que caiu do Céu». Mário Contumélias dedica este livro aos seus filhos e a



todas as crianças deste país de brandos vulcões, pedindo-lhes que continuem a mostrar-nos os caminhos dos sonhos.

Armas de guerra descobertas em Braga

A Polícia Judiciária de Braga procura descobrir a origem das armas de guerra encontradas pelo agricultor Manuel Gomes Machado, na sua quinta em Tejo, freguesia do Prado, no concelho de Vila Verde. As armas (seis espingardas metralhadoras G-3, e ainda 184 munições, vinte carregadores, e seis balas de pistola, calibre 7.62) estavam metidas numa caixa de ferro, enterrada a uma profundidade de cerca de 20 cm.

Vice-presidente dos polícias europeus ao «DL»

‘Só quem tem medo da democracia é que teme um sindicato da polícia’

«É inconcebível que a Polícia, que faz respeitar a liberdade num País, não tenha direito a essa mesma liberdade. E, do mesmo modo, também é difícil perceber que, pretendendo Portugal integrar a CEE, não queira respeitar, no caso concreto da PSP, as normas que regem as Polícias europeias e a sua organização sindical».

Foi-nos isto dito por um homem com nome e com responsabilidades no seio das Polícias europeias. Chama-se Bernard de la Place, tem 41 anos e desde 1971 que desenvolve actividades sindicais. É o actual secretário-geral da Federação Autónoma dos Sindicatos da Polícia Francesa e vice-presidente da União Internacional dos Sindicatos da Polícia (UIP), onde estão filiados 480 mil associa-

Antigo mineiro no Norte de França, Bernard de la Place ingressou na Polícia em 1964. Em França não se entra para a Polícia pela via militar — como em Portugal, ao nível do comando —, mas através de uma escola apropriada. Nessa, o candidato a agente prepara-se durante oito meses, com vista ao teste final, a um cuidado exame. «Hoje, disse Bernard de la Place ao «DL», temos 85 mil agentes nessas condições e com essa preparação».

Bernard de la Place não viajou até Portugal para falar da organização policial francesa. Este polícia sindicalista, com a calvície adiantada, veio até nós para participar no II Congresso dos Magistrados Judiciais Portugueses. A convite da Comissão Coordenadora da Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP, esteve ontem na sua sede, na Calçada do Combro.

«Não faz sentido — disse ao «DL» — que o Governo aceite a sindicalização da Polícia Judiciária e da magistratura e não permita a sindicalização da Polícia fardada. É uma prova de desconfiança inaceitável, considerando a UIP indispensável que o Governo português perceba, se defende a democracia, como diz, que o comando das Polícias nunca se pode confiar a militares. Isto é: torna-se fundamental desmilitarizar a Polícia, não pode haver elementos estranhos à própria Polícia a comandá-la».

Para o secretário-geral da FASP o comando da Polícia de um país democrático e europeu não pode ser exercido por um militar: «Os militares treinam-se para a guerra, nós para defender a liberdade. É essa a barreira que separa Polícias de militares,



Comissário Joaquim Santinhos, «desterrado» por Almeida Bruno para Bragança, troca impressões com o vice-presidente da UIP sobre a luta da Comissão Coordenadora da Pró-Associação Sindical da PSP

se bem que estes, em tempo de paz, tenham um certo apetite para cargos administrativos e compensadores».

«A Polícia não existe para defender regimes»

A deslocação que Bernard de la Place ontem fez à sede da Comissão Coordenadora da Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP visou manifestar-lhe o apoio e solidariedade não apenas da FASP (Polícia francesa), mas também da UIP. E, sobretudo, tornar público o apreço de ambas as organizações «pela coragem da Comissão Coordenadora da Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP, cujos elementos têm sabido resistir a todas as pressões e à repressão sobre eles exercida, com grande consciência cívica e profissional». Isso só é possível, acrescentou-nos, mercê «de um elevado grau de preparação e competência» e de «extraordinária capacidade de percepção do modo como a sua luta deve ser conduzida».

— Quais são, portanto, as iniciativas que a FASP e a UIP vão desencadear para a pressão a sindicalização da PSP? — questionámos.

«Nós entendemos, quer a Federação Autónoma dos Sindicatos Franceses quer a União Internacional dos Sindicatos de Polícia, que só quem tem medo da democracia, quem a diz defender, mas na prática não o faz, é que não deixa que a Polícia se sindicalize. Tal situação não pode continuar aqui, porque a Polícia não existe para defender

regimes, mas para proteger o povo, de que emana, de onde vem. Servir o povo e a Nação, que estão acima de qualquer regime».

Bernard de la Place acrescenta:

«Numa primeira fase, depois do meu regresso a Paris, vou comunicar ao presidente do «bureau» Internacional dos Sindicatos da Polícia o resultado dos contactos que aqui tenho estabelecido, de modo a que, no mais curto espaço de tempo, este os faça chegar ao ministro do Interior francês, que é amigo pessoal de Mário Soares e do primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez».

O actual ministro do Interior francês é o «eterno» «mire» (presidente da Câmara Municipal) de Marselha, Gaston Defferre, de nome, que visitará Portugal depois de Julho, confiou-nos o secretário-geral da FASP, na sua qualidade de elemento do directório do PS francês e da Internacional Socialista. Como Defferre é amigo particular do Primeiro-Ministro português, Bernard de la Place admite que os seus auspícios sejam determinantes para que a liberdade sindical venha a ser um facto em Portugal, independentemente do que o projecto de lei sobre a segurança interna (que o secretário-geral da FASP disse conhecer, através dos jornais, em linhas gerais) vier a consagrar sobre organização sindical da Polícia.

Cartas ao Governo e pedido a Defferre

Essa não será a única diligência que Bernard de la Place e a UIP promoverão. Nos seus pro-

jectos, e porque «não há tempo a perder», acentua, estão ainda contactos com os ministros portugueses do Trabalho (Amândio de Azevedo) e da Administração Interna (Eduardo Pereira), para além do Primeiro-Ministro, e um acompanhamento sistemático de toda a actuação nacional nos órgãos europeus.

De acordo com Bernard de la Place, a UIP, que dispõe de um observador das Nações Unidas e de uma delegação no Conselho da Europa, vai alertar ambos os órgãos para situação em que se encontra a PSP, proibida de exercer um direito que compete a todos os trabalhadores nos países democráticos, bem como a Comissão Europeia dos Direitos do Homem.

O secretário-geral da FASP encara a possibilidade deste ano voltar, uma vez mais, a Portugal, para contactos com a CGTP e a UGT, no sentido da sindicalização da PSP, animado do sonho de ver «a bacia mediterrânica a respeitar os direitos e liberdades dos polícias que vestem farda», desde a Grécia a Portugal, com a Espanha ao lado.

«Se há, em Portugal, um regime civil e uma justiça civil, é intolerante que o comando da sua polícia pública seja militar. E, quando assim, não se está em autêntica democracia. Por isso, como disse acima, os camaradas portugueses da Polícia portuguesa, vítimas da repressão da direcção policial militar, merecem-nos todo o respeito e admiração como combatentes das liberdades».

Júlio Rodrigues: texto
José Tavares: foto

Por parte do Movimento dos Deficientes das Forças Armadas

Protesto contra presença de Kaúlza na Feira do Livro da ADFA

Os sócios da ADFA integrantes do Movimento Nacional de Deficientes das Forças Armadas, que contestam a orientação dos actuais corpos dirigentes daquela organização, distribuíram um comunicado no qual afirmam ter ficado «desagradavelmente surpreendidos» com uma notícia veiculada pela ANOP, na qual é anunciada a realização na sede da ADFA de uma feira do Livro «que reunirá obras sobre a guerra colonial da autoria dos mais variados autores desde Kaúlza de Arriaga até escritores e poetas de países africanos de língua oficial portuguesa».

Para os subscritores do comunicado «a Direcção Central

da ADFA perdeu totalmente a vergonha, pois que pretende promover e comercializar, dentro das suas paredes, no Palácio da Independência, em Lisboa, livros de Kaúlza de Arriaga, general fascista, mentor da operação «Nó Górdio», enquanto comandante militar de Moçambique, responsável por centenas, talvez mesmo milhares de mortos e estropiados, tanto portugueses como africanos».

Como a ADFA possui apenas uma sala para a Feira, «não será de espantar — refere o comunicado — que as obras de Kaúlza e Jorge Jardim, criador dos famigerados CEPS (Grupos Especiais de Pára-Quedistas) e outros, apareçam ao lado de obras

de Luandino Vieira, Manuel Ferreira, Agostinho Neto, Ferreira de Andrade, Bação Leal, Lobo Antunes, Modesto Navarro, António Calvino, João de Melo, Manuel Geraldo, Carmo Vicente, Assis Pacheco, Carlos Vale Ferraz, Sá Flores, Pepetela, esses sim que se bateram, e continuam a bater para a denúncia do colonialismo, e dos homens que o tornaram possível, seja levada até às últimas consequências».

Para o Movimento Nacional dos Deficientes das Forças Armadas «promover a Literatura fascista é uma acção condenável da parte dos actuais órgãos sociais da ADFA e encaixa-se decerto numa manobra mais vasta para retirar à ADFA o resto

do espírito que presidiu à sua fundação em 25 de Abril de 1974».

Face a tal situação, os «históricos» da ADFA afirmam-se dispostos «a tudo fazer, no campo democrático», para que tais autores colonial-fascistas (Kaúlza, Jardim, Santos e Castro, e quejandos) não estejam presentes na Feira do Livro que a Direcção da ADFA pretende realizar em finais de Junho próximo, «na base de que «toda a literatura sobre a guerra colonial ou o colonialismo que não tenha uma intenção libertadora, mas que antes tente veicular ideias neo-colonialistas ou fascizantes, deverá ser firmemente repudiada e combatida».

De Janeiro a Abril

Exportações para Espanha ainda abaixo da taxa de cobertura de 50 por cento

As exportações portuguesas para Espanha durante o mês de Abril atingiram o valor de 1906 milhões de pesetas, soube-se em fontes da Direcção-Geral das Alfândegas.

A importação de produtos espanhóis, durante o mesmo período, atingiu o valor de 8337 milhões de pesetas.

Durante o primeiro quadrimestre do ano, Portugal vendeu à Espanha produtos no valor de 10 213 milhões de pesetas, enquanto as vendas espanholas atingiram 26 514 milhões de pesetas.

A partir de 1 de Julho deste ano, deveriam entrar em vigor as normas em que se basearam os intercâmbios comerciais entre os dois países até à entrada de am-

bos na CEE.

Estas normas, de acordo com as decisões aprovadas na «cimeira» luso-espanhola de Novembro, substituem a segunda fase do «Anexo P» que regula as relações comerciais bilaterais, que deveria entrar em vigor a partir de 1 de Julho.

No entanto, apesar da proximidade da data, ainda não existe acordo entre os dois países. A última reunião negociadora a nível técnico teve lugar em Fevereiro deste ano, em Lisboa. Nessa ocasião decidiu-se realizar uma nova reunião dois meses depois, que até agora ainda não se verificou.

Fontes consultadas pela ANOP indicaram que existem contactos entre Lisboa e Madrid, através das Secretarias de Estado de Co-

mércio, para marcar uma nova reunião, que pode ter lugar nos próximos dias.

As autoridades espanholas apresentaram uma proposta, a que Portugal ainda não respondeu por divergências entre o sector da indústria e do comércio.

Enquanto o comércio defende uma posição mais liberalizadora, a indústria pretende uma atitude mais proteccionista em relação a Espanha.

Desemprego: 20 por cento

O número de desempregados em Espanha atingiu no primeiro trimestre de 1984 2 639 800 pessoas que representam 19,99 por cento da população activa, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística.

No final de Março, a percenta-

gem de desempregados era de 18,48.

Segundo os números da sondagem sobre a população activa realizada pelo Instituto Nacional de Estatística, em relação ao último trimestre do ano passado, a população activa diminuiu de 0,05 por cento e o desemprego aumentou 8,7 por cento.

A população activa é composta por 13 204 100 pessoas, que representam 37,72 por cento da população total.

Por sectores, os que procuram o primeiro emprego representam o maior número de desempregados (989 mil pessoas).

Na indústria e na construção há 458 mil e 456 mil desempregados, respectivamente, e nos serviços 563 mil.

Para evitar saída de divisas

Acordo de compensação com a URSS defendido em Lisboa

«As vantagens, para Portugal, de uma intensificação das relações económicas com a União Soviética, nomeadamente com a assinatura de um acordo de compensação, para evitar a saída de divisas, foram unanimemente apontadas pelos economistas que participaram no Encontro sobre as relações luso-soviéticas», disse José Francisco Nereu, ao fazer um balanço dos debates que ontem terminaram.

No encontro, promovido pela Associação Portugal-URSS, em Lisboa, participaram dezenas de especialistas que se debruçaram sobre questões da cooperação entre os dois países a nível de ciência, técnica, cultura, desporto, economia e de acções sociopolíticas e diplomáticas.

A existência de numerosos e

diversificados campos onde a cooperação com a URSS é desejada por entidades privadas e públicas e as dificuldades levantadas a essa cooperação por parte dos órgãos estatais foi um problema sistematicamente focado pelos intervenientes nos debates.

Foi classificado como injustificado o relevo que por vezes é dado ao défice da balança comercial com aquele país. Esse défice, que se cifra em cerca de três milhões de contos fica, no entanto, muito aquém dos défices que Portugal tem com os EUA e a RFA, por exemplo, que atingem várias vezes esse número. O saldo negativo deve-se à compra de petróleo à URSS, em 1983, no valor de sete milhões de contos, aproximadamente.

Soporcel não está à venda e só aceita sócios

Portugal está interessado em encontrar um sócio estrangeiro para a empresa de celulose «Soporcel», destinada à exportação de papel — disse aos jornalistas o ministro do Comércio, Álvaro Barreto.

O ministro fez a afirmação na Suécia onde se deslocou com o Primeiro-Ministro, numa visita oficial de dois dias àquele país.

Álvaro Barreto revelou que a empresa sueca «Pillerud» reafirmou, agora, o seu interesse na

compra da empresa. Portugal recebeu, ainda, propostas idênticas de mais dois grupos — um francês e um britânico — relativamente à «Soporcel».

O ministro frisou, no entanto, que a Soporcel não será vendida e que Portugal só aceita uma associação com capitais estrangeiros, desde que fique com a maioria do capital e que os sócios assegurem a tecnologia para a produção de papel.

em duas palavras

CRISE ECONÓMICA E POBREZA é o tema do colóquio previsto para os dias 14 e 15 de Junho, em Lisboa, e patrocinado pela Cruz Vermelha, a Caritas, a União das Misericórdias, a UNICEF e a União das IPSS.

As sessões vão decorrer na Fundação Gulbenkian e a análise do tema da pobreza na actualidade portuguesa será desdobrada em três sessões: «Caracterização da pobreza em Portugal», moderada por António Lage Raposo; «Políticas contra a pobreza», moderada pelo coronel Raul Cabarrão; e «Respostas institucionais», com Victor Sá Machado a moderar.

...

UMA JORNADA SOBRE BALANÇO SOCIAL vai ser organizada pela Associação Portuguesa dos Gestores e Técnicos dos Recursos Humanos e em que se conta reunir uma assembleia de 200 pessoas, no anfiteatro da Biblioteca Nacional.

Esta jornada foi marcada para o dia 6 de Junho e terá, da parte da manhã, duas conferências, por Eusébio Marques de Carvalho (Balanço social da gestão empresarial) e Furtado Fernandes (Resultados da discussão pública sobre o projecto de lei do balanço social), e, da parte da tarde, a apresentação de um modelo de balanço social, seguido de debate por um grupo de trabalho com elementos responsáveis do pessoal de 15 empresas importantes.

...

O BANCO ESPÍRITO SANTO acaba de editar uma brochura com a conferência que o seu técnico Luís Rego, também assistente da Faculdade de Economia do Porto, proferiu, recentemente, num colóquio organizado pela Associação Portuguesa dos Industriais de Curtumes.

O colóquio realizou-se no quadro da FIPELE/83 e a conferência de Luís Rego, agora editada pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, trata do «Significado económico da adesão de Portugal à CEE — ilações para a indústria de curtumes e calçado».



HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO

ESPECIAL FÉRIAS/84

APESAR DE TUDO NÃO DEIXE DE FAZER FÉRIAS ESTE ANO.

VOCÊ PRECISA MESMO DE UMAS FÉRIAS TRANQUILAS.

7 DIAS: 7700\$00 P.P., EM QUARTO DUPLO NOS MESES DE MAIO/JUNHO OU 9100\$00, EM JULHO/SETEMBRO, É A POSSIBILIDADE QUE O HOTEL DO PARQUE LHE OFERECE NO SOSSEGADO AMBIENTE DAS SUAS 4 ESTRELAS. 2 PISCINAS CLIMATIZADAS NO VERDE NATURAL DO ALTO MINHO, ALÉM DE AGRAVÁVEIS SURPRESAS.

(SUPLEMENTO PARA O MÊS DE AGOSTO 2800\$00)

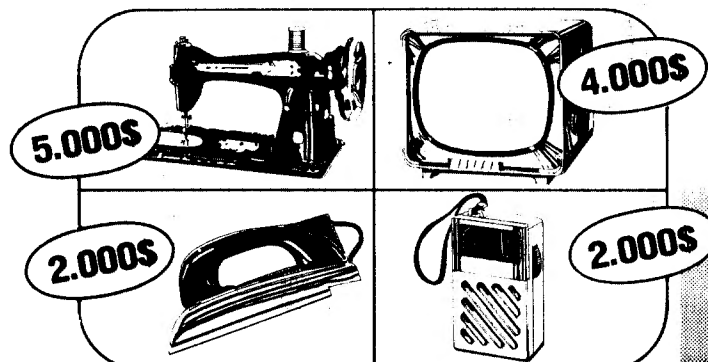
PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO «ESPECIAL FÉRIAS/84», POR ESCRITO C.P. 4900 —

ATRAVÉS DOS TELEF. 24151/5, TELEX 32511 OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS.

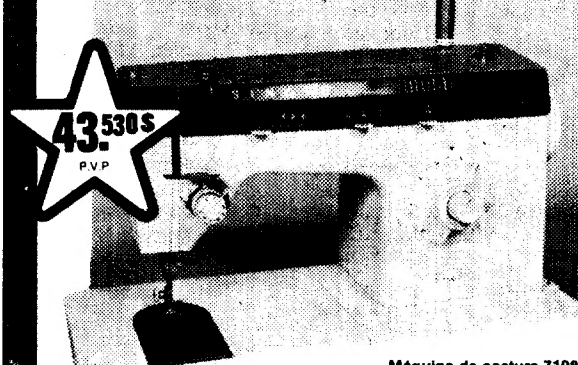
— AGUARDAMOS A SUA RÁPIDA CONSULTA QUE DESDE JÁ AGRADECEMOS —

FANTÁSTICA CAMPAÑA DE TROCAS

GANHE COM A TROCA UMA CHUVA DE ESTRELAS



• Aproveite agora! Troque os seus velhos electrodomésticos por estes magníficos electrodomésticos Singer. E faça o seu dinheiro brilhar!



Máquina de costura 7108

• Trabalha com discos • Motor e luz incorporados • Bobine de colocação instantânea • Zigue-zague automático • Caseador automático • Qualidade e garantia Singer.



Máquina de lavar roupa SLR 2.000

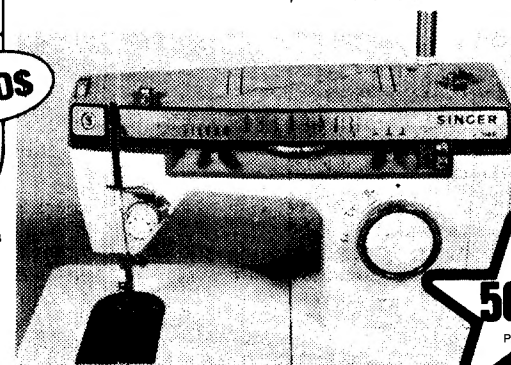
• Robusta e elegante • 12 programas independentes • Programa especial para lãs • Possibilidade de execução de todos os programas a frio • Capacidade de 5 kg

Frigorífico S. 300

• Descongelamento e evaporação automáticas • Cubos de chapa de aço com tratamento especial (isenção de cheiros e de contaminações) • Capacidade de 300 litros

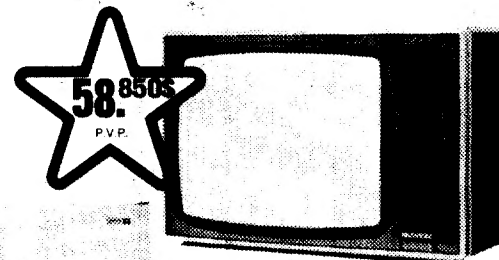
• É quanto valem a sua máquina de costura, o seu ferro de engomar, o televisor ou o rádio já antigos. E V. ganha com a troca as estrelas da Singer.

• O valor do velho electrodoméstico que trouxe é automaticamente descontado no preço indicado de um destes electrodomésticos novos que V. escolher.



Máquina de costura 7186

• Selecção directa dos pontos • 18 pontos incorporados • Motor e luz incorporados • Zigue-zague elástico • Costura e remata em simultâneo • Qualidade e garantia Singer.



Televisor ST 51 II

• Antena própria • Ecran de 51 cm • Fidelidade de cor • Controle automático de frequência



Music center SM 5237

• Rádio - giradiscos - gravador stereo • Sistema dolby • Colunas de 2 vias



SINGER

Uma Marca de Fábrica da THE SINGER COMPANY

24 horas

Guerra no Líbano

Pelo menos sete pessoas ficaram feridas em consequência de violentos combates e bombardeamentos registados durante o fim-de-semana em Beirute — revelaram hoje fontes locais. No sul do Líbano, mais quatro pessoas ficaram feridas depois de um jogo de futebol na cidade de Sidon, quando atiradores abriram fogo sobre adeptos da equipa vencedora.

Moratória

O jornal soviético «Pravda» revelou, num artigo publicado na sua edição com data de hoje, que a União Soviética «decretou uma moratória unilateral sobre a colocação em órbita de armas anti-satélite, enquanto os demais países assim procederem». Num extenso artigo dedicado ao problema da militarização do Espaço, o órgão central do Partido Comunista Soviético

afirma que a URSS advoga «a proibição total dos testes e da instalação no Cosmos de todas e quaisquer armas de estacionamento espacial, destinadas a atingir alvos em terra e no espaço aero-cósmico», bem como a renúncia à criação de novos sistemas anti-satélite e a liquidação dos sistemas semelhantes já existentes».

Antinuclear

Cerca de 100 mil pessoas manifestaram-se hoje nas imediações de várias bases norte-americanas e de várias bases norte-americanas no Japão, para protestar contra a instalação de mísseis de cruzeiro «Tomahawk» em navios de guerra dos Estados Unidos. A principal manifestação ocorreu próximo da base de Yokosuka, a sul de Tóquio, onde umas 22 mil pessoas, segundo a Polícia e 42 mil, de acordo com os organizadores, aprovaram uma resolução apoiada pelo Partido Comunista Japonês, na qual se pede a abolição total das armas nucleares e bem assim o desmantelamento dos mísseis soviéticos «SS-20» instalados no continente asiático.

Captura em Moçambique

Até agora as Forças Armadas Moçambicanas capturaram quatro mil «bandidos», afirmou no Maputo, Rodrigues Mondlane, secretário da Organização do Partido Frelimo na capital. Mondlane disse

que o inimigo (membros da Renamo) tenta agora reconstruir as bases anteriormente destruídas pelas forças militares moçambicanas, e alertou a população para as tentativas de infiltração na cidade.

Eleições no Egipto

Partido de Mubarak vai à frente

Os primeiros resultados das eleições parlamentares realizadas domingo no Egipto mostram hoje o partido do presidente Hosni Mubarak à frente com 75 por cento dos votos.

A Imprensa governamental noticiou que resultados preliminares no Cairo e Alexandria, as duas maiores cidades do país, assim como em distritos provinciais, indicam que o Partido Democrático Nacional (PDN) lidera com 60 a 90 por cento dos votos dependendo das circunscrições eleitorais.

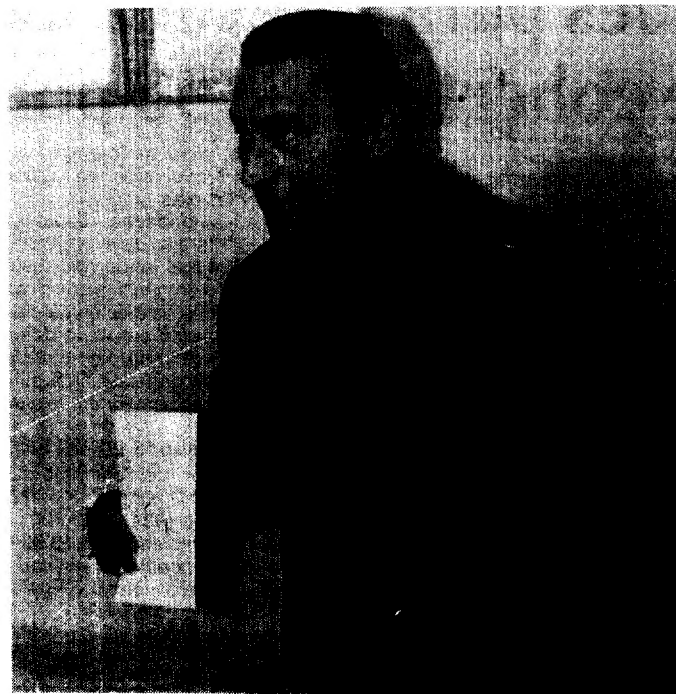
O partido de centro-direita «Nova Wafd» está em segundo lugar, seguido do Partido Trabalhista Socialista (centro-esquerda), do Partido Progressista Unionista (pró-Moscou) e do Partido Liberal.

O ministro do Interior, Hassan Abu Basha, informou que os resultados finais só serão conhecidos terça-feira. No entanto, se a actual tendência continuar, é provável que só os três grandes partidos fiquem representados no Parlamento, que terá 448 lugares.

No âmbito da lei egípcia, os partidos precisam obter 8 por cento dos votos a nível nacional para poderem ter representação parlamentar.

Nas eleições de domingo, que Mubarak prometeu serem abertas e justas, concorreu o maior número de partidos desde o golpe de Estado de 1952 que derrubou a monarquia.

Estas foram as primeiras eleições parlamentares desde que Mubarak assumiu o poder em 1981, tendo tido sido consideradas como um grande teste à sua liderança política.



O presidente Mubarak no momento em que exercia o seu direito de voto (Telefoto NP/UP/DL)

Poucas horas depois do encerramento das urnas, o presidente da «Nova Wafd», Foad Serageddin, denunciou que as eleições foram «as piores que o Egipto testemunhou desde que a sua vida parlamentar começou em 1924».

«As fraudes, irregularidades e violência por parte do partido governamental foram cometidas abertamente e sem vergonha», lamentou.

A afluência às urnas decorreu de forma moderada no Cairo e Alexandria, assim como noutros

pontos do país, entre os 13 milhões de eleitores.

Políticos da oposição acusaram activistas do partido governamental de terem fomentado a violência e destruído urnas e boletins de voto em algumas províncias.

A agência noticiosa oficial «Mena» referiu-se a «alguns excessos» que prejudicaram a votação em certas áreas não especificadas e acrescentou que os incidentes serão investigados por autoridades judiciais.

Venezuela

Sociais-democratas ganham eleições municipais

Os sociais-democratas venezuelanos representados pelo partido governamental Acção Democrática (AD) ganharam domingo as eleições em 198 dos 202 distritos municipais da Venezuela tornando-se a primeira força política do país — anunciou hoje a imprensa de Caracas.

Os resultados extra oficiais das eleições foram amplamente favoráveis aos sociais-democratas que podem assim obter em todo o país o controlo maioritário dos municípios.

As projecções do voto indicam que a AD obtém nestas eleições uma percentagem de cerca de 70 por cento.

O presidente da Acção Democrática, Gonzalo Barrios, afirmou que essa vitória se deve à confiança depositada pelo povo venezuelano na AD, fundada nos primeiros anos da década de 40.

A Acção Democrática obteve a

vitória nas eleições presidenciais de 4 de Dezembro de 1983 que levou ao poder Jaime Lusinchi com 56 por cento dos votos.

Entretanto, pouco antes da meia-noite local de domingo, uma estação privada de Televisão, o Canal 2, salientou que o Partido Social-Democrata tinha obtido 55,8 por cento dos votos sobre um total escrutinado de 469 764 sufrágios válidos.

De acordo com os dados computarizados pelo Canal, em segundo lugar, mas a grande distância da AD, figura o partido social-cristão, COPEI, com 19,6 por cento dos votos, seguido do Movimento para o Socialismo (MAS) com 5,8 por cento.

No entanto, o alto índice de abstenção, estimado em cerca de 40 por cento da população eleitoral, foi salientado pela oposição social-cristã como uma manifestação de descontentamento da população para com a

política que o governo de Lusinchi está a aplicar, sobretudo em matéria económica.

As eleições, segundo a imprensa, desenrolaram-se num clima de tranquilidade e maturidade política, tanto de parte do governo como do Conselho Supremo Eleitoral (CSE).

O CSE dará provavelmente a meio da semana os resultados finais destas eleições.

Segundo a Imprensa para a esquerda as eleições de domingo podem significar «um ligeiro avanço» face à baixa votação obtida em Dezembro de 1983.

O ex-candidato presidencial do «Movimento para o Socialismo» (MAS), Teodoro Petkoff, disse que conseguiu superar o número previsto de votos e que era possível aquele agrupamento conseguir cerca de uma centena de representantes nas Assembleias Municipais de todo o país.

Denunciado em Manágua

EUA preveem da Nicarágua

O coordenador da Junta guineense, comandante Daniel Mingos, que os Estados Unidos nicaraguenses a partir do território 30 do corrente mês. Ortega a televisivo Cara a Cara com o lros anti-sandinistas preparar próximo um ataque à zona o Penas Blancas, na Nicarágua. gas da Costa Rica na zona, p de Manágua de ser o agressor base em informações obtidas esses planos seriam executados da Aliança Revolucionária De obedecem a ordens da A-americanas.

«Washington — acrescentou — quer aproveitar a visita à Europa do presidente Luis Alberto Monge, e os norte-americanos deram ordens a certos funcionários do governo da Costa Rica para que recorram ao Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR).

Em resposta ao apelo do TIAR, o governo de Ronald Reagan enviaria tropas norte-americanas «para a Costa Rica, para que a partir desse território invadam a Nicarágua», disse Ortega.

O dirigente máximo do governo sandinista revelou que as forças contra-revolucionárias encarregues da sabotagem contra as instalações fronteiriças estão concentradas na fazenda «A Liberdade» em território costa-riquenho.

Horas antes de Ortega afirmar que existe o plano de ataque para o dia 30 de Maio, foi instalada no posto de Penas Blancas, 140 quilómetros ao sul de Manágua, a Comissão Mista de Supervisão e Prevenção para evitar conflitos fronteiriços entre a Nicarágua e a Costa Rica.

Invasão iminente do Iraque

Irão apela ao presidente

O governo iraniano apelou domingo aos muçulmanos iraquianos que derrubem o presidente Saddam Hussein e advirtu os Estados Unidos contra uma intervenção no golfo Pérsico.

Entretanto, o «New York Times» noticiou que a Administração norte-americana está disposta a enviar 400 mísseis an-

Protestos rodearam desfile em Valladolid

As Forças Armadas espanholas realizaram ontem em Valladolid a sua parada anual, entre protestos sem precedentes de grupos pacifistas.

Mais de dois mil soldados e policiais apoiados por unidades antimotim montaram uma vasta operação de segurança em volta da avenida principal desta cidade do Nordeste de Espanha, onde cerca de seis mil tropas do Exército, Força Aérea e Marinha desfilarão perante o rei Juan Carlos e a rainha Sofia. Também assistiram à parada o primeiro-ministro Felipe Gonzalez e membros do seu gabinete.

VISITE A U.R.S.S. EM 1984

e veja você mesmo.

AS NOITES BRANCAS DE LENINEGRADO
Moscou/Leningrado/Riga/Vilnius/Tallin
De 13 a 26 de Junho

Preço com tudo incluído 98 500\$00

A ÁSIA CENTRAL E O CAUCASO

Moscou/Alma-Ata/Tachkent/Duchambe/Achkhaba/Baku
De 4 a 17 de Julho

Preço com tudo incluído 108 500\$00

CIRCUNTO DE CIDADES HEROICAS

Moscou/Leningrado/Kiev/Minsk
De 11 a 24 de Julho

Preço com tudo incluído 98 500\$00

CIDADES MUSEU DA ÁSIA CENTRAL

Moscou/Alma-Ata-Tachkent/Bukhara/Samarkanda
De 11 a 24 de Julho

Preço com tudo incluído 108 500\$00

ALOJAMENTO EM HOTÉIS DE CATEGORIA 1.ª A

Informações e inscrições: Departamento de Turismo da Associação Portugal URSS

Com o Apoio Técnico da MUNDIRAMA

Associação Portugal URSS

Rua de S. Caetano N.º 30-1200 Lisboa
Tele. 60 11 99 - 60 10 99

Associação Portugal URSS

Rua de S. Caetano N.º 30-1200 Lisboa

Tele. 60 11 99 - 60 10 99

URSS 1984

Em Junho, uma experiência inesquecível

As noites brancas

- Moscovo, Leningrado e ainda Novgorod e Minsk
- Pensão completa, espectáculo, visitas sociais 84 500\$00
- Aproveite o desconto familiar (10 000\$00)
- A maior variedade de destinos:
 - Cáucaso - Ásia Central - Sibéria - Báltico
 - Mar Negro - Ucrânia - Moscovo e Leningrado
- Compare preços... e viaje connosco

Peça programas detalhados



Agiturismo

Rua da Glória, 43

(aos Restauradores)

1200 Lisboa

Telef. 37310/1

Ativ. Op. 414

Marcha sobre Bona

Milhares de metalúrgicos alemães federais deverão convergir hoje para Bona a fim de reforçar a sua reivindicação de uma semana laboral de 35 horas.

Espera-se que cerca de 200 000 trabalhadores tomem parte no protesto, convocado pelo Sindicato dos Metalúrgicos IG-Metall contra a decisão do Gabinete Federal do Trabalho de não pagar o subsídio de desemprego aos trabalhadores não grevistas inactivos devido às greves.

A onda de greves e 'lock-outs' na indústria metalúrgica alemã federal, iniciada há 16 dias, tem mantido paralisados cerca de 250 000 trabalhadores nos estados de Hesse e Baden-Wurtemberg.

Para terça-feira estão previstas novas conversações entre o IG-

Metall e a Federação Patronal Gesamtmetall, depois de dois dias de negociações a semana passada terem falhado. Ambas as partes prometem que não haverá cedências nos novos contactos.

O IG-Metall, onde estão filiados 2,5 milhões de trabalhadores, alega que a redução da semana de trabalho para 35 horas criaria um milhão de postos de trabalho num país onde há mais de 2,5 milhões de desempregados.

O presidente do Partido Social-Democrata Alemão-Federal (SPD) e a maioria dos seus 202 deputados participam na marcha gigante sobre Bona convocada pelo sindicato metalúrgico IG-Metall.

Espera-se que assistam à manifestação mais de 200 mil traba-

lhadores metalúrgicos procedentes de vários pontos do país.

Para deslocar a Bona os manifestantes, o IG Metall alugou três mil autocarros e 68 comboios especiais.

Por seu lado, a Polícia está preparada com 6 mil homens para controlar possíveis actos de violência.

A partir de hoje, após três semanas de greve, as paralisações de trabalho afectaram mais de 200 mil trabalhadores esperando-se que o 'lock out' seja alargado.

As principais fábricas de automóveis da RFA são as mais afectadas pela greve.

Muitas linhas de montagem da Mercedes, BMW, Opel e Volkswagen paralisaram por completo ou trabalham com limitação de peças.

anágua

Preparam invasão de Nicarágua para dia 30

Anta de Governo Nicaragüense, declarou o ministro do Interior da Costa Rica, no dia 28, afirmou, no programa "O Povo", que guerrilheiros preparam para 30 de Maio a invasão do posto fronteiriço de Managua, para acusar o governo sandinista. Revelou que, com o apoio dos sandinistas, os combatentes da Democrática (ARDE) e da Administração norte-

apoiados pelos Estados Unidos em luta contra o governo sandinista vão desencadear em breve uma ofensiva contra a capital nicaraguense, e várias outras cidades, afirmou em Tegucigalpa um líder "contra".

Indalecio Rodríguez Analiz, membro do Directório Nacional para a Força Democrática Nicaraguense (FDN), revelou numa entrevista que as suas forças vão desencadear uma ofensiva contra áreas urbanas no início de Julho.

Rodríguez disse também que os contras podiam sobreviver à perda de 21 milhões de dólares de ajuda norte-americana que a Câmara dos Representantes decidiu cortar a semana passada.

Cerca de 55 milhões de dólares foram canalizados para a Força Democrática através da CIA, que dirigiu as operações.

Cerca de 10 000 dos 12 000 rebeldes da FDN vão tomar parte na ofensiva de Julho que vai efectuar-se nas províncias do Norte e Centro-Norte.

Disse que os rebeldes vão atacar zonas de segurança e objectivos militares, incluindo Managua, Esteli, Leon e Granada.

Oposição

Dirigentes dos partidos oposicionistas nicaraguenses anunciaram que não apresentarão candidatos às eleições gerais de quatro de Novembro enquanto o Governo não der provas de que o processo eleitoral será "livre e democrático".

Os dirigentes dos Partidos Social-Democrata, Conservador, Social-Cristão e Liberal Constitucionalista afirmaram que o Governo sandinista não

aceitou as reivindicações políticas apresentadas por estes partidos num documento datado de Dezembro passado.

As exigências oposicionistas incluem o levantamento do estado de emergência e a realização de um diálogo nacional com a presença de representantes do Grupo de Contadora (Panamá, México, Colômbia e Venezuela).

O prazo de apresentação de candidaturas termina a 25 de Julho.

Aviões para as Honduras

Os países do Grupo de Contadora poderão pedir às autoridades brasileiras informações sobre a venda de aviões militares às Honduras para serem utilizados na luta contra a guerrilha — escreve a Imprensa brasileira.

Segundo "O Globo" e "O Estado de São Paulo", os quatro países do Grupo de Contadora não aceitam as justificações dadas pelo Ministério brasileiro dos Negócios Estrangeiros para a venda de oito aviões "T-27 Tucano".

Diz o Ministério que o "Tucano" é essencialmente um avião de treino e como tal fica fora do controlo governamental, que proíbe exportações de material bélico para países envolvidos em conflitos.

Um diplomata latino-americano não identificado comentou que os aparelhos foram comprados pelas Honduras através de uma linha de crédito dos Estados Unidos, pelo que "o Governo da Nicarágua tem motivos para ficar desconfiado".

"O Brasil deve-nos uma explicação melhor do que essa ridícula afirmação de que é um avião de treino" — acrescentou o mesmo diplomata.

Uruguai: manifestação pela democracia

Mais de 50 mil pessoas tomaram hoje parte numa manifestação destinada a protestar contra os dirigentes militares do Uruguai.

Os manifestantes foram para as ruas batendo em panelas e frigideiras, tocando buzinas de automóvel e cantando slogans exigindo eleições livres, pleno emprego e liberdade de imprensa.

Dezenas de grupos políticos organizaram comícios durante o dia.

Os organizadores afirmaram que a polícia dispersou uma marcha através das ruas do centro de Montevideo e uma multidão reunida à porta de um político de esquerda.

Manifestações idênticas foram efectuadas noutras cidades do país, mas não se registaram actos de violência.

Os militares, no poder há 10 anos, afirmaram que farão o país regressar à democracia em Março de 1985.

Mas o diálogo entre o Governo e os políticos está bloqueado devido à exigência das Forças Armadas que pretendem que os militares retenham alguns poderes durante o mandato do governo eleito.

As Forças Armadas querem também alargar o âmbito da justiça militar e proibir a concessão de amnistia aos presos políticos.

A maior manifestação antes desta reuniu 40 mil pessoas em Outubro passado.

Bebidas alcoólicas destruídas no Sudão

Bebidas alcoólicas no valor de 14 milhões de libras sudanesas (11,2 milhões de dólares) foram destruídas este fim-de-semana em Port Sudan, no mar Vermelho, por ordem do presidente Gaafar Nimeiri.

As bebidas tinham chegado ao porto depois da declaração da Lei Islâmica no Sudão, por Nimeiri, em Setembro, e pertenciam a Embaixadas estrangeiras, lojas francas do Estado, e a algumas empresas e particulares — anunciou a agência noticiosa sudanesa.

A Lei Islâmica proíbe a ingestão de bebidas alcoólicas, o seu transporte ou serviço.

Multidões cantando a aplaudindo Nimeiri e os seus métodos islâmicos assistiram a este acto de fé anti-alcoólico.

Espanha

Guarda Civil assassinado

Um capitão da Guarda Civil espanhola morreu e a mulher ficou gravemente ferida pelo deflagrar de uma bomba quando punha o carro em funcionamento, em Pamplona, no domingo — informou a Polícia.

As autoridades sugeriram que o atentado pode ter sido preparado para coincidir com o Dia das Forças Armadas, durante o qual o rei Juan Carlos e o primeiro-ministro, Felipe Gonzalez assistiram a um desfile militar em Valladolid.

O capitão Luís Royo Ochoa, de 55 anos, teve morte imediata, quando fez detonar o explosivo ao ligar a ignição do carro, em frente à sua residência.

Sua mulher encontra-se em estado grave numa clínica de Pamplona.

O atentado ainda não foi reivindicado, mas as autoridades atribuem-no a separatistas bascos.

Etiópia desmente Somália

A Etiópia negou as acusações somalis de que teria bombardeado localidades na Somália.

A emissora de Adis Abeba, captada em Londres, citou uma declaração do Ministério dos Negócios Estrangeiros segundo a qual a Somália se apresentava como vítima de agressões externas para justificar as suas reivindicações de território etíope.

O principal objectivo da alegação é enganar a opinião pública

e obter armas modernas, diz a declaração.

A rádio Somali informara anteriormente que aviões etíopes fizeram "raid" sobre localidades somalis, matando seis pessoas.

A reivindicação somali do deserto de Ogaden tem provocado combates esporádicos entre os dois países. Cerca de 1,5 milhões de pessoas da região refugiaram-se na Somália.

Suicídios aumentam na Bélgica

Seis pessoas suicidaram-se, em média, diariamente, na Bélgica, segundo revela um relatório divulgado em Bruxelas pela Associação Local de Prevenção do Suicídio.

O relatório refere que em 1983, pelo sexto ano consecutivo, mais de duas mil pessoas se suicidaram na Bélgica, e que nos últimos cinco anos o índice de suicídios aumentou em 40 por cento, sendo os jovens e as mulheres a maioria dos suicidas.

Estes números tornam a Bélgica no segundo país da Europa Ocidental, após a Dinamarca, em que ocorrem mais suicídios.

O suicídio tornou-se estatisticamente na segunda causa de morte dos jovens na Bélgica,

onde este acto de desespero é considerado um problema de saúde pública.

Na lista telefónica de Bruxelas, encontra-se, entre os números de telefone de médicos de urgência, Polícia e Bombeiros, o telefone do Centro de Prevenção do Suicídio, dependente do Ministério da Saúde.

Este serviço, que funciona ininterruptamente, atende uma média de trinta chamadas diárias provenientes sobretudo de toxicómanos ou alcoólicos desesperados que pretendem acabar com a vida ou familiares e amigos próximos deles que pedem conselhos sobre como evitar o problema.

Congresso da OSPAA começou em Argel

O Sexto Congresso da Organização de Solidariedade com os Povos Afro-Asiáticos (OSPAA) foi aberto em Argel pelo presidente argelino, Chadli Benjedid.

Nos trabalhos do Congresso participam mais de cem delegados da Ásia e África, de Comitês Nacionais de Solidariedade Afro-Asiática, Movimentos de Libertação Nacional e organizações internacionais.

Entre os temas em agenda, figuram a situação explosiva no Golfo, a questão palestina, os focos de tensão em África e na América Central, bem como problemas relacionados com a intensificação da luta dos povos africanos e asiáticos "contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo e o racismo".

De acordo com o secretário-geral da OSPAA, Nuri Abdel Razzak, citado pela ANGOP, no Congresso será feito um apelo a

favor do fim das hostilidades entre o Irão e o Iraque e um outro com vista a um maior apoio à Organização de Libertação da Palestina (OLP).

Abdel Razzak disse que a situação na África Austral será abordada no Congresso, que irá manifestar a sua solidariedade para com a SWAPO e denunciar "o sistema do 'Apartheid' na África do Sul e as tentativas de desestabilização orquestradas por Pretória contra países da Linha da Frente".

Referiu que serão também objecto das resoluções do Congresso os conflitos do Sara Ocidental, do Chade e da América Central.

Razzak referiu ainda que a ameaça de guerra nuclear e do intervencionismo figuram também na ordem de trabalhos da conferência.

Bulgária denuncia campanha de calúnias

Em comunicado divulgado pela Embaixada da Bulgária em Lisboa denuncia-se «uma campanha de calúnias» contra aquele país socialista, que está a ser levada a cabo por diversos jornais e cadeias de Rádio e TV do mundo ocidental. A campanha alega que a Bulgária tem fornecido armas ao regime de Pretória, violando o embargo decretado pela ONU contra o regime do apartheid.

Outro aspecto da campanha é a alegação de que a Bulgária está relacionada com tráfico de armas.

Segundo o referido comunicado, «as empresas búlgaras de comércio externo não se ocuparam nem se ocupam do comércio ilegal de armas, narcóticos ou quaisquer outras mercadorias».

As «acusações deste tipo inscrevem-se numa clara campanha de calúnias», acrescenta o comunicado.

O comunicado salienta que não é por acaso que esta onda de boatos, que põe em causa a dignidade da República búlgara, surge depois da grosseira provocação internacional relacionada com a tentativa de assassinato do Papa João Paulo II ter perdido toda e qualquer credibilidade.

o Iraque?

la ao derrube dente iraquiano

tiáereos «Stringer» para a Arábia Saudita e a reabastecer os caças sauditas para ajudar a defender as instalações petrolíferas do golfo.

Só é necessária uma decisão final do presidente Ronald Reagan para que sejam imediatamente fornecidos à Arábia Saudita 200 lançadores equipados com os «Stringer» e mais 200

misséis suplentes — acrescentou o jornal citando uma fonte oficial não identificada.

Estes misséis portáteis são eficazes a distâncias de mais de cinco quilómetros e poderão reforçar as defesas sauditas contra aviões de ataque sobrevoando a níveis baixos.

Toda esta movimentação surgiu com maior intensidade na sequência dos recentes ataques iranianos contra petroleiros da Arábia Saudita e do Kuwait.

Com o Irão a atacar os navios de países apoiantes do regime de Bagdade e o Iraque a bombardear todos os alvos marítimos que se aproximem dos portos iranianos, cerca de 25 petroleiros encontram-se atracados na Costa Oriental dos Emirados Árabes Unidos, uma vez que a situação no Norte do golfo é muito tensa.

Muitos dos petroleiros parados têm pavilhão grego e alguns são propriedade de companhias suecas e holandesas.

No Irão, mais precisamente na Cidade Santa de Qom, o Ayatollah Hussein Ai Montazeri, adjunto de Khomeini, garantiu que o seu país não tem desígnios sobre o território iraquiano ou

sobre os Estados do golfo.

Acrescentou que o governo de Teerão está disposto a abandonar a exigência de uma indemnização pelos estragos causados pela guerra se o presidente iraquiano for deposto.

Montazeri exortou os muçulmanos iraquianos a derrubarem o governo de Hussein, afirmando que um Irão vitorioso ajudá-los-ia a «reviver o país».

Advertiu ainda que uma intervenção dos Estados Unidos no conflito «passaria por cima dos cadáveres de 40 milhões de muçulmanos».

No Iraque, o ministério dos Negócios Estrangeiros defendeu os ataques contra os barcos que se dirigem para os portos iranianos.

Um comunicado do Ministério, divulgado no final de uma reunião entre as autoridades iraquianas e os embaixadores em Bagdade dos países membros do Conselho de Segurança da ONU, esclareceu que os ataques «são uma resposta às acções iranianas de bloquear a livre navegação para os portos e nas águas territoriais do Iraque».

Desde o passado dia 27 de Março, pelo menos 21 navios teriam sido atacados por aviões de guerra iraquianos e iranianos.

ram
solid

A vários quilómetros de distância, centenas de pacifistas realizaram um comício com música «pop», grupos de teatro e outras atracções. Em Madrid teve lugar um festival semelhante no parque do Retiro.

Jornalistas espanhóis comentaram que a cerimónia anual das Forças Armadas nunca desencadeou semelhante onda de antimitarismo.

A cidade de Valladolid é desde há uma semana palco de uma campanha contra o desfile militar. Foi nesta cidade que a ditadura franquista celebrou a sua vitória na guerra civil de 1936-39.



MARROCOS

E' CONNOSCO!!!

PARTIDAS TODAS AS SEMANAS
VIAGENS DE 4, 6, 7 E 10 DIAS

HOTÉIS DE ★★★★★
SERVIÇO SEM PARALELO
AUTOPULLMANS DE LUXO
GUIAS ESPECIALIZADOS

PREÇOS DESDE 18.400\$00

LUSANOVA TURISMO

AV. JOÃO XXI, 9-A - M. MONIZ, 6-A - TEL. 894311-894480

DESPORTO

Joaquim Santos — finalmente a vitória

«Quem porfia sempre alcança». O provérbio popular adapta-se bem a Joaquim Santos que neste fim-de-semana venceu a 33.ª Volta Galp a Portugal, ao volante do seu velho Escort RS. Esta foi certamente a sua mais saborosa vitória em provas do campeonato e aquela que faltava ao seu vasto palmarés. Por quatro vezes Joaquim Santos e Miguel Oliveira tinham andado à frente nas anteriores edições da Volta e sido dados como virtuais vencedores. Mas sempre o carro se havia recusado a chegar ao fim.

A quinta foi de vez. Quando no final da segunda etapa, na segunda passagem pela classificativa do Colmeal, viram o R5 Turbo de Joaquim Moutinho encostado, com uma avaria no motor, abriu-se-lhes não só a perspectiva de ganhar a Volta como o próprio campeonato.

Efficientemente organizada pelo Clube 100 à Hora a esta prova só lhe faltou emotividade. Acabaria por não ter história ou, se a teve, ela conta-se em poucas linhas.

Joaquim Moutinho que partiu de Lisboa com total favoritismo, confirmou-o logo nas primeiras classificativas, em asfalto, na serra de Sintra. Ganhava em média cerca de 2 segundos por quilómetro a Joaquim Santos. Quando chegaram às classificativas de terra a situação não se alterou substancialmente. Por muito que Joaquim Santos andasse — e de facto o piloto do Escort nunca deu tréguas — não conseguia aproximar-se de Moutinho que, a caminho de Viseu ia ganhando tempo. Até ao momento do seu abandono a

progressão do piloto do R5 só sofreu uma interrupção em Funglavaz, onde perdeu 9 segundos. De resto, de classificativa para classificativa, a sua vantagem foi-se consolidando: 20 segundos, 41, 1m 03s, 1.20, 1.11 (no final de Funglavaz), 1.15, 1.36, 1.47.

Desembaraçar-se dos «Outsiders»

Quando Joaquim Santos se viu livre do seu principal adversário e favorito da prova, tinha uma vantagem de 2.36 sobre Carlos Bica, que era o segundo classificado, e 4.27 sobre José Miguel, que na última etapa travaram uma luta emotiva pelo segundo lugar e foram durante bastante tempo os grandes animadores da prova.



Joaquim Santos, vencedor absoluto da Volta Galp a Portugal

A margem era suficiente, mas Joaquim Santos, até Viseu, final da segunda etapa, desembaraçou-se definitivamente deles. Bica estava a 3.36, enquanto José Miguel, vítima de uma penalização de estrada baixava para sexto lugar a 14.51 do «líder». Rui Souto era o terceiro, a 8.16 de Joaquim Santos.

A partir de Viseu o piloto da Diabólica tinha tudo facilitado, bastando-lhe apenas controlar com um mínimo de atenção Carlos Bica, José Miguel — este a fazer uma recuperação espectacular

— e Rui Souto. Embora sem se ter demitido completamente, deixou-os travar a sua luta pessoal, fixando-se no objectivo, que era chegar a Lisboa.

José Miguel separar-se-ia do grupo em Abrantes. Ainda fez o circuito mas, depois, antes de controlar no final da etapa, ao engrenar a mudança para uma marcha atrás, partiu-se a embraiagem. Chegou ao controlo em Abrantes com este já encerrado.

No final desta primeira secção da terceira etapa, Joaquim Santos aumentara a vantagem sobre Carlos Bica para quatro minutos mas este, com o abandono de José Miguel, ficava agora completamente à vontade. Menos à vontade que Rui Souto, com Jorge Ortigão a 14 segundos e dando a sensação de que iria tentar, com o seu Toyota Grupo N, assaltar a classificação geral, comandada, naturalmente, pelo Grupo B.

Em Longomel-1, primeira classificativa depois de Abrantes, Rui Souto foi o vencedor, logo seguido de Ortigão, que gastou mais sete segundos. Joaquim Santos foi o terceiro com mais 11 segundos. No Carril-1 repetiu-se a cena. Rui Souto andou bastante nos limites e ganhou 17 segundos a Ortigão e 18 a Santos.

A partir de Longomel-2, Ortigão deve ter desistido de arriscar por mais um lugar que não era importante, e Rui Souto terá chegado também à conclusão que o piloto do Toyota já não o ameaçava e, por outro lado, Carlos Bica estava demasiado longe para justificar quaisquer ilusões. Até Lisboa Joaquim Santos venceu as restantes classificativas sem grande esforço.

Manuel Mello Breyner é já campeão de Grupo N

NO Grupo N, Manuel Mello Breyner alcançou a sua sétima vi-

campeonato fácil, sem adversários mas que não invalida o valor do piloto.

Jorge Ortigão é também virtual campeão do Grupo A. Piloto e máquina formaram um conjunto imbatível.

Quanto ao título absoluto as coisas complicaram-se mais para Joaquim Moutinho. Santos tem agora mais pontos, embora menos provas, e a margem do piloto da Renault começa a reduzir-se, embora continue ainda a ser um favorito. O próprio Joaquim Santos o admite ao reconhecer que, para ganhar, tem que acontecer algum percalço mecânico a Joaquim Santos.

Quanto à organização, que pedirá à FISA uma inspecção rigorosa, foi simplesmente impecável em todos os aspectos. No que respeita à Imprensa podemos dizer que, por exemplo, o «dossier» de resultados que forneceram no final, é o melhor que até hoje foi feito por qualquer organizador.

Augusto Vilela

Classificação geral

- 1.º Joaquim Santos/Miguel Oliveira, Ford Escort, 5.27.58
- 2.º Carlos Bica/Fernando Prata, Ford Escort, a 4.58
- 3.º Rui Souto/Eduardo Cid, Ford Escort RS, a 11.17
- 4.º Jorge Ortigão/João Batista, Toyota Corolla, a 12.46 (Grupo A)
- 5.º «Tchine»/Gerard Borle, Opel Manta, a 21.48
- 6.º Ramiro Fernandes/Carlos Monteiro, Fiat 130, a 32.54
- 7.º Manuel Mello Breyner/Miguel Vilar, Audi 80 Quattro, a 36.22 (Gr. N)
- 8.º Fernando Simões/António Durão, Opel Manta, a 39.03
- 9.º António Segurado/Pedro Sena, Opel Ascona, a 45.37
- 10.º Artur Lemos/José Tavares, Toyota Starlet, a 50.06
- 11.º Manuel Cardoso/António Batista, Opel Manta, a 1.38.17
- 12.º Jean Duatheribes/Eric Pages, R5 Alpine Turbo, a 2.54.03

CLASSIFICAÇÃO DO NACIONAL APÓS A VOLTA GALP A PORTUGAL

- 1.º Joaquim Santos, 1145 pontos (6 resultados)
- 2.º Manuel Mello Breyner, 959 (7)
- 3.º Jorge Ortigão, 810 (5)
- 4.º Joaquim Moutinho, 800 (4)
- 5.º Ramiro Fernandes, 754 (5)
- 6.º Carlos Bica, 699 (4)
- 7.º Artur Lemos, 683 (6)
- 8.º José Miguel, 656 (4)
- 9.º António Rodrigues, 336 (2)
- 10.ºs Carlos Morna, 304 (3)
- António Coutinho, 304 (2)

CAMPEONATO NACIONAL DE GRUPO B

- 1.º Joaquim Santos, 450 pontos (6 resultados)
- 2.º Joaquim Moutinho, 320 (4)
- 3.º José Miguel, 248 (4)
- 4.º Carlos Bica, 241 (4)
- 5.º Rui Souto, 176 (3)

CAMPEONATO NACIONAL DE GRUPO A

- 1.º Jorge Ortigão, 390 pontos (5)
- 2.ºs Ramiro Fernandes, 352 (5)
- 3.º Artur Lemos, 333 (6)
- 4.º Carlos Morna, 152 (3)
- 5.º António Coutinho, 144 (2)

CAMPEONATO NACIONAL DE GRUPO N

- 1.º Manuel Mello Breyner, 610 (7 resultados)
- 2.º Alcides Petiz, 72 (1)
- Jorge Abrantes, 72 (1)
- 4.º António Alexandre, 64 (1)

CONFIRMANDO A ALTA QUALIDADE COMPETITIVA DOS LUBRIFICANTES GALP



CAMPEONATOS NACIONAIS DE AUTOMOBILISMO/83

- Rais
- JOAQUIM SANTOS / MIGUEL OLIVEIRA
Campeão Nacional
- JOSÉ PEDRO BORGES / RUI BEVILACQUA
2.º classificado
- Vencedor da XXXII Volta GALP a Portugal
- Vencedor do Troleu GALP
- NUNO MADEIRA / JOÃO VICENTE
Campeão em Grupo N
- MELO BREYNER / ALFREDO LAVRADOR
2.º classificado em Grupo N
- MIGUEL RUSSO / JOÃO SENA
3.º classificado em Grupo N
- Vencedor do Troleu Visa

SIDONIO CABANELAS
2.º classificado do Grupo A 2

utilizam exclusivamente **GALP super**

A MÁQUINA É EXIGENTE
LE MOTEUR EXIGE LE MEILLEUR
THE ENGINE DEMANDS THE BEST



Jorge Ortigão, vencedor do Grupo A, de que é já virtualmente campeão

DESPORTO

ponta esquerda

Acácio Silva: "doping" em Zurique

A análise anti-"doping" feita ao ciclista português Acácio Silva, após o Grande Prémio de Zurique (em 6 do corrente), acusou resultado positivo. Acácio Silva, que se encontra em 8.º lugar na «Volta à Itália» terá de pagar 1 200 francos suíços e sofrerá um mês de suspensão, a cumprir este ano, se a contra-análise for também positiva. O ciclista português foi 28.º na prova suíça.

Sporting: queda de um ciclista

O ciclista Cláudio Silva (Sporting) sofreu na 1.ª etapa do «Grande Prémio do Concelho de Sintra», uma queda. Cláudio Silva (17 anos) caiu da bicicleta durante a etapa entre Queluz e Belas, tendo sido transportado de ambulância para os Serviços de Urgência do Hospital de S. José. Teve alta horas depois tendo sido tratado a escoriações no corpo, particularmente na cabeça.

Régua corta relações com o Marco

O Sport Clube da Régua torna público o seguinte comunicado:

Reunida extraordinariamente, a assembleia geral do Sport Clube da Régua, com a presença de largas centenas de sócios, deliberou, face à repulsa pelo não atendimento do pedido de aclaração e arguição de nulidades por parte do Conselho de Justiça da F.P.F., não comparecer o S.C. da Régua ao jogo de repetição que ontem deveria disputar com o F.C. do Marco.

Entendeu a assembleia geral do S.C. da Régua (por aclamação) ser esta a forma mais digna de dizer a todo o país da sua indignação perante tal injustiça e alerta todos os clubes, associações e, principalmente, o Conselho Nacional de Arbitragem, para que tomem medidas de modo a que situações destas se não repitam e aviltem ainda mais o futebol.

Foi ainda deliberado (por unanimidade e aclamação) cortar imediatamente todas as relações desportivas com a colectividade marcoense, enquanto a actual direcção estiver em exercício, face a atitudes e declarações dos seus dirigentes, por se sujeitarem ao domínio do sr. presidente da Câmara do Marco (sr. Ferreira Torres) ao tempo presidente da direcção do F.C. do Marco.

(Ponta)

Maradona: do "Barça" para Nápoles

Diego Maradona já é jogador do Nápoles (de Itália) e só um milagre poderá evitar a sua transferência, assegurou, em Buenos Aires, o representante deste futebolista argentino, Jorge Cysztiller. No entanto, o clube argentino Juniors, onde Diogo Maradona jogava antes de se transferir para o Barcelona (Espanha) ameaçou impedir a concretização da milionária operação.

Yehmen: não a Los Angeles

O Comité Olímpico Nacional da República Democrática Popular do Iémen recusou-se a participar nos jogos Olímpicos de Los Angeles.

O comunicado do Comité Olímpico do Iémen condena «a desenfreada campanha anti-soviética movida pelos Estados Unidos» e diz que «não há dúvida de que os organizadores dos Jogos de Los Angeles desprezam as cláusulas da Carta Olímpica e recusam garantir a segurança de desportistas, sobretudo da União Soviética e de outros países socialistas».

FIFA adverte os EUA

A Federação Norte-Americana de Futebol será expulsa da FIFA se não regularizar a situação do futebolista dinamarquês Per Roentved, que alinha na equipa do Wisla Wroclaw. Está a jogar na turma norte-americana sem a devida autorização da Federação Internacional de Futebol, o que infringe o parágrafo 48 do regulamento da FIFA sobre as transferências internacionais e torna passível de expulsão a federação infractora.

Motonáutica: luto para Itália

O piloto italiano Luigi Valdano faleceu após o seu barco se ter virado durante o Grande Prémio da Holanda, de Fórmula Um em Motonáutica.

A organização da prova revelou que o piloto (de 35 anos) foi «cuspidito» do seu barco quando este circulava a cerca de 200 quilómetros por hora, sofrendo morte imediata, ao partir o pescoço.

Valdano tinha alcançado a 3.ª posição no campeonato europeu de motonáutica em 1980 e, em 1983, terminou na 6.ª posição nas provas de Grande Prémio disputadas em Lyon e Liege.



O Benfica conquistou a «Taça de Portugal» em râguebi (seniores masculinos) derrotando na final, no Estádio Universitário (Lisboa) o CDUL, por 10-9. O Benfica corrou assim uma época onde não consentiu qualquer derrota no nacional da 2.ª divisão (que venceu), batendo o campeão nacional do escalão principal, por 40-20.

Futebol: Penafiel defende o posto com unhas e dentes

Jogou-se a 2.ª ronda do «Torneio de competência» (1.ª/2.ª Divisão). Resultados: Chaves, 1-Penafiel, 2 e Peniche, 2-Marítimo, 0. A classificação:

	J	V	E	D	B	P
Penafiel	2	2	—	5	1	4
Peniche	2	1	—	3	3	2
Marítimo	2	1	—	3	4	2
Chaves	2	—	2	2	5	0

Próxima jornada: Peniche-Chaves e Penafiel-Marítimo.

Para o título da 2.ª Divisão: Vizela-Académico de Coimbra, 4-1.

	J	V	E	D	B	P
Vizela	2	1	—	6	3	3
Belenenses	1	—	1	—	2	1
Académico	1	—	1	—	1	4

Domingo: Belenenses-Académico.

A contar para o título da 3.ª Divisão — ZONA NORTE — não houve jogos devido à realização do jogo Bragança-Felgueiras da 1.ª fase. — ZONA SUL — Estrela Portalegre-Campinense, 4-1.

	J	V	E	D	B	P
Estrela	2	2	—	8	3	4
Montijo	1	—	1	—	2	4
Campinense	1	—	1	—	1	4

Próxima jornada: Montijo-Campinense.

Torneio Complementar da 1.ª Divisão — ZONA NORTE: Braga-Espinho, 2-2; Boavista-Varzim, 1-0 e Salgueiros-Guimarães, 2-0.

	J	V	E	D	B	P
Espinho	2	1	—	5	2	3
Boavista	2	1	—	1	2	2
Varzim	2	1	—	1	2	2
Salgueiros	2	1	—	1	2	2
Guimarães	2	1	—	1	2	2
Braga	2	—	1	—	3	4

Próxima jornada: Guimarães-Braga, Espinho-Varzim e Boavista-Salgueiros.

Na ZONA SUL: Águeda-V. Setúbal, 1-2.

	J	V	E	D	B	P
Farense	1	—	1	—	2	1
V. Setúbal	1	—	1	—	2	1
Portimonense	1	—	1	—	1	2
Águeda	1	—	1	—	1	2

Domingo: V. Setúbal-Portimonense.

Torneio Complementar da 2.ª Divisão — SÉRIE A: Valdevez-cente, 1-2; Tirsense-Fafe, 2-1.

Classificação: 1.º Lixa, 2 pontos (um só jogo); 2.º Valdevez, Tirsense, Fafe e Gil Vicente, 2 pontos (dois jogos). SÉRIE B: Beira-Mar-Paços de Ferreira, 1-2; Sanjoanense-Feirense, 1-1 e Valonguense-Leixões, 1-0.

Classificação: 1.º Paços de Ferreira, 4 pontos; 2.º Beira Mar, Leixões e Valonguense, 2; 5.º Feirense e Sanjoanense, 1. SÉRIE C: U. Coimbra-Benfica C. Branco, 2-0 e Acad. Viseu-Covilhã, 1-2.

Classificação: 1.º Guarda, Covilhã, Benfica Castelo Branco e U. Coimbra, 2 pontos; 5.º Académico de Viseu, 0. SÉRIE D: Rio Maior-U. Tomar, 1-0 e Alcobaça-Naval, 1-1.

Classificação: 1.º Torriense, 4 pontos; 2.º União Leiria, 3; 3.º Naval e União de Tomar, 2; 5.º Alcobaça, 1; 6.º Rio Maior, 0. SÉRIE E: Olivais e Moscavide-Estrela da Amadora, 2-0; Sacavenense-C. Piedade, 2-0 e Odivelas-Elvas, 0-0.

Classificação: 1.º Elvas, 3 pontos; 2.º Odivelas, C. Piedade, Olivais e Moscavide e Sacavenen-



Eldon: brasileiro que esteve no Guimarães já treina em Alvalade

se, 2.º Estrela da Amadora, 1. SÉRIE F: Lusitano-Olhansense, 1-1 e Amora-Barreirense, 1-1.

Classificação: 1.º Lusitano e Amora, 3 pontos; 3.º Barreirense e Olhanense, 1; 5.º Esperança de Lagos, 0.

Rio Ave contrata

Os futebolistas Juanico (Varzim) e José Manuel (Boavista), fecharam contrato por dois anos



Em jogo particular, o Sporting foi ao Restelo vencer o Belenenses, por 3-1. A arbitragem pertenceu a Francisco Passalunghi (Lisboa). Belenenses: Justino; Sambinha, José António, Quaresma (Hélder, 78 m) e Ruben; Carraga (Vital, 2.ª parte), Edmilson (Tuna, 70 m), Paulo Meneses e Jorge; Sousa (Rocha, 61 m) e João. Sporting: Katzirz (Meio, 10 m); Gabriel, Venâncio, Zazinho e Morato; Kostov, Romeu e Lito; Manuel Fernandes, Oliveira e Virgílio. Marcadores: 0-1, aos 2 minutos, por Manuel Fernandes; 0-2, aos 28 m, por Lito na transformação de uma grande penalidade, por rasteira ao próprio Lito (foto); 1-2, aos 42 m, ainda de «penalty», transformado por João, por rasteira de Zazinho a Jorge; 1-3, aos 86 m, por Rodger Wilde. A saída de Katzirz, aos 10 minutos, por lesão em choque com Jorge, foi a única nota negativa desta jornada de amizade.

TOTO BOLA a chave

Boavista-Varzim	1
Riopele-Lixa	2
Valdevez-Gil Vicente	2
Beira-Mar-P. Ferreira	2
U. Coimbra-B.C. Branco	1
Ac. Viseu-Covilhã	2
U. Leiria-U. Tomar	1
O. Moscavide-E. Amadora	1
Sacavenense-C. Piedade	1
Odivelas-Elvas	X
Lusitano-Olhansense	X
Amora-Barreirense	X
Vizela-Académico	1

* (Por sorteio)

Os serviços do Totobola prevêem entre seis a dez apostas com 13 resultados certos no concurso desta semana, em que cada prémio vale 13 192 409 escudos. Os doze previstos são entre 300 a 350.

com o Rio Ave. Também por dois anos assinou o ex-júnior benfiquista Chico Faria, ultimamente a jogar no estrangeiro. Juntam-se, assim, ao guarda-redes Figueiredo (Belenenses) e ao extremo Álvaro (Penafiel), já há algum tempo contratados pelo Rio Ave. Com bastantes hipóteses de também assinarem pela colectividade de Vila do Conde estão Skoda (Boavista) e Rui Lopes.

Juniões na URSS

Portugal venceu a Grécia (3-1, dois golos de Caetano e um de Futre) e foi batido pela Escócia (1-3, tento português por Paixão) no torneio europeu que está a desenrolar-se em Leninegrado (URSS). Ontem, frente aos escoceses, a turma portuguesa alinhava assim: Sérgio; Germano, Eugénio, Samuel (Carvalho) e Fernando Mendes; Ferrinho (Seca), Litos, Júlio Sérgio e Caetano; Paixão e Futre.

Classificação do grupo:

	J	V	E	D	G	P
Irlanda	2	1	—	1	4	1
Escócia	2	1	—	1	3	2
Portugal	2	1	—	1	4	2
Grécia	2	—	1	—	2	4

Amanhã, Portugal tem de ganhar à Irlanda do Norte para se qualificar para a fase final (garantindo o apuramento para o «Mun-



Eriksson rei de Roma

Já ninguém ousa contestar o mérito de Eriksson, reconhecido internacionalmente como um técnico de futebol de alta craveira. A prova mais incontestável do seu valor reside na multimilionária verba de 67 200 contos pelo contrato por três anos que lhe é oferecido pelo Roma: coisa como 1865 contos mensais. Entretanto, corre a notícia (não confirmada) de que o argentino César Menotti poderá ser o novo treinador do Sport Lisboa e Benfica. Eriksson, que está ligado à publicidade da firma «Macleira» (embolsando anualmente 2000 contos para andar com o «chapelinho») irá publicitar, em Itália, o «Porto Sandeman», segundo informa hoje o nosso colega «o diário» que revela, ainda, algumas confissões do treinador sueco: «nenhum clube europeu se pode dar ao luxo de deixar um futebolista como Alves fora da equipa» e «ele não saiu do Benfica por minha causa, mas sim devido a Fernando Martins e a Toni».

MICROSEPIO

Brasil

O Fluminense é campeão do Brasil, ao empatar (0-0) com o Vasco da Gama. O título de campeão foi decidido numa final em duas «mãos», na 1.ª das quais o «Flu» venceu (1-0).

Golfe: títulos

A dupla João Santos-Raul Rodrigues venceu o campeonato nacional de pares em golfe, totalizando 231 pancadas, (78-75-78). Os irmãos Pedro e Miguel Nunes, perderam o campeonato no último dia, classificando-se no 3.º lugar com 246 pancadas (77-71-86). João Salazar - António Dantas, com 234 pancadas (78-77-79) classificaram-se no 2.º lugar final. O futebolista Humberto Coelho, que fazia par com Jorge Ortigão, ficou no 6.º lugar, com 261 pancadas.

No sector feminino, Graça Medina e Ana Pessanha (17 pancadas) são campeãs nacionais da 1.ª categoria.

Hóquei em campo: Taça de Portugal

O Futebol Benfica ficou apurado para a final da Taça de Portugal, seniores, ao vencer, na final da Zona Sul, os Cascais, no recinto dos cascalenses, por 1-0.

A final realiza-se dia 17 de Junho, em campo a designar, entre o Ramaldense e o Futebol Benfica.

DESPORTO



A selecção portuguesa de futebol completou a primeira de três semanas de preparação para o «europeu». Um fim-de-semana de repouso constituiu o interregno nos trabalhos e reatar hoje para novas sessões, que se esperam com menos problemas e que culminarão no sábado (2 de Junho) com o desafio particularmente difícil à Jugoslávia, no Estádio Nacional. «Tudo tem estado a correr bem» — comentou Fernando Cabrita, um dos quatro da Comissão Técnica, resumindo os primeiros dias de trabalho, que culminaram (sábado) com um treino no Jamor.

Para a história recordemos as formações: Verdes — Bento; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luis; Carlos Manuel, Jaime Pacheco e Chalana; Gomes e Jordão. Azuis — Jorge; Bastos Lopes, Álvaro, Veloso, Frasco, Sousa, Diamantino, Vermelhinho, Damas e Nenê. Os «azuis» marcaram 10 golos e os «verdes» 6.

Basquetebol: «Taça»

Barreirense «cilindra» Queluz

O campeão primodivisionário da presente temporada basquetebolística (Queluz) foi positivamente «cilindrado» nas meias-finais da «Taça» masculina, ante o Barreirense, numa partida caracterizada por um desleixo defensivo impróprio de artistas de eleição. Ao inverso, na Figueira da Foz, a equipa que cometeu menos erros defensivos corporizou ambições: foi o Sport Conimbricense (1.º campeão nacional, em 1933) quem cometeu a bela proeza, frente ao Ginásio, num despiques de calculismo comum. Resta a final para cair o pano sobre esta «Taça», com o Barreirense e o Conimbricense a discutirem o ceptro. Resultados: Barreirense-Queluz, 104-84 e Ginásio Figueirense-Conimbricense, 63-64. Fichas dos jogos:

Barreirense: Artur Leiria (14), Saiote, Paulo Correia, Gandra, Eugénio (30), Jordan (25), Mike (13), Tozé Coelho (12), Orlando e Jorge Coelho (12).

Queluz: João Cardoso (14), Carlos Lisboa (22), Jesus (22), Augusto Baganha (16), Santiago, Rui Pinheiro (24), Mota e Ulisses (3).

Ginásio: Almeida (2), Moreira (8), Dionísio (7), Albuquerque (10), Lita (15), Jôia (15), Zito (4) e João Paulo (22).

Conimbricense: Roque (6), Cornell (17), Moreira (18), Vanzeller (2), Cassin (4), Agapito (9), Leitão (6) e Martins (22).

Senhoras

O CIF (recente campeão nacional) e o Independente do Porto triunfaram nas meias-

-finais da «Taça» feminina e são os finalistas da prova. As lisboetas bateram o Algés apenas por um lance-livre e as portuenses dominaram o Olivais de Coimbra por um «cesto». CIF-Algés, 66-65 e CIBF-Olivais, 60-58.

Estudantes

A equipa da Faculdade de Ciências conquistou o título nacional masculino da 3.ª divisão ao bater no jogo de ontem o Arca (de Aveiro) por 83-74. Campeões da época de 1983/84, em masculinos, 1.ª divisão: Queluz; 2.ª divisão: Belenenses; 3.ª divisão: Ciências; Juniores: Belenenses; Juvenis: Vasco da Gama (Porto). Femininos; 1.ª divisão: CIF; 2.ª divisão: Desportivo da Covilhã.

Máximos

Natação

Dirk Richter (RDA) melhorou o seu próprio recorde europeu dos 100 metros costas (com 55.32 segundos) durante a prova de 4X100 estilos do campeonato de natação de RDA. O recorde mundial nesta prova está na posse do norte-americano Richard Carrey (55.19). Astrid Strauss melhorou o máximo europeu dos 800 livres femininos com 8.28.36, superando a sua própria marca de 8.29.61 conseguida em Junho do ano passado.

Peso

A soviética Natalya Lysovs-kaya bateu o recorde do mundo do lançamento do peso (senhoras) com 22.53 metros, numa reunião de atletismo em Sochi, estância de férias no mar Negro. A marca é oito centímetros melhor que o anterior máximo mundial, estabelecido por Ilona Slupianek (RDA) em Potsdam, no dia 11 de Maio de 1980.

Atletismo: 1.ª divisão

Benfica é campeão nacional

O Benfica venceu folgado-mente os campeonatos nacionais de atletismo da 1.ª divisão (masculinos), realizados no Estádio Nacional.

O Grupo Desportivo da Farauto (último classificado) baixa à 2.ª divisão, sendo substituído pelo Sporting. Vencedores das provas: 100m barreiras: Paulo Barrigana (CDUL), 15,2; 100m: Fernando Damásio (Porto) 11,0; 400m: José Carvalho (Benfica) 49,3; 1500m: João Campos

(Benfica) 3.48,7; 5000m: Fernando Reis (Benfica) 14,15; comprimento: António Vermeilhuel (Benfica) 7,19; Vara: Manuel Miguel (Benfica) 4,85; Disco: Paulo Santos (Porto) 44,70; Martelo: José Pedroso (Benfica) 60,30; 4X100m: Benfica, 42,2;

Altura: Vítor Mendes (Benfica) 2,05; Dardo: Paulo Santos (Porto) 65,42; 400m barreiras: José Carvalho (Benfica) 52,3; Triplo Salto: José Leitão (Porto)

15,36; Peso: Henrique Silva (CDUL) 15,33; 800m: Humberto Sequeira (Benfica) 1,53,8; 200m: Luís Cunha (Benfica) 21,7; 3.000m obstáculos: António Leitão (Benfica) 8,36,1; 4X400m: Benfica, 3,24,05; 10.000m: Luís Horta (Benfica) 29,19,8. Classificação final: 1 — Benfica, 243 pontos; 2 — FC Porto, 179,5; 3 — CDUL, 135; 4 — Farauto, 129,5.

Marcha atlética

José Pinto (Belenenses) bateu hoje o recorde nacional dos 5000 metros de marcha atlética, com o tempo de 20 minutos, 12,4 segundos. A marca, alcançada no Estádio Nacional durante a jornada de promoção da marcha atlética promovida pela Associação de Atletismo de Lisboa, constitui a 2.ª melhor a nível ibérico, depois dos 19,24,5 do espanhol José Marin, obtidos em 1980.

Esta jornada foi a melhor de sempre da modalidade, com cinco recordes nacionais batidos. Paula Gracioso (Olivais Sul) também fixou novo máximo absoluto e de juniores nos 3000 metros femininos, com 15,32,8, melhorando o seu anterior máximo de 15,41,0, obtido em 12 de Fevereiro de 1984.

A marca de José Pinto melhorou a de Francisco Reis (Santa Iria) de 20.49,5, alcançada em 28 de Janeiro passado. Francisco Reis foi agora o 2.º classificado com o tempo de 21.51,9, seguido de José Dias (Olivais Sul) com 22.20,9. Nos 3000 metros (para iniciados e juvenis) Paulo Santos, do Alenquer, fixou novo recorde nacional de juvenis, com o tempo de 13.40,8. O anterior máximo pertencia a José Esteves (Belenenses) com 14.06,4, desde 22 de Maio de 1982. Paulo Cunha (Leões Apelaçenenses) bateu o recorde nacional de iniciados, ao percorrer os 3000 metros nesta prova em 14.56,4, melhorando o anterior máximo, 15.01,0, de Vítor Marta (Benfica) obtido em 29 de Julho de 1979, e que constituía o recorde mais antigo da marcha atlética portuguesa. Finalmente, Carla Ferreira (também dos Leões Apelaçenenses) fixou novo máximo nacional dos 1000 metros infantis femininos, percorrendo-os em 5.22,7 melhorando o anterior recorde (de Sandra Silva, do Andorinhas) que era de 5.27,6 desde 13 de Junho de 1982.

Elas em Espanha

Lucília Soares e Virgínia Gomes foram as atletas do Ben-

fica mais em evidência na 2.ª edição da Taça dos Clubes Campeões Europeus de atletismo feminino, que decorreu em Madrid. Por equipas, o Benfica classificou-se em 8.º lugar entre os 12 países concorrentes. Venceu a Bayer (da RFA).

Lucília Soares ficou em 3.º lugar na prova de 3000 metros (9m 40,9s) e Virgínia Gomes foi 3.ª nos 100 metros (11,99).

Tavares da Silva

Tavares da Silva classificou-se em 6.º lugar na Maratona de Genebra, ganha pelo dinamarquês Sven Erik Kristensen.

Manuel de Oliveira na Maratona do Rio

Portugal será representado na Maratona do Rio de Janeiro, em 2 de Junho, pelo atleta Manuel Oliveira, campeão nacional da especialidade.

Manuel Oliveira, 27 anos, que é natural de Vila Real e representa o Académico da Régua, conquistou o título em 8 de Abril, em Almeirim, com 2 horas, 17 minutos e 20 segundos, a sexta melhor marca portuguesa na Maratona.

Em declarações à ANOP, o atleta manifestou-se esperançado numa boa classificação e na superação da sua melhor marca, recebendo, porém, as diferenças de temperatura que encontrará no Rio de Janeiro, onde competirá com cerca de seis mil atletas.

O prof. Zeca Almeida, treinador de Manuel Oliveira, adiantou que ele está em boa forma, mas que a sua corrida no Brasil dependerá da adaptação ao meio ambiente, «já que as caracterís-

Bibliografia Desportiva

Ídolos do desporto

Com o cuidado de sempre, está nas bancas o n.º 4 da nova série da colecção «Ídolos do Desporto», da responsabilidade do jornalista Henrique Parreirão. O futebol é o tema básico: histórias detalhadas de Futre, Diamantino, Frasco e Maradona, para além de um «poster» da equipa do Sporting, tomam muito atraente esta realização bastante ao gosto dos adeptos de jogo-rei.

tivas da prova lhe são favoráveis».

O atleta vila-realense, que foi vice-campeão da maratona em 1981 e 1983, melhorou entretanto o seu tempo na distância em 1,26 minutos.

Manuel Oliveira, que corre os 10 000 metros em 30 minutos e os 5000 em 13 m. 59,12 s., já representou Portugal em maratonas em Espanha, França e Suíça.

Vara

O soviético Sergei Bubka estabeleceu novo recorde mundial do saltocóm vara, ao transpor a fasquia a 5,85 metros, em Bratislava.

O recorde do mundo pertencia

ao francês Thierry Vigneron (com 5,83 metros) desde 1 de Setembro do ano passado, marca obtida em Roma. O máximo de Bubka iguala os recordes ao ar livre em pista coberta. Este pertence a Vigneron e foi obtido em Março, nos europeus de Gotemburgo.

Dardo

Uwe Rahn (RDA) lançou o dardo a 99,52 metros, estabelecendo novo recorde europeu por superar o anterior máximo europeu, do húngaro Ferenc Parage e do seu compatriota Detlef Michel, em 2,80 metros. O recorde do mundo pertence ao norte-americano Tom Petranoff, com 99,72 metros.

Hóquei brilha na Europa

Portugal continua representado nas três competições europeias de hóquei em patins, porque o FC Porto se desembrasou (nas Antas) do Vercelli (de Itália) para a Taça dos Campeões. Com o Benfica na Taça das Taças e o Sporting na Taça CERS, apurados de antemão, antes da 2.ª mão dos quartos-de-final, cabia ao FC Porto rectificar o 3-6 trazido de Itália. E isso aconteceu, com clareza, por 13-4, passando os azuis-e-brancos às meias-finais com um total de 16-10.

Na Taça das Taças, o Benfica triunfou (na Luz) sobre os belgas do Kurik (21-1) depois de na Bélgica, ter ganho por 8-2. Na Taça CERS, o Sporting fez uma

excursão de férias à região de Bordéus, mas não deixou de aplicar 23-4 ao Gujan Mestras, que já tinha saído de Alvalade com a desvantagem de 1-33.

O jogo das Antas era o único em que a continuação de uma equipa portuguesa estava em dúvida. Vencedor do intervalo (3-1), o FC Porto deixou-se empatar a três bolas nos minutos iniciais do 2.º período mas depois Alves, Cristiano, Fanã e Lício embalaram e desfezaram seis vezes seguidas o guarda-redes Fontana, resolvendo a eliminatória. Na próxima ronda, o conjunto nortenho defronta o poderoso Barcelona (Espanha) no que pode ser uma final antecipada.



Benfiquistas levaram os belgas na ponta dos «stiks»

LABORATÓRIO



MARCEL, LDA

PERDE CABELO?

Dirija-se ao Instituto Marcel onde encontra a solução

RECUPERAÇÃO, PELADAS, ETC.

— Poderá tratar-se no Instituto ou em sua casa
— Marque consulta sem compromisso das 10.30 às 13 e das 15 às 20 h. Sábados das 9 às 13 h.

CONSULTÓRIOS DO INSTITUTO MARCEL, LDA.

Lisboa: Edifício Campo Grande, 38-3.º B — 1700 — Tel. 735181/771273
Porto: Edifício Brasília, 113-8.º piso — Serviz — 4100 — Telefone 808678

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «IMPRESSOS E/Ds» — PROC.º 297/84

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «IMPRESSOS E/Ds».
2. Serão recebidas propostas até às 17.30 do dia 27 de Junho de 1984, procedendo-se à abertura às 10.00 do dia imediato, 28 de Junho de 1984.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 200 000\$00.

DESPORTO

“Prémio Joaquim Agostinho”

Fernando Fernandes vence em Torres Vedras

Fernando Fernandes e o Lousã foram os vencedores do Mini-Prémio de Ciclismo de Torres Vedras (Troféu «Joaquim Agostinho»). Na 3.ª e última etapa (um circuito de 70 quilómetros, em Torres Vedras), José Poeira (Lousã) foi o vencedor com 1 hora e 58,54 minutos, à média de 35,770 quilómetros/hora.

Com o mesmo tempo do vencedor classificaram-se Manuel Cunha (Ovarense), Benedito Ferreira (Sporting), Manuel Vilar (Ajact) e João Santos (Tavira).

Nesta etapa (a mais disputada do Mini-Prémio) desistiram 25 ciclistas, nas 40 voltas ao circuito.

Classificação geral individual: 1. Fernando Fernandes (Lousã), 8 horas 40,55 minutos; 2. Patrice Thevenard (Sporting) 8.40,57; 3.

Alberto Leal (Lousã), 8.41,18; 4. José Poeira (Lousã), 8.43,12; 5. João Santos (Tavira) MT.

Classificação geral por equipas: 1. Lousã (26h 05,20 minutos); 2. Sporting (26.08,46); 3. Ajact (26.10,49); 4. Tavira (26.11,43); 5. Ovarense (26.15,57); 6. Paços Ferreira (26.19,44)

Pedalada em Sintra

Manuel Correia (Gulphilhas) venceu o Grande Prémio do Concelho de Sintra, totalizando, ao longo das três etapas (em dois dias, da prova aberta a seniores B e juniores) quatro horas 07,06 minutos enquanto Rui Costa (Terminorma) ficou na 2.ª posição

com 4.08.23 e Hélder Domingos (Carnide), com 4.08.56, foi 3.º classificado.

Por equipas venceu o Carnide, seguido do Bombarrense e Terminorma.

Porto-Lisboa

A prova de ciclismo Porto-Lisboa será este ano disputada em ligação directa e não por etapas, como nos últimos oito anos. Esta competição é organizada pelo «Jornal de Notícias» através do seu Departamento de Iniciações.

Uma informação divulgada pelos promotores revela que, **Acolhendo uma proposta da**

Federação Portuguesa de Ciclismo e restando uma tradição interrompida em 1975, a prova será directa, saindo da Praça da Batalha (Porto) com chegada ao Campo Grande (Lisboa).

O «JN» organiza este ano quatro provas de ciclismo, designadamente a 46.ª Volta a Portugal, de 19 de Agosto a 1 de Setembro. De 18 a 24 de Junho, decorrerá o 6.º Grande Prémio Jornal de Notícias e, a 21 e 22 de Julho, o 3.º Prémio da Juventude. O mesmo jornal organizou também (em 1911) a primeira edição do Porto-Lisboa, em que triunfou o ciclista francês Charles Georges, em representação do Lusitano.

Ténis de mesa

Citroen e Função Pública vencem “Nacionais” do Inatel

No pavilhão gimnodesportivo do Estádio 1.º de Maio, tiveram lugar os Campeonatos Nacionais de Equipas do INATEL. Domínio esperado da Citroen em homens, enquanto em senhoras a vitória foi para o Sindicato da Função Pública do Norte.

As classificações ficaram assim ordenadas: **Homens:** 1.º Citroen; 2.º EPAC; 3.º Cimentos de Leiria. **Senhoras:** 1.º Função Pública do Norte; 2.º Centro Social do Funchal; 3.º Jornal «O Casapiano». **Pares homens:** 1.º Hélder Araújo/José Louro (Totta e Açores/«O Casapiano»); 2.º Edmundo Fava/Paulo Almeida

(Serviços Municipalizados de Setúbal). **Pares senhoras:** 1.º Lina Fernandes/Rosa Salgado («O Casapiano»/ind.); 2.º Cristina Alves/Graça Araújo (S. M. Setúbal). **Pares mistos:** 1.º Hélder Araújo/Rosa Salgado (Totta Açores/ind.); 2.º Edmundo Fava/Cristina Alves (S. M. Setúbal).

Nacionais federados

Disputada a 1.ª fase dos Campeonatos Nacionais de equipas das II e III Divisões, são já conhecidos os apurados para as finais, que terão lugar no Pavilhão do Atlético Clube de Portugal, na Tapadinha, no próximo fim-de-semana. Assim, na 2.ª Divisão, a relação dos apurados (que ascendem à I Divisão) é a seguinte: Monte Aventino (Porto); Desportivo do Bairro (Braga); São Roque (Funchal); Campos do Lis (Leiria); Juventude (Évora); Bonjoanenses (Faro). Os apurados para disputarem o título da 3.ª Divisão são os seguintes: União de Bancos, Vitória de Guimarães, Ramiro José, Futebol Clube de Lisboa e o vencedor do jogo (em atraso) Sismaria - Império Marinhense.

Entretanto, para o Campeonato Nacional de Juniores foram já encontrados os finalistas (vencedores das Zonas Norte e Sul), que são, respectivamente, o FC Porto e o Sporting.

Auto-Rádios e Anti-Roubo Philips Cetra

CENTRO TÉCNICO DE REPARAÇÃO AUTOMÓVEL S.A.R.L. CONCESSIONÁRIO PHILIPS PARA INSTALAÇÃO DE AUTO-RÁDIOS

R. Cidade de Bolonha 1-B - R. Cidade de Bissau, Olivais Sul 1800 - LISBOA
Tel.: 33 10 22 - 31 72 73

Andebol: “Taça”

Benfica elimina campeão Sporting

O Benfica eliminou da Taça de Portugal em andebol o Sporting: uma espécie de «vingança» pela recuperação, esta época, do título para os «leões», após dois anos de reinado dos «encarnados». O encontro, embora emotivo, ficou muito distante, em qualidade técnica, do valor dos intérpretes em luta.

O grupo surpresa dos quartos de final da competição viajou de Braga ao Porto: o Académico minhoto (da 2.ª divisão) dominou o Desportivo de Portugal com imprevista facilidade. Por fim, os «azuis» de Belém e das Antas bateram formações do escalão inferior.

Resultados: Benfica-Sporting, 26-23; Desportivo de Portugal-Académico de Braga, 27-32; e F.C. do Porto-Cascais, 35-29 e Amadora-Belenenses, 23-29.

O «derby» lisboeta jogou-se no pavilhão da Luz. Árbitros: Armando Pinho e José Filipe (Lisboa).

Benfica: Orlando (Santa Bárbara), João Gonçalves (10), Rui Ferreira (6), Costa Almeida, Bernardo, Vasco, Mário Gentil (2), Moraes (5), João Manuel, José Manuel (3) e Rui Lopes.

Sporting: Pedro Miguel (Carlos Silva), Mário Santos (10), Areias (3), Marques (4), Carlos José, Franco, Pires (1), Miranda (3), Brito (2), Carlos Correia e Luzia.

Meninas de Oeiras ganham a “Taça”

Na final da «taça» feminina (disputada no pavilhão de Torres Novas) a Associação Desportiva de Oeiras dominou claramente o Almada (19-6).

As moças medalhadas: Conceição Rufino, Maria João Silva, Cristina Moreira, Rufina, Freitas, Filomena Santos, Teresa Gago, Isabel Vieira, Maria Lúcia Moreira, Isabel Cruz, Guida Barriga e Laura Carmo.



Equipa de iniciados femininos do Cruz Quebradense, campeã invicta do campeonato regional de basquetebol de Lisboa. Em primeiro plano: Vera Brites, Sandra Carrondo, Arminda Pantaleão, Paula Vitorino, Carla Albuquerque, Maria João e Paula Oliveira. Em segundo plano: Luís Rosa (treinador), Sandra Freire (seccionista), Elisabeth Ribeiro, Aida Pedro, Ana Rolão, Sara Freire, Alexandra Sá e Isabel Pina (treinadora adjunta)

“Chicotadas psicológicas”: é tempo de declarar o ‘estado de responsabilidade’

Oito dos dezasseis clubes intervenientes no «campeonato maior» do nosso futebol, procederam, ao longo do torneio, à mudança de «tímo-neiro». Desse oito, apenas Sporting e Guimarães se que-daram (pudera!) em posição isenta de sobressaltos, já que, dos demais seis, três foram remetidos para a divisão inferior, um (Penafiel) está na «li-guilla» e Farense e Salgueiros sofreram até ao silvo derradeiro. Atente-se no nome de clubes e treinadores (rendidos e substitutos), a começar por Espinho: Alvaro Carolino (Hernâni Gonçalves), Penafiel: Fernando Tomé (Luís Miguel), Farense: Mladenov (Cajuda), Guimarães: H. Stessl (Djunga/Murça), Agueda: José Carlos (Albano Soares), Salgueiros: Octávio Machado (Jesus, depois Fidalgo, agora Soares), Estoril: Medeiros (Mário Wilson) e Sporting: Vengios episodicamente (Marinho e já Toslack).

Como se vê, a substituição do técnico nada acrescentou aos anseios de associados e dirigentes dos clubes que «empunharam o chicote». Então, duas conclusões se extraem: ou o técnico inicialmente eleito não reunia condições bastantes ou o defeito se

ficava em frágeis alicerces, estruturas descuidadas. Não vamos, obviamente, questionar a competência de Carolino ou Hernâni Gonçalves, de Tomé ou Luís Miguel, de Mladenov ou Cajuda, de Stessl ou Djunga, de José Carlos ou Albano Soares, de Octávio ou Fidalgo, de Medeiros ou Wilson ou de Vengios ou Marinho, só que mudar de treinador no decorrer de uma competição é terapêutica com raro efeito benigno, fundamentalmente porque o substituto se confronta com métodos diferenciados e jogadores cuja escolha lhe não pertenceu e, sabe-se como tais condicionamentos implicam dificuldades, cuja superação toca a raia onde o impossível monta granítica barricada.

Pensamos haver precipitação e descuido de certos dirigentes quanto à contratação de futebolistas e técnicos e, quando os objectivos se posicionam em horizonte distante, eis que a decisão mais cómoda (e que colhe afoita concordância dos associados e demais prosélitos) é acordar na substituição do treinador. Uma atitude que, não raras vezes, ocasiona forte rombo nos débeis cofres da colectividade: e que outro efeito não

terá do que o alijar de responsabilidades gestoras. Despedir o técnico é, na generalidade, declarar a falência da competência. Como exemplo de verticalidade e elogiável frontalidade temos os bons exemplos de Fernando Pedrosa e Valentim Loureiro que, assumindo responsabilidades e fiéis a uma decisão amarrada à ponderação e à coerência dominada pela atitude determinante da escolha feita no limiar da competição, se demitiram de acolher pressões, resistindo-lhe com a força advinda do cargo e das funções e Manuel de Oliveira e Henrique Calisto mantiveram-se. Como conclusões, importa recomendar aos dirigentes clubistas que o acto de contratação de profissionais (jogadores e técnicos) para os seus quadros é mero acto de gestão e daí o dever de assumir, ante os seus consócios, a responsabilidade inerente. Despedir o treinador no decurso do período contratual é franger o reino da sua incompetência e abrir as portas do estádio das suas insuficiências.

Vai sendo tempo de ser declarado o «estado da responsabilidade».

Alves Henriques



ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL SESSÃO EXTRAORDINÁRIA (Art. 72.º dos Estatutos)

a realizar no Edifício da Sede, na Rua Áurea, 219/241, em Lisboa, nos Edifícios da Filial no Porto, das Agências em Aveiro, Barreiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Funchal, Guarda, Leiria, Moscavi-de, Portalegre, Póvoa de Varzim, Santarém, Setúbal, Sintra, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Gaia, Vila Real e Viseu e das Dependências de Almirante Reis, Campo de Ourique e S. José (em Lisboa) e da Constituição (no Porto), onde existirão mesas de voto.

Convoco os sócios para se reunirem em Assembleia Geral Eleitoral Extraordinária, no dia 23 de Julho de 1984, com início às 13 horas e termo às 18, esclarecendo que não é exigível para esta sessão o cumprimento do n.º 2 do art. 41.º dos Estatutos (espera de uma hora para se realizar em 2.ª Convocação).

ORDEM DO DIA

— Eleição de dois membros dos Corpos Sociais, para o mandato que termina em 31/12/85, respectivamente, para preenchimento de vagas de 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral e de Vogal do Conselho de Administração.

Em conformidade com o n.º 2 do art. 72.º dos Estatutos, as listas serão aceites no período de 1 de Junho a 1 de Julho p.f.º. De acordo com o n.º 3 do art. 71.º dos Estatutos, é permitido o voto por correspondência, com observância do disposto nas alíneas a), b) e c) do referido número, para o que serão enviados aos sócios dois sobrescritos e listas.

A recepção dos votos por correspondência termina no próprio dia da realização da Assembleia Geral Extraordinária, sendo considerados nulos todos aqueles recebidos em data posterior.

Conforme disposições estatutárias, não podem fazer parte da Assembleia Geral Extraordinária, com excepção dos n.ºs 35514, 35515, 35517 a 35520, 35523, 35526 a 35528, 35532, 35534, 35559 a 35561, 35566, 35567, 35569, 35577, 35579, 35582, 35586, 35587, 35589, 35590, 35592, 35595, 35604, 35608, 35610, 35625, 35650, 35656, 35658 e 35675, os sócios de numeração superior a 35491.

Lisboa, 28 de Maio de 1984

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) Fernando Cruz

NOTA:

CANDIDATURAS

Estão à disposição dos sócios na Secretaria da Sede, na Filial, Agências e Dependências indicadas, termos de candidatura e relações de que constam as incompatibilidades legais e estatutárias para o exercício de cargos nos Corpos Sociais.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION, TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

42



Copyright Dargaud/Maribérica

CONTINUA

Disenteria mata 2100 na Índia

Uma forma de disenteria resistente aos medicamentos já causou este ano mais de 2700 mortos na Índia - informaram domingo funcionários dos Serviços de Saúde.

A doença afectou nove estados da Índia e receia-se que se espalhe a áreas adjacentes e a Nova Deli - acrescentaram.

Investigações médicas determinaram que a disenteria é causada por uma bactéria altamente infecciosa denominada «Shigella Dysenteriae Tipo Um», que chegou à Índia a partir do Bangladesh, onde causou este ano mil mortos.

A potência desta bactéria é muito mais elevada do que a da cólera, dado que são precisos vários milhões de bactérias para provocar cólera num indivíduo, enquanto dez a cem germes de Shigella podem causar a disenteria.

A bactéria resiste aos antibióticos de uso mais frequente.

Carnificina em Uttar Pradesh

Uma mulher salteadora e o amante executaram 13 aldeões um a um e queimaram até a morte uma mulher e a filha, num massacre perpetrado por vingança, noticiou ontem em Nova Deli, a UNI.

A agência noticiosa United News of India disse que a carnificina teve lugar sábado à noite perto de Kanpur no Estado de Uttar Pradesh, quando o bando Lala Ram-Shriram Dacoit alinhava os 13 aldeões do lugar de Ashta, alvejando-os mortalmente. Depois deitaram fogo a várias casase uma

mãe e a sua filha morreram.

A polícia disse que as execuções foram perpetradas pela mulher-bandido, a rainha Kusuma Nein e o seu amante foragido Lala Ram Shriram, para vingar as mortes de três camaradas executados por um bando rival.

Uma testemunha ocular disse que os foragidos entraram na aldeia gritando «dêem-lhes uma lição» disparando depois contra as vítimas.

Está a decorrer uma grande caça ao homem.

Nonagenária escapa a graves ferimentos

Uma mulher de 99 anos praticamente cega e parcialmente surda, foi esfaqueada na garganta por um indivíduo que se introduziu na sua casa no leste de Londres empunhando uma faca, revelou ontem a polícia.

Ay Hammond precisou de levar 24 pontos aos vários ferimentos na garganta, apresentando ainda equimoses e golpes na face, revelou um porta-voz da Scotland Yard.

Um vizinho encontrou sábado de manhã a anciã

jazendo numa poça de sangue no pequeno apartamento que habitava no Bairro Walthamston, da City, disse o porta-voz.

A senhora Hammond, viúva, vivia sozinha. Foi transportada para um hospital próximo onde, segundo foi noticiado ontem, o seu estado clínico é satisfatório. «A sua vida não corre perigo», afirmou um porta-voz hospitalar.

Não foi revelada a data de nascimento da senhora Hammond

A maior "fábrica de saúde" da Europa divide os alemães

De fora, recorda de certo modo uma refinaria. Trata-se, contudo, de um colosso arquitectónico em Achem com 257 metros de comprimento e 135 de largura. Uma imensa mole que constitui a maior clínica universitária da Europa, com todas as especialidades no mesmo edifício - aulas e centros de investigação - onde trabalham 3200 pessoas para assistir a um número máximo de 1500 doentes.

Mas este novo edifício da Faculdade de Medicina da Universidade Técnica de Achem, que já funciona desde fins do ano passado, apesar de ainda estar em acabamento, é algo mais do que um centro médico.

Constitui o principal pomo de discórdia entre o governo democristão-liberal em Bona e o governo regional social-democrata da Renania do Norte - Westfalia.

Cerca de 570 milhões de marcos custaria esta «fábrica de saúde» como é popularmente conhecida, quando em fins dos anos 60 foi feito o seu orçamento, que é financiado conjuntamente por Bona e pelo governo regional de Dusseldórfia.

Todavia, até agora as obras inacabadas exigiram já 1600 milhões de marcos e peritos calculam que a cifra final se poderá elevar a 2400 milhões.

A disputa à volta desta clínica de aspecto futurista, com as suas janelas de vidro azul e visíveis tubos amarelos de aço, inspirada numa outra mais pequena construída na cidade canadiana de Hamilton, a clínica Mac Master, agravou as velhas tensões Bona-Dusseldórfia, que se ameaçam mutuamente com processos em tribunal, enquanto os advogados examinam que responsabilidades em indemnizações um governo pode pedir ao outro.

A causa da disputa reside num relatório do Tribunal Federal de Contas de Francoforte, no qual se censuravam, em Fevereiro passado, «graves erros» ao governo regional, no controlo das obras.

A construção já dura há mais de 15 anos, devido ao facto de ninguém controlar as obras e por se apresentarem continuamente novas modificações, afirmaram os inspectores do Tribunal.

Os políticos de Bona, sobretudo a ministra da Educação, Dorothea Wilms, e o ministro das Finanças, Gerhard Stoltenberg, ambos democratas-cristãos, cortaram o fluxo de capital do governo federal para a construção da clínica, argumentando que, em 1983, se acordou num limite máximo de 1600 milhões de marcos.

De nada serviram as afirmações do competente ministro regional, no sentido de que todos os organismos actuem legalmente e que os «erros surgidos se inserem no campo dos riscos».

Mais ainda: os democratas-cristãos do Estado federado, que em 1985 participarão nas eleições regionais sem grandes perspectivas de êxito ante o popular primeiro-ministro da Renania do Norte - Westfalia, Johannes Rau, utilizaram imediatamente esta questão no âmbito da sua tática eleitoral, anunciando a formação de uma comissão investigadora.

Apesar da «aventura de Achem», como lhe chama a imprensa local, ainda não estar acabada, a clínica já abriu as suas portas e, em Janeiro serão inaugurados oito departamentos, a que se seguirão outros tantos.

Actualmente, 400 doentes são tratados em regime de internato e mais 500 em consulta externa. Desde que entrou em funcionamento, foram praticadas na clínica 163 operações ao coração, quase duas vezes mais do que no mesmo período do ano passado, quando se operava ainda na clínica velha.

No complexo interior do gigantesco imóvel, falta todavia a rotina indispensável.

Não só doentes e visitantes, como inclusive empregados e estudantes de presença assídua, só conseguem orientar-se com a ajuda da lógica e de um mapa instalado no vestíbulo.

Letreiros com inscrições como UB1, 5B6 ou EE indicam o caminho ao longo de numerosos corredores, pátios e portas automáticas.

Uma visitante comentou: «Ao princípio perdia-me sempre. Agora venho com o meu filho que se orienta melhor».

Segundo os planificadores, no futuro cerca de oito mil pessoas deambularão diariamente por esta gigantesca clínica, entre entusiastas que assistem às aulas, mil refeições na grande cantina, leitores de uma biblioteca com 200 mil volumes, empregados em 16 sectores, investigadores nos seus laboratórios, doentes e visitantes.

«Não tencionamos ser uma tranquila clínica para curas de repouso, mas sim um moderno centro de técnicas médicas sofisticadas», afirma o neurologista Werner Hacke, de 36 anos, justificando o desconcertado tráfego na «fábrica de saúde».

«Aqui, os doentes são mais intensamente examinados e diagnosticados em três dias, do que em duas semanas noutros sítios», acrescenta.

Até ao momento, os «intensamente diagnosticados» pacientes mostram-se satisfeitos. Nos quartos reina uma atmosfera alegre.

Só há quartos de uma e duas camas, com lençóis de barras verde e brancas, e um lavabo fixo numa parede preponderantemente verde.

«Os médicos são bons e as enfermeiras atenciosas», afirma Gabrielle Kreuzer (22), uma doente internada na clínica por ter sofrido fractura da bacia.

«O único mal é a 'paisagem' de paredes de betão e tubos de aço que se vê, durante seis semanas, através da janela», comenta resignada.

Porto, Rotunda da Boavista

Aí é que a Feira do Livro se encontra mesmo bem

A grande maioria dos livreiros presentes na 54.ª edição da Feira do Livro do Porto consideram a Rotunda da Boavista, onde o certame voltou a ser instalado este ano, como o melhor local para a Feira, de acordo com os contactos que fizemos. Alguns visitantes manifestaram-nos a mesma opinião.

«Oxalá o tempo ajude...» — dizia um dos editores para quem a Boavista oferece condições que não existem na «baixa» portuense (Praças da Liberdade e de Humberto Delgado), onde a Feira funcionou, por vezes, nos últimos anos. Uma ou outra experiência na Boavista, nomeadamente já no ano passado, permitiram concluir pelas vantagens desta zona.

Aqui, dizia-nos um livreiro, «há espaço para os pavilhões e para as pessoas circularem, há jardim e sombra, lugar para os carros e até para se comer qualquer coisa sem sair do recinto».

Crianças

Um dos visitantes salientou também as vantagens da Rotunda sobretudo para as crianças, mas lamentava que o programa da Feira «não lhes dê a

atenção devida». De facto, quase não há iniciativas para as crianças, embora haja espaço e seja considerável o número das que passam pela Feira em companhia dos pais.

Um dos editores manifestou-nos a opinião de que uma programação desse tipo, a pensar também nas crianças, implicava que a feira fosse «preparada com a colaboração de diversos organismos e entidades, o que não era impossível...»

Para o editor Francisco Pacheco, por exemplo, esta falta de actividades paralelas no programa de Feira, de que discorda, deve-se ao facto de o certame ser encarado «apenas como isso mesmo, uma simples Feira para vender livros».

Deste modo, a rotina poderá ser apenas quebrada por uma ou outra vinda de escritores, a convite dos editores, para sessões de autógrafos e pouco mais, embora a Feira do Livro «seja uma boa oportunidade para animação cultural», acrescentava aquele editor para quem, por outro lado, «devia ser a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) a tratar disso».

Soubemos, todavia, que a APEL não dispõe de grandes

meios e, na maior parte das vezes, os editores e livreiros nem sequer lhe dão elementos concretos do movimento verificado na Feira, em volume de vendas e quantidade de livros transaccionados.

«Há de tudo»

Mas na Feira «há de tudo», como de costume — do livro técnico ao romance, do infantil à poesia, do livro didático à banda desenhada, da culinária aos dicionários. O desconto habitual e as vantagens suplementares do «Livro do Dia» são ainda o grande atractivo. Há livros que se vendem normalmente por quase mil escudos com o preço de Feira de 700 e outros de 500 escudos com preço de pouco mais de três notas de cem. Os chamados «monos» têm sempre um grande público — preço único de 50 escudos, por exemplo. E as pessoas compram mesmo...

«Gosto muito de ler e tenho encontrado aqui coisas bem boas, só compro destes baratos, de saldo» — dizia-nos um visitante, funcionário público, «à beira da reforma».

Um editor ou livreiro que queira vir à Feira pela primeira

vez, em seu nome, apanha um susto: a inscrição custa nada menos do que 140 mil escudos (40 mil para os já habituais). Como um pavilhão custa 320 mil escudos, uma primeira inscrição atinge o total de 440 contos. «Era preciso vender desalmadamente, quem vai nisso? — desabafava um pequeno editor sem nos primeiros dias de representação própria na Feira.

E assim que na Rotunda da Boavista estão presentes 70 editores e livreiros portugueses e ainda 40 brasileiros, num total de 110 casas, embora os pavilhões sejam exactamente quarenta.

Repare-se no número de editores brasileiros ali representados. Quantos serão os editores portugueses que vão às feiras do livro, ou iniciativas semelhantes, no Atlântico Sul?...

O tempo ajudou nos primeiros dias.

Vão passar pela feira, a fazer o cálculo pelos outros anos, muitos milhares de pessoas. E livros? Toda a gente compra? As estatísticas confirmam que os livros não existem em grande abundância em casa da maioria dos portugueses...

José Gomes Bandeira

Cinema não profissional

Festival Internacional do Algarve poderá não se efectuar o ano que vem

FARO, 28 — A 13.ª edição do Festival Internacional de Cinema não profissional do Algarve terminou, no sábado, na Praia da Rocha (Portimão) e pautou-se pelo aumento qualitativo e quantitativo dos filmes de produtores portugueses.

Dos 29 países representados no Festival, Portugal inscreveu o maior número de produções (26), seguindo-se a Itália (7), Alemanha (6), Inglaterra (6), Brasil (6) e Estados Unidos da América (5).

A maioria dos restantes países (Austria, Canadá, México, Suíça, África do Sul, Escócia, Irlanda, Jugoslávia, Sri Lanka, Porto Rico, Moçambique, Venezuela, Marrocos, Argentina e Luxemburgo) inscreveram um dos filmes. Bélgica, Finlândia, Checoslováquia e Espanha apresentaram quatro filmes cada.

Festival de Cinema do Algarve, que não se caracterizou pela presença de «vedetas», mostrou pequenas e médias metragens, com duração variável entre 10 e 40 minutos. Dos 30 filmes exibidos durante os cinco

dias da fase final, em salas de Olhão, Faro, Lagos e Portimão, com muito público a assistir, foram vistas produções nas áreas da animação, ficção e documentário.

Embora o júri não tenha atribuído o «grande prémio» galardão máximo do Festival, as produções exibidas tiveram qualidade, destacando-se, desde logo, um documentário do americano Ray Marr, intitulado «Four Faces of Indonésia» e o filme «Novas Perspectivas», de João Paulo Ferreira, na área da ficção.

A produção do português transporta para a tela a angústia de uma mulher idosa que vai para um lar de Terceira Idade. Ao ter que abandonar a casa onde sempre viveu e que irá ser demolida, a mulher recorda todo o passado em cada objecto «indispensável» que terá de levar consigo, e «despede-se» dos outros com resignação e ausência no olhar, interpretação excelentemente bem conseguida.

O documentário americano descreve os costumes do povo das ilhas da Indonésia, numa

produção de técnica quase profissional em imagem e som.

Ambos os filmes venceram nas modalidades a que concorreram em ficção e documentário, respectivamente.

Outro filme que se destacou e mereceu fartos aplausos, vencendo na ficção com o português, foi «Seps out of Time», do inglês Dorian Cowland. O autor conta a história de um jovem que se esconde num bosque para escapar a um bando de rufias.

O jovem encontra o capacete de um piloto de caça e passa a ouvir sons na sua imaginação de adolescente.

O rapaz «vê» um piloto e dialoga com ele, ajudando-o a ultrapassar o medo. No final sabe que apenas se tratava de «um fantasma» que morreu na Batalha de Inglaterra, mas lhe deixou o dom da poesia e da coragem. Um filme com sabor profissional e de qualidade.

Apesar de, na opinião dos organizadores, a décima terceira edição do Festival Internacional de Cinema não profissional do Algarve ter sido um êxito, o cer-

tame está em risco de ser extinto.

Em declarações à Anop, o director executivo, Carlos Manuel, admitiu a possibilidade de já, no próximo ano, não se realizar a XIV edição.

Este elemento da organização argumenta que as despesas são muitas — este ano orçaram em cerca de 1600 contos — e os apoios escassos, incluindo os do Ministério da Cultura.

«Não queremos que nos dêem todo o dinheiro, mas este festival já tem alguma importância e merecemos algum apoio. Ou isto não será cultura?», desabafou Carlos Manuel.

O Festival de Cinema do Algarve é normalmente divulgado em cerca de 60 países do mundo, «levando o nome de Portugal e do Algarve, com as vantagens que daí advêm», disse.

Só com a garantia das verbas suficientes à disposição da Comissão Organizadora, antes do fim do ano, dará a certeza da continuidade do Festival — alertou Carlos Manuel.

Evocada Convenção de Évoramonte

Piteira Santos falou sobre as lutas liberais

As comemorações dos 150 anos da assinatura da Convenção de Évora Monte, que assinou o fim do absolutismo em Portugal e a implantação do regime liberal, decorreram, no sábado, em Évoramonte.

O programa das comemorações incluiu provas desportivas, jogos tradicionais, concursos de decimas populares e a inauguração de uma exposição documental de armas, gravuras, mobiliário e peças várias da época da assinatura da Convenção.

O director adjunto do nosso jornal, Piteira Santos, proferiu uma conferência sobre as lutas liberais e a assinatura da Convenção, a que, entre outros, assistiram a presidente do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), Natália Correia Guedes, a directora do Departamento de Museus do IPPC,

Maria Alice Faria, o presidente da Fundação da Casa de Bragança, Amaral Cabral, o presidente da Câmara Municipal de

Estremoz, José Emilio Guerreiro, e diversas entidades do concelho.

A iniciativa foi da Câmara Municipal de Estremoz, Museu Regional de Évora e Junta de Freguesia de Évora Monte.

A assinatura da Convenção de Évora Monte decorreu em 26 de Maio de 1934, marcando o fim da guerra civil que opunha liberais e absolutistas, saldando-se pela vitória dos liberais, liderados por D. Pedro IV.

O documento foi assinado pelos duques da Terceira e Saldanha, por parte de D. Pedro IV, e pelo general Azevedo Lemos, por parte de D. Miguel, assistindo o secretário da Ligação Britânica em Lisboa, John Grant.

Este armistício encerrou um período de lutas sangrentas que durante dois anos dividiu os portugueses em liberais e absolutistas, causando largas dezenas de milhares de vítimas em ambos os exércitos.

Hoje



Apresentado por Carlos Cruz, realiza-se na RTP-1, mais uma sessão do concurso Um, Dois, Três

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

- 18.02 Notícias
- 18.05 Grão a Grão — «D'Artacão e os Três Moscoteiros».
- 18.45 Teleregiões
- 19.10 «A Balada de Hill Street»
- 20.00 Telejornal
- 20.35 «O Bem Amado» — episódio n.º 49.
- 21.15 Um, Dois, Três — coordenação e apresentação de Carlos Cruz.
- 23.15 Últimas Notícias



O programa ... Da Música, da RTP-2, celebra hoje os 50 anos do Royal Ballet, em que o maestro Barry Wordsworth dirige a Orquestra de Sadler's Wells Theatre



- 19.32 Notícias
- 19.45 Folclore — «Danças e Cantares - 3».
- 20.15 Documentário — «Páginas da Vida de Leon Tolstói».
- 20.45 Animação — «Retrospectiva de Norman McLaren».
- 21.15 Jornal da Noite — a informação nacional e internacional.
- 21.45 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 26.
- 22.25 ... Da Música — «Celebration». Documentário sobre a comemoração dos 50 anos do Royal Ballet.

Amanhã



18.00: Notícias; 18.10: Grão a Grão; 18.35: Teleregiões; 18.50: «O Barco do Amor»; 20.15: Telejornal; 20.50: «O Bem Amado»; 21.30: «Reilly, Rei dos Espiões»; 22.15: Grande Informação; 23.30: Últimas Notícias.

19.32: Notícias; 19.45: Portugal Romano; 20.10: Adágio; 20.35: D'Hoje pr'Amanhã; 21.15: Jornal da Noite; 21.45: «Guerra dos Sexos»; 22.25: «A Balada de Hill Street».

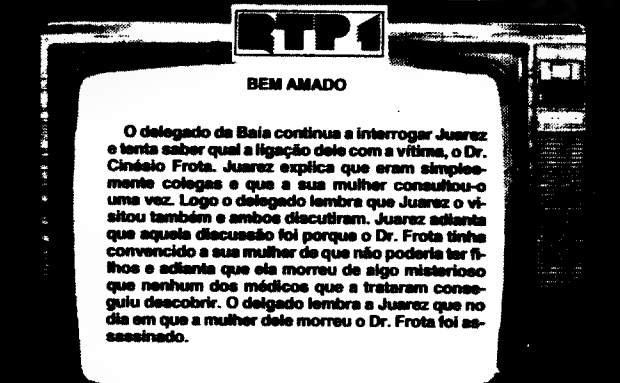
GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Concurso «Um, Dois, Três» (21.15)



... Da Música (22.25)



Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Exposições

● «Ballet, dos bastidores ao palco» é o tema da exposição de fotografia de **Alberto Cardoso** (um amador de 40 anos) que é esta tarde inaugurada na Sala Camões da Sociedade de Língua Portuguesa. Sobre o trabalho do fotógrafo disse Fernando Sylvan, presidente da SLP: «O movimento só é vida, vida-criação, quando ele se enche de sons visuais. E ao movimento só vale a pena estar reproduzido no destino ou na pintura ou na escultura, ou mesmo na fotografia, quando os sons se não perdem. A fotografia de Alberto Cardoso aqui exposta tem essa garantia».

● É esta tarde inaugurada uma exposição de tapeçarias da autoria de **Conceição Tomás**.

● «Nas suas grandes linhas, o desespero não tem importância. É um punhado de árvores que vai ainda fazer uma floresta, é um punhado de estrelas que vai ainda fazer um dia a menos, é um punhado de dias a menos que vai ainda fazer a minha vida». É deste modo, citando André Breton, que Jorge Semprun tenta definir «a cor psíquica das paisagens e das personagens» de **Folon**. Dezasseis trabalhos do conhecido pintor belga encontram-se actualmente em exposição na Galeria 111, ao Campo Grande.

● Na Galeria Prosomar, em S. João do Estoril, encontram-se expostos trabalhos de **Francisco Rosa**, **Justino Alves**, **Lima de Carvalho**, **Luís Filipe de Abreu**, **Manuel Sam Payo**, **Mário Rita** e **Rogério Ribeiro**.

● Uma exposição de pintura e

desenho de **Maria Velez** continua patente na Galeria Ana Isabel.

● Pintura e desenhos de **Gracinda Candelas**, **Luís Filipe de Abreu**, **Matilde Marçal** e **Rocha de Sousa** podem ainda ser vistos na Casa da Imprensa.

● Óleos, aquarelas e colagens de **João Teixeira de Vasconcelos** continuam expostos na Galeria Gilda, em Guimarães.

● Na Galeria de Arte Capital, em Leiria, encerra hoje a exposição de pintura de **Zé Penicheiro**.

● Em Torres Novas, na Galeria Neupergama, **Carlos Flor Dias** expõe pinturas e mosaicos.

Bailado

● Os 18 bailarinos soviéticos que estão em Portugal, no âmbito das comemorações do 10.º aniversário da Associação Portugal-URSS, dançam hoje à noite na sala da Quimiga, no Barreiro.

Colóquios

● Começa hoje, no Palácio Foz, uma série de colóquios sobre o regime fascista, organizada pela Comissão do Livro Negro.

Teatro

● «Um actor em Tempo de Literatura» é o nome do espectáculo que, de hoje a quarta-feira, está em cena no Teatro Nacional. O único actor é o brasileiro **Paulo Autran** que, através de uma colectânea de textos, pretende dar a conhe-

cer as modernas tendências da literatura brasileira.

● O Grupo de Teatro do **Grupo Cultural e Desportivo dos Trabalhadores do Banco Espírito Santo** apre-

sentará esta noite, pela última vez, a peça «Dinis e Isabel» de António Patrício e encenação de José Gil. A representação tem lugar na sede do grupo, na

colaboração com o restaurante Jerónimos, vai esta noite proceder à tentativa de «ressuscitação de Donamorta», romance de Armando Silva Carvalho. O acto tem lugar no

pranto gregoriano gravado a 45 rotações mas rodado em 33».

Cinema

● Na Sala Félix Ribeiro da Cinemateca são hoje exibidos



Um dos trabalhos de Flon na 111

sentará esta noite, pela última vez, a peça «Dinis e Isabel» de António Patrício e encenação de José Gil. A representação tem lugar na sede do grupo, na

cargo de Glicinia Quartin, José Wallenstein e Rogério Vieira.

Livros

● A editora Assírio e Alvin, em

referido restaurante e nele estarão presentes Lia Gama, Guida Maria, Nuno Carinhos, João Perry e Fernanda Alves. A obra a ressuscitar é «um

os filmes «The Epic That Never Was» de **Bill Duncliff** e «Sargeant Madden» do mesmo realizador. Os filmes são passados, respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30.

ANA LAURA
BERNARDO
PEREIRA DE
ABREU

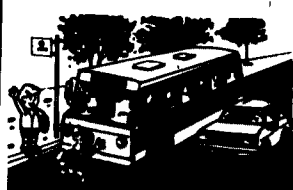
Funcionária dos Hospitais
Civis de Lisboa

FALECEU

Seus pais, filhos,
irmão e mais família
cumprem o doloroso
dever de participar o seu
falecimento.

AGÊNCIA ALMEIDA
Telfs. 542406-542837

AOS CONDUTORES



Junta dos transportes públicos, através da
marca, permite a qualquer condutor pagar uma
multa e encerrar o seu passe livre para qualquer
de transporte

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA
PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete toles; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim; 20.25: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Musical; 21.30: Noites de luar. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.45: Música instrumental; 17.20: Música; 17.35: O barítono Gerard Souza; 18.05: Quarteto, de Brahms; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.30: Música para piano, de Grieg; 20.10: Música instrumental; 21.00: O tempo e os seus intérpretes; 22.00: Tempo de bailado; 23.00: Intercâmbio musical; 00.15: Música do bailado «Les Fêtes d'Hébé», de Jean Philippe Rameau; 00.30: «Cassação», em do, n.º 17, de Joseph Haydn; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.00: Desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Country music; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 16.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando.

Rede Sul de FM
21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo
22.00: A Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Notícias a todas as horas.

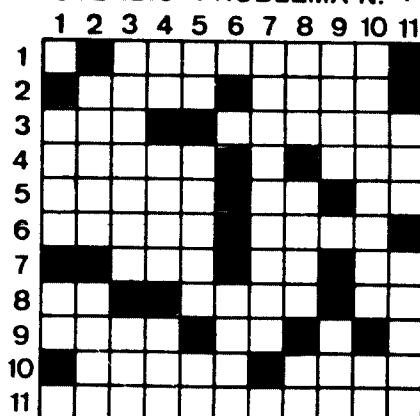
Tiragem média diária do
mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 046

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Numerário.
- Carta de jogar. Senhoras.
- Cidade do estado do Rio Grande do Sul. Arriba.
- Armaduras para a cabeça. Anel.
- Piñaro. Nosso Senhor. Pertences.
- Fomentar. Juiz e sumo sacerdote dos Judeus.
- Apologia. Ondas curtas. Duas consoantes iguais usadas num antigo pregão popular.
- Caíco (s q). Animal carnívoro. Proposição e artigo (inv).
- Antepassados. O mesmo que uma (ant e o pop).
- Indignara. Peça de vestuário da mulher.
- Morto.



VERTICAIS:

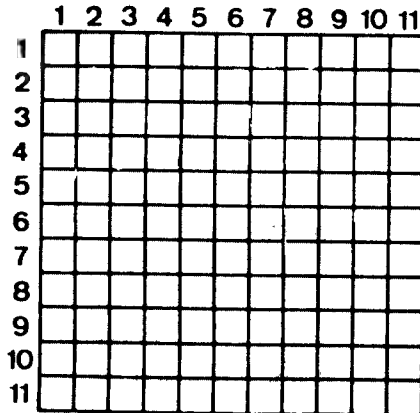
- Aquela que não vê. Aqui. Artigo definido.
- Cidade do Anamé meridional. (Vietname Central). Vila e concelho do distrito de Portalegre.
- Cidade de Espanha. Romancista e crítico de arte espanhola autor de «A Arte de Goya».
- Prefixo de negação. Rei da Grécia que foi deposto em 1862. Pequeno simio do Brasil.
- Sódio (s q). Concerto musical nocturno. Reis.
- Artérias.
- Freguesia do concelho de São João da Pesqueira.
- Engua. Enxuto. Serviço Nacional.
- Invulgar. Designação das plantas herbáceas.
- Vendedor de ostras. Idem.
- Proposição e artigo (pl). Dever.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9896

HORIZONTAIS:

- Antigo peso de Malaca. Cidade dos Estados Unidos.
- Apure. Estimara.
- Golfo também chamado Xeros. Canaíha.
- Ánsia. Combina.
- Bébia do Peru. Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional, na costa do Ouro.
- Venda a crédito.
- Mulo. Terra calcária, misturada de argila, que se emprega na olaria e para adubar o solo. Ruim.
- Cidade de França. Torrar.
- Iguais. Rio de França.
- Um dos filhos de Jacob, chefe duma das doze tribos de Israel. Distar.
- Queimas. Guarneceia de asas.



VERTICAIS:

- Utensílio doméstico. (pl). Ilha da Insulândia, a mais ocidental do arquipélago de Sunda.
- Carícia. Larva das feridas dos animais.
- Voltara. Esteiros.
- Nome de fruto. Cidade de Itália.
- Molesta. Povo antropófago que atingiu o Gabão, ido do Nordeste, pelo meado do século XIX e que chegou até ao Congo. Pertences. Reis.
- Senhor inglês. Prasiódimo (s.q).
- Pessoa de baixa estatura. Povoação do concelho de Condeixa.
- Flor também chamada lírio-do-campo. Cidade de Itália.
- Fome (gir). Cidade de Itália.
- Vaguear. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- Camada (de tinta) ou cal. Aguçava.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 045

HORIZONTAIS:

- OLHOS. Porta.
- Los. Or. Era.
- Vás. Alongar
- Espanha. Ai.
- Aos Ida.
- Dado Usos
- Emala. Rn. Rs.
- Sora Doer
- Rir Li
- Reais. Sogra.
- As Amassa.

VERTICAIS:

- VERDES. Rá.
- Lias. Amores.
- Hospedaria.
- Os. Olaria.
- Ana. Sm
- OLHOS. DE
- Proas. Ro. SS.
- Unelos
- Regais. Riga.
- TRAIDOR
- Aar Assinar.

Proverbo: Olhos verdes, olhos de traidor

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9895

HORIZONTAIS:

- Volga. Cossa.
- Abar. Réus.
- Ger. Tum! Mas.
- Argal. Oleado.
- Atá. Sião
- Relé. Ar.
- Fia Om. King.
- Aro. Calhai.
- Gó. São. Ca.
- Assai. MV. Ro.
- Rasar. Ata.

VERTICAIS:

- Vaga. Afagar.
- Opera. trosa.
- Largação. SS
- Gr. Até. Caá
- Tialoc. Ir.
- Uu. Emas
- Mós. Lama
- Or. Liakhov
- Semearia
- Suado. Nicot.
- AAsso. Pg. Ara

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	85\$10	91\$10
ALEMANHA FED (marco)	50\$65	51\$75
ÁUSTRIA (xelim)	7\$10	7\$30
BÉLGICA (franco)	2\$307	2\$507
BRASIL (cruzado)	\$055	\$105
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	106\$25	108\$25
(notas de 5 a 1000)	106\$75	108\$75
DINAMARCA (coroa)	13\$80	14\$20
ESPAÑA (peseta)	\$860	\$980
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	137\$60	139\$60
(notas de 5 a 1000)	138\$10	140\$10
FINLÂNDIA (marka)	23\$80	24\$40
FRANÇA (franco)	16\$45	17\$15
HOLANDA (florim)	45\$00	46\$00
IRLÂNDIA (libra)	15\$875	15\$955
ITALIA (lira)	\$074	\$084
JAPÃO (lêne)	\$588	\$603
NORUEGA (coroa)	17\$70	18\$20
REINO UNIDO (libra)	191\$00	195\$00
SUIÇA (coroa)	17\$10	17\$70
SUIÇA (franco)	61\$20	62\$30
VENEZUELA (bolivar)	6\$95	7\$95

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

PORTE
PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteira: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12369 LISBOA PORTUGAL
DELEGACÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE	
PRÉFIA-MAR RAIXA-MAR	
1.29 3,6 m 7.09 1,2 m	
13.50 3,7 m 19.29 1,1 m	
Dia 29	
2.09 3,7 m 7.44 1,1 m	
14.27 3,7 m 20.06 1,0 m	
TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:	
VIANA DO CASTELO	8°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	6°
PORTO	6°
COIMBRA	9°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	11°
ÉVORA	8°
BEJA	7°
FARO	12°
SAGRES	-
PUNTA DELGADA	14°
FUNCHAL	17°

Jardim Zoológico: cem anos de solidão

Num mar de dificuldades financeiras, o Jardim Zoológico de Lisboa comemora hoje o seu primeiro centenário. No entanto, e apesar de ostentar a Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa, ser membro da Ordem de Beneficência, e ter sido reconhecido como instituição de utilidade pública, os poderes públicos esquecem-se dele. Cem anos de solidão de apoios, ou de pequenas ajudas, são a paga para a sua função pedagógica.

«O orçamento deste ano é de 100 mil contos, e só recebemos 800 contos da Câmara Municipal de Lisboa. As despesas com os 150 trabalhadores orçam anualmente os 70 mil contos». As palavras de Félix Pires, da direcção do Zoo de Lisboa, revelam-nos os frios números das estatísticas, e dão-nos uma ideia das dificuldades financeiras. Como fonte de receitas apenas os bilhetes de ingresso. Mas, com preços a 120 escudos o adulto e, 60 escudos para as crianças até aos sete anos, o equilíbrio é impossível.

«Para além do mais», prossegue Félix Ribeiro, «este inverno prolongado, com a chuva a aparecer ao fim-de-semana, tem-nos prejudicado muito».

Malgrado as dificuldades, o centenário hoje comemorado teve como principal atracção uma **borla**. Aberto das 9 às 19 horas, o que acontece pela primeira vez na sua história, o Jardim Zoológico espera os seus visitantes. A meio da manhã de hoje, apesar do céu enevoado e do tempo incerto, eram muitas as escolas que tinham organizado excursões ao «jardim dos bichos».

Quando lá chegaram, viram 2000 animais, «bem alimentados», como nos assegura a direcção, apesar de prontamente reconhecer que algumas das instalações estão degradadas.

Hoje, findo o período colonial, durante o qual os animais afluíam ao Jardim, e para além de algumas ofertas, a renovação só é possível pelas permutas com organizações congêneres, especialmente as de Madrid e Barcelona, e com a procriação em cativeiro. Assim, ali podem ser vistos, «em ponto pequeno», alguns camelos, ursos, búfalos e bizontes que asseguram a perpetuação das respectivas espécies.

A comemoração de um centenário, seja ele qual for, não se pode confinar à entrada gratuita, sem dúvida o grande aliciente num País em tempo de crise. Na próxima quarta-feira decorrerá uma sessão solene durante a qual será descerrado o busto do Professor Doutor Fernando Frade da Costa, director do Jardim durante 30 anos. Está ainda prevista a edição de uma medalha comemorativa, que sempre poderá ajudar os cofres, e a apresentação de um catálogo «ZOO».

Veio da Madeira a «Miss Portugal 84»

A glória chegou aos 21 anos...

Na noite de sábado, o Casino Estoril viu iniciar-se o efémero reinado de Maria de Fátima Jardim, 21 anos, natural da Madeira, e «Miss Portugal» durante um ano para todos os efeitos.

Durante um ano, o anonimato, a vulgaridade e a rotina saem da vida de Maria de Fátima Jardim, uma jovem madeirense eleita «Miss Portugal 84».

A glória de ser a «mais bela entre as belas, vale o que vale. Efémero reinado este, ninguém o ignora, mas que abre as portas do céu à eleita: um sem-número de prémios, viagens, emprego e o direito a representar as cores nacionais em cinco certames internacionais.

Comparado com a prodigalidade da fortuna, parece bem leve o preço a pagar. Três desfiles saltitantes em traje regional, em fato de noite e em fato de banho, para que um júri competentíssimo possa avaliar dos atributos das candidatas...

Para quem esteve no Casino Estoril, a expectativa nem sequer existiu. Muito cedo se **adivinhou** o nome da vencedora, e ganhou certeza a cada passagem pelo palco: E se houve mérito nos predicados da jovem insular, o certo é que algumas doses de celulite entre a concorrência, tornaram à partida mais fácil a «espinhosa missão» do júri.

Que os dados parecem já estar lançados quando a função se anuncia é coisa mais ou menos pacífica. Mas será apenas por isso que o poder de «sedução» deste tipo de iniciativas empalidece de ano para ano?

Ver as misses em carne e osso custava três mil escudos. Com direito repasto e álcool em abundância.

Mas nem com todos esses requisitos a sala encheu. E, pode-se dizê-lo, o interesse e o entusiasmo pouco quiseram com a assistência no Casino Estoril.

Excepção e regra

Como em tudo, há excepções.

Quis a ironia da organização que a mesa de Imprensa ficasse colada à dos familiares das juvenis candidatas a «misses». Por essas bandas, já se adivinhava, o entusiasmo nunca esmoreceu.

Palmas de pé, palavras de estímulo, conselhos às debutantes em voz alta atingiram, no seu fervor «militante», a raia do ridículo e introduziram uma nota «quente» num espectáculo mole e arrastado.

Uma mão extremosa gritava à filha que não se esquecesse de rir. Outro familiar recordava com exuberância a hegemonia das retornadas nos concursos dos últimos anos.

Final, feitas as contas, os

fados e o júri acabariam por premiar, este ano, o arquipélago da Madeira. Ou, para sermos mais rigorosos, uma das suas habitantes...

Mas nem tudo foram per-

De raiz, sublinhe-se o enorme equívoco de buscar, mediante um exercício deste tipo, o «arquétipo» da mulher portuguesa. A esse respeito, estamos conversados: não há uma «miss» Portugal, porque nunca seriam pacíficos, quaisquer que eles fossem, os critérios pelos quais se pretenda aferir dessa qualidade.

Uma ampla operação comercial, envolvendo apreciáveis interesses, a pretexto de eleger



Veio da Madeira e chama-se Jardim: miss Portugal por um ano

das. O prémio da fotogenia recaiu sobre Brígida Maria Rebas de Carvalho, uma natural de Angola, de 19 anos de idade. E uma das damas de honor, Teresa de Lurdes Alendor, de seu nome, também veio de Angola para o palco do Casino Estoril.

O resto, como espectáculo, não teve história. Os «flashes» encarregaram-se de registar para a posteridade os rostos e os corpos das vencedoras, e respectivas damas de honor.

Depois, a assistência arrastou-se para a saída, rumo a casa ou às salas de jogo.

Falando «a sério»

Pode-se falar «a sério» de um concurso que pretende eleger uma «Miss Portugal»?

um «monumento» à beleza feminina? Um exercício de afirmação masculina em terra de opressão feminina? Um espectáculo de «circo», quando o páo vai faltando em muitas casas?

Um pouco de tudo isso, certamente. E o que, em cada leitura, se pretende que seja: a cada um, pois, o seu manifesto antimachista.

Se o certame é, em si mesmo, degradante para as mulheres que nele participam, e para a imagem que projecta da mulher, o que dizer do «serviço» que a RTP prestou, ao levar a todo o lado um espectáculo sem a menor importância social e humana?

A agressão instala-se no nosso quotidiano, e não parece haver ninguém com dois dedos de bom sendo que ouse pôr-lhe travão. Estranho mundo este!...

C. P.

Duas mães de Alhos-Vedros cedem seus recém-nascidos

Duas jovens mães que, no Hospital de Alhos Vedros, no distrito de Setúbal deram à luz respectivamente um casal de gémeas e um bebé do sexo masculino afirmaram ontem, Dia da Mãe, perante as câmaras da RTP, em reportagem transmitida no Telejornal das 20 horas, que iriam «desfazer-se» dos seus filhos, cedendo-os a famílias com meios económicos, dado não terem recursos para alimentá-los.

Nazaré Monteiro Jesus de Oliveira, de 23 anos, residente em Sarilhos Pequenos (Moita), com o marido desempregado, disse ter mais quatro filhos, que eram alimentados com grandes difi-

culdades pela mãe, com quem vive. Quanto às duas recém-nascidas referiu que iria entregá-las a duas senhoras da zona, com capacidade financeira para lhes proporcionar «um futuro digno». «Se não fosse assim preferia tê-las comigo, ainda que a passarem fome», afirmou com amargura Nazaré Oliveira.

A outra parturiente, que revelou igualmente já ter um casal disposto a adoptar o seu filho, é Herminia Cassilda Martins Soledade, de 27 anos, doméstica, o marido pedreiro, com mais dois filhos, moradora em Alhos Vedros.

tribunal de polícia

Contas por pagar

Mário Castrim

VOLTA e meia, é isto: guineenses e cabo-verdianos são apresentados no Tribunal de Polícia. Por nenhum outro crime senão o de se encontrarem em Portugal sem a documentação oficial.

Como é o caso de hoje. Um homem alto, forte, assustado, olha repetidamente em volta como se contasse que de algum lado lhe viria solução.

Ao contrário de muitos compatriotas seus, sabe ler e escrever o português. Fala com razoável facilidade. O juiz quer saber onde aprendeu:

Fiz a quarta classe em Bis-sau.

A certa altura perde a timidez, decide-se a lutar pelo seu destino. Que não faz mal, nem quer mal a ninguém, apenas quer trabalhar. Tem a sua vida toda em ordem...

O juiz deixa-o falar, deixa-o desabafar. Após o que lhe diz que está tudo muito certo, mas os papéis? A documentação? A autorização? A propósito: como veio o réu, para Lisboa, em 1982?

— Vim de turismo...

— Claro, o costume. E depois, por que não legalizou a sua situação?

— Tive medo.

Teve medo. O medo assume, ali, uma expressão concreta. Existe. Sem razão? O próprio julgamento responde...

O juiz entra num monólogo dorido. Não fala para o réu, não fala para ninguém. É a tristeza a pensar alto.

Terríveis situações aquelas. Que deviam ser resolvidas não ali, não ali, mas noutras instâncias e doutro modo, o Tribunal de Polícia não devia substituir «serviços» que não funcionam...

Recordar os problemas de tantos milhares de pessoas, por aí sem qualquer protecção. O desvinculamento histórico vai talvez demorar algum tem-

po a provocar efeitos na consciência das pessoas. «Eles — pensa alto o juiz — eles aqui julgam-se em sua casa...»

Resume a situação: eles sabem que lhes não autorizam oficialmente a permanência no país. Então reorrem ao artifício do turismo. Isso ninguém lhes pode tirar e vêm de qualquer maneira, na convicção de que se não de arranjar de qualquer maneira. As primeiras semanas passam-nas com angústia. Conseguem trabalho, o tempo vai passando, ao fim de alguns meses tudo parece normal, firme, assente. E de súbito, conclui a voz dorida do juiz «**quando as pessoas começam a acreditar que não há novidade, batem-lhes à porta e dizem-lhes que não podem ficar...**»

— Você tem irmãos? — pergunta ao réu.

— Tenho dois.

— Estão em casa?

— Não estão. Um emigrou para a Holanda e o outro está a estudar na União Soviética.

O juiz faz agora algumas variações filosóficas sobre as desgraças deste mundo moderno, com a desagregação da família, a separação dos irmãos.

E de súbito faz-se-me um clarão no entendimento. O problema do réu parece de solução fácil. Qualquer coisa como isto: ficaria como estudante no nosso país, precioso empate de capital no futuro da língua e da cultura portuguesas. Nem seria nada de mais. Temos pesadas contas a pagar ao povo guineense.

O sonho durou pouquíssimo. Este réu, como tantos outros antes dele, foi condenado mesmo a abandonar o nosso país. Tem 30 dias para isso. O Serviço dos Estrangeiros encarárgar-se-á do assunto.

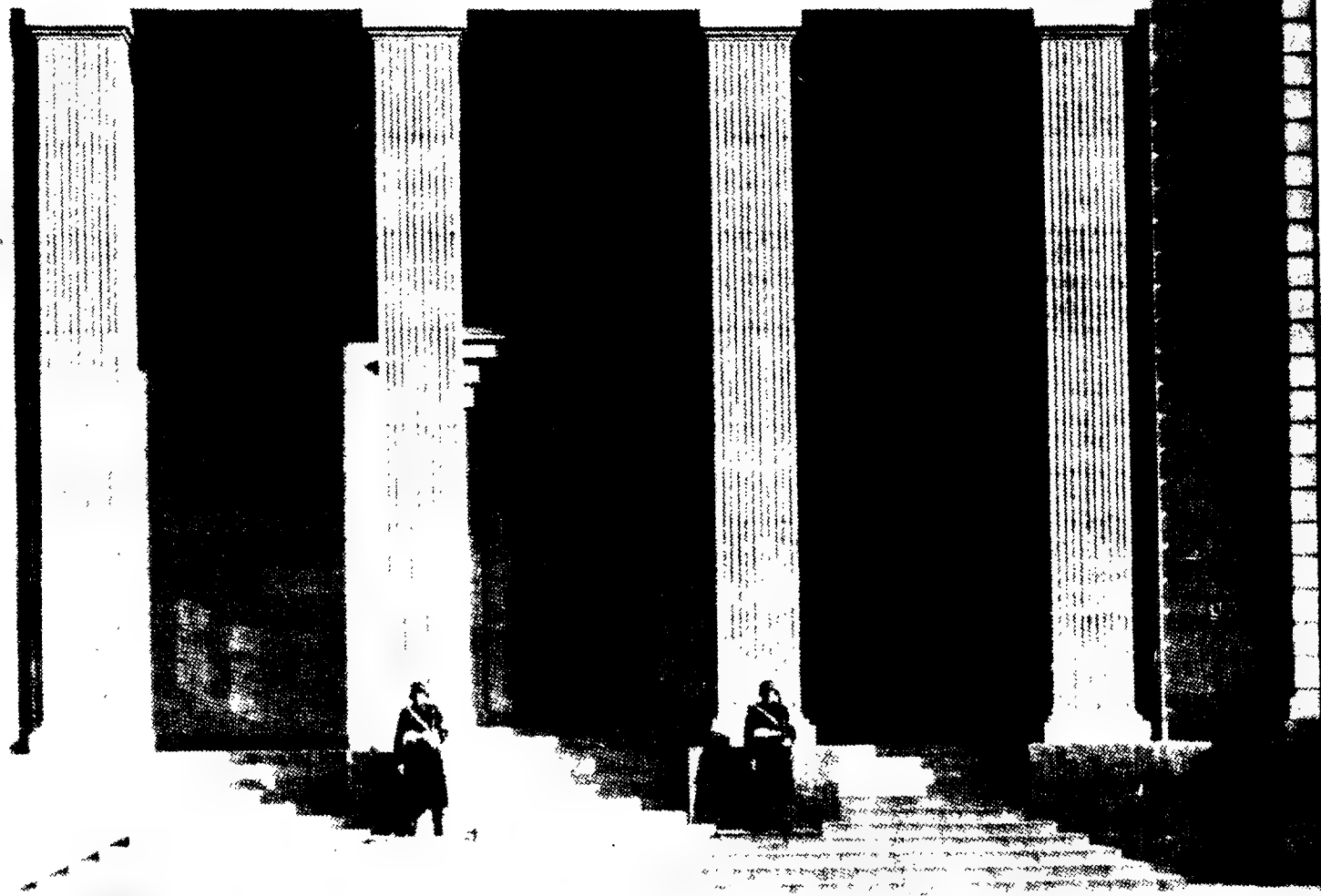
E o mundo continua a girar...

Sete Ponto Sete

**Você disse
Trovante 84?** Págs. 2 e 3

**Novidades
em video**
Novidades
em máscaras Pág. 7

Hitler faraó



Nova chancelaria. Vobstrabe 1938-1939, de Albert Speer

Págs. 4, 5 e 6

I N Q U I R I Ç Õ E S

Pausa-café depois dos «hip-hip-urrahs» pelo novo disco: muito apreensivos perante o futuro imediato, por causa do asfixiamento financeiro das iniciativas, os «Trovante» vieram ao confessionário do Sete Ponto Sete reconhecer as suas paixões.



O voo «84» correu bem obrigado, agora vamos ver como ele se porta ao vivo

Ainda se lembram da praia de Sagres onde nasceram, há oito anos. Herdam muito deles próprios: Há ambientes do «Chão Nosso» e do «Em Nome Da Vida» que só agora se expandem, soltos. Deixaram de querer *mimar* o popular: consideram-se eles próprios *popular*, e investigam. Também romperam com os brasileirismos e não voltarão a 1977, quando a música «era sobretudo o complemento de um panfleto». Sentem-se cúmplices de Zeca e de Fausto, pela simplicidade e pela «portuguesidade» de ambos. Fundem a morna com o fado e o ritual celta com o jazz. Dois deles, Artur Costa e João Gil, vieram respirar fundo com o Sete Ponto Sete para celebrar a saída do «84». Mas estão preocupados com o asfixiamento geral das iniciativas, e vão ter de autoproduzir, para levarem o concerto ao vivo às capitais de distrito, pelo menos. Uma afirmação a reter: revisto e recomposto, o fado do princípio do século está no futuro da música jovem, de raiz popular.

— Dêem vocês o tom da entrevista: em vez de começar o Sete Ponto Sete com uma pergunta, comecem os «Trovante» com uma resposta.

— O Poder, ou o Governo, chamem-lhe como quiserem, está desfasado em Portugal.

— «Desfasado»?

— Desfasado. É como se não soubesse, como se não tivesse interesse pelo que se faz de bom no país. O Poder não tem orgulho na nossa emancipação, não é digno do trabalho que se faz no país.

— Não é «digno»?

— Não. E esta questão tem de facto a ver com dignidade. A falta de interesse, o desconhecimento, a falta de apoio e de meios põe-nos todos a pensar no que vai ser o país daqui a cinco ou dez anos. E isto é verdade para a música como é verdade para os olhos, para as camisas ou para os sapatos. Fazem-se coisas muito boas, mas o Poder não se interessa por elas. Vocês sabem que, este ano, estivemos presos durante três horas à entrada em Inglaterra, por causa das leis de protecção aos músicos ingleses?

— ...?

— Sim, não nos queriam deixar entrar sem explicações, com aqueles instrumentos todos. Quiseram saber tim-tim por tim-tim se íamos lá tocar, onde, com quem, levados por quem, com que acordos... E essa situação foi criada pela força dos sindicatos ingleses: direitos de play-back, etc.... Demos-lhes razão: lá, eles protegem mesmo o trabalho nacional.

— Cá, pelo contrário, há artistas estrangeiros convidados como reis...

— Pois. E de vez em quando lá surge um problema como o do Júlio Iglésias. Mas esse caso não representa uma política constante. Foi para inglês ver.

— Até agora, como é que têm organizado as vossas «tournées» em Portugal?

— Até agora deslocámo-nos por convite: de associações de estudantes, de Câmaras... ou então por produção nossa, ou em co-produção.

Asfixiamento

— E agora, em 1984?

— Agora há um clima de asfixiamento geral. Para organizar concertos, deslocações, é preciso dinheiro. Quem nos tem convidado, e outros como eles, querem continuar, mas acabou-se-lhes o dinheiro. Vamos ter de investir nós próprios, vamos ter de produzir os concertos para os levarmos a mais sítios. Contamos, sim, com o «material humano», com os que nos queriam convidar. Garantem-nos o seu trabalho, apoio... é muito importante, quer nas afixações de cartazes, quer na instalação dos espectáculos... mas estão tesos. É o resultado da situação de desfasamento do poder.

— Onde esperam poder ir?

— Por ordem: Aveiro, Leiria, Coliseu de Lisboa a 20 e 21 de Junho, depois Setúbal e veremos se outras capitais de distrito. Talvez o Coliseu funcione como o concerto da Aula Magna, motivando e «empurrando» para outros concertos.



A rádio tem de descer ao interior de cada LP: Lisboa não é Frankfurt, o nosso ritmo não é o do «stress» europeu, e esta corrida permanente ao êxito e ao «hit» é meramente consumista

— Qual é o vosso «cachet» actual?

— Depende. Suponhamos, por exemplo, uma ida a Faro: fica por volta de 160 contos. Mas as despesas são muito grandes! E somos sete. Na prática, numa deslocação dessas ganhamos um terço dessa quantia, nunca mais que um terço.

Aula Magna

— Falam da Aula Magna porquê?

— Porque o concerto da Aula Magna foi para nós fundamental. Ali acabou-se o palco, acabou a separação entre o palco e o público, foi o máximo em identificação, em comunicação entre nós e o público. Às tantas já não sabes se és tu que continuas a tocar, no concerto, ou se a coisa é geral, total. Já tinha acontecido na festa do «SETE». Depois aconteceu em Viseu, Porto e Évora. Nós propomos ao público um encontro, é

isso um concerto. E depois o encontro acaba por adquirir dimensões tais...

— Isso influenciou o vosso trabalho posterior?

— Sim... Não... Não no sentido de «fazer cedências ao público», não é isso. O que o público nos disse na Aula Magna foi: «Vão para a frente». E isso é óptimo, sentir que o público aposta em cheio no que estamos a fazer. Depois é possível que a música que fazemos se ponha à procura do prazer físico do palco, daquele balanceamento, da identificação. Nesse aspecto sim, há influência. O concerto influencia o disco, o disco também quer fazer viver as emoções do concerto. Por exemplo têm-nos dito, a propósito deste último disco, que estamos a tocar mais «soltos», em vez de estarmos sempre freneticamente a produzir som. Isso vem do palco...

Continua na pág. 3

Quem são eles e de onde vêm

O S Trovante nasceram há oito anos, em Sagres, num dia de praia. Hoje eles são o Artur Costa (Sax, flauta, voz), o Fernando Júdice (Baixo), o João Gil (Guitarra e voz), o José Martins (Pianos e percussão), o Luís Represas (Voz, bandleiro), o Manuel Faria (Pianos e acordeão) e o José Salgueiro (Bateria).

De então para cá, mais de 400 concertos por todo o país, programas de televisão, deslocações ao estrangeiro e vários discos fizeram dos Trovante um grupo de primeira linha na moderna «Música Popular Portuguesa».

• Em 1977, sai o 1.º LP, *Chão Nosso*, editado pela Sassetti, que marca a aparição «oficial» do grupo, na altura constituído por Artur Costa, João Gil, Luís Represas, Manuel Faria e João Nuno, músico que hoje integra a formação dos «Ó Que Som Tem». Os poemas de *Chão Nosso* e de *Em Nome Da Vida*, o seu álbum seguinte, são de Francisco Viana, cujo apoio foi essencial nos anos de lançamento do grupo. São inúmeras as actuações dos Trovante a partir daqui, e logo em 1977 realizam um conjunto de concertos na Bulgária. Em Fevereiro de 1978, eles estão presentes em Sokolov, na Checoslováquia, e em Berlim, onde actuam ao lado de Angel Parra, Sérgio Ortega e Quilapayun. No início do mesmo ano, é editado o single «Nuvem Negra», tema que os leva a Cuba.

• Em finais de 78, sai o 2.º LP, *Em Nome Da Vida*, que coincide com a profissionalização do grupo e que é editado, como o «Nuvem Negra», pela Mundo Novo. Continuam os recitais. Destacam-se neste período as colaborações com Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira e Fausto. (Este último compositor participou nos arranjos de alguns temas do LP *Em Nome Da Vida*). Em Dezembro de 78, alguns elementos do grupo

acompanham estes compositores a Angola, Espanha e França. Ainda nesse ano, participam nos discos *Fura Fura* de Zeca Afonso, *Histórias de Viajeiros* de Fausto e nos filmes «Le Soleil En Face» de Pierre Kast e «Guerras de Mirandum» de Fernando Matos Silva.

• No início de 1979, os Trovante deslocam-se a Itália, onde realizam vários concertos, seguindo de novo para Berlim onde participam, juntamente com Memphis Slim (USA) e Maria Farandouri (Grécia), num concerto. Ao longo do ano, as actuações do grupo contam com a participação de Né Ladeiras, registando-se a saída dum 2.º single (ainda com a participação desta cantora) intitulado «Tocar a Reunir». Em 1980, montam com Vitorino o espectáculo «Concertina», percorrendo algumas cidades do país.

• Em 1981, sai o 3.º LP, *Baile No Bosque*, o primeiro a ser gravado para a Valentim de Carvalho, que se torna o trabalho mais conhecido do grupo, sendo editado em Espanha e no Brasil. Este disco recebe diversos prémios, entre os quais o «Prémio da Casa da Imprensa» e o «Sete De Ouro» para «o melhor grupo do ano». Nestes dois anos, realizam mais de 150 concertos por todo o continente e ilhas, destacando-se a Festa do Avante, a Festa do Sete e os espectáculos no Auditório Nacional Carlos Alberto (Porto) e no Teatro Gil Vicente (Coimbra). Em Fevereiro de 81, os Trovante estão em Berlim pela terceira vez. Em Abril, realizam dois concertos em Angola, com Luís Cília. Em Abril de 82, deslocam-se ao Brasil, onde juntamente com Ivan Lins, Paulinho da Viola, Joyce, Kleyton e Kledir e Eugénia Melo e Castro, realizam um concerto integrado nas comemorações do 25 de Abril. Com Geraldo Azevedo e outros artistas, realizam ainda mais 4 concertos no Rio de Janeiro e gravam para o programa «Fantástico» da TV Globo.

• Em Abril de 83 é editado *Cais Das Colinas*, quarto álbum do grupo e segundo para a Valentim de Carvalho. *Cais das Colinas* é acolhido com enorme entusiasmo, tanto pelo público como pela crítica. Um mês depois, os Trovante apresentam o novo álbum ao vivo, no seu primeiro grande espectáculo de sempre. A Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa enche-se por completo e, durante duas horas, o grupo oferece a milhares de pessoas ali reunidas, um dos melhores concertos do ano. Ainda em 83 os Trovante gravam com Morais Moreira. «Baile no Meu Coração» é editado em single e toca mesa a fio na rádio portuguesa. No lado B, a versão ao vivo de «Namoro» também não passa despercebida. Os espectáculos multiplicam-se por todo o país. Mesmo assim, o grupo ainda leva a efeito várias digressões ao estrangeiro (Alemanha, Holanda, Inglaterra).

• Finalmente, em Fevereiro deste ano, os Trovante entram em estúdio para gravar o seu 5.º LP. Três meses mais tarde é editado *84*, pela EMI/Valentim de Carvalho. O disco contém dez novos temas. A sua composição esteve praticamente a cargo de Luís Represas e João Gil, autores de quase todas as músicas e de grande parte das letras. Em alguns dos temas o grupo baseia-se ainda em quadras populares e em poemas de Carlos de Oliveira, João Monge e Rui Represas.

• É a seguinte a discografia completa dos «Trovante»: Em 1977, «Chão Nosso» (LP, Sassetti) e «Nuvem Negra» (single, Mundo Novo). Em 1978, «Em Nome Da Vida» (LP, Mundo Novo). Em 1979, «Tocar a Reunir» (single, cooperativa Forum). Em 1981, «Baile no Bosque» (LP, Valentim de Carvalho), e «Sete Saias» (single, VC). Em 1983, «Cais Das Colinas» (LP, VC), «Saudade» (single, VC) e «Baile No Meu Coração» (single, VC). Em 1984, «84» (LP, EMI/VC).

I N Q U I R I Ç Õ E S

Continuação da pág. 2

— E do melhor controlo das vossas próprias possibilidades?

— Sem dúvida. Nós agora conhecemos-nos muito melhor, sabemos muito bem até onde é que cada um pode ir, até onde esperamos que ele vá, qual é o seu espaço.

Ambientes musicais**— Vocês diriam que há «constantes» que atravessam o vosso trabalho, desde o «Chão Nosso» e o «Em Nome da Vida»?**

— Sim, sim. Em nós há muito grande a herança do trabalho anterior. Há ambientes musicais sugeridos no «Chão Nosso» e no «Em Nome da Vida» que só viemos a concretizar agora. E depois há as novas vestimentas, arranjos, ajustes em concerto e em estúdio... Passamos a vida a repegar em pistas, e a tentar abrir pistas novas.

— Mas vocês sentem que deram um salto qualitativo...

— Sim, o salto para o «Baile no Bosque» foi muito grande: «Abrimos» caoticamente para outros ambientes musicais, saltámos nas letras, saltámos na música. O «Baile no Bosque» foi uma data de descobertas ao mesmo tempo, e coincidiu com uma fase de grande aprendizagem nossa: uns no «Hot Clube», outros estudando improvisação... Depois, no «Cais das Colinas», aprofundámos essas descobertas. Isto é como trabalhar barro: vai havendo mais técnica, as figuras aparam a expressão.

— Qual é a vossa principal preocupação, como músicos?

— Talvez a de ser capaz de desenvolver ambientes musicais de que se possa dizer «aquilo é português». Afastámo-nos dos brasileiros, pusemo-nos à procura de temas, maneiras, que a memória popular ainda conhece ou já não conserva.

Investigação**— Dêem um exemplo.**

— Por exemplo a «Molinera», deste último disco: fomos buscá-la, escrita, ao «Rio de Onor» de Jorge Dias. Mas depois foi preciso «inventá-la», porque a respiração escrita não era a nossa. Tem de se inventar muito, por vezes. Mas essa invenção faz parte de uma investigação.

— Há mais casos de ligação estreita entre investigação e música?

— Há. É uma atitude geral nossa. Mas o caso mais típico é o do Fausto. Estava a trabalhar sobre a «Peregrinação» no âmbito da sua licenciatura, fez o «Por Este Rio Acima». Conosco aconteceu algo de semelhante com o fado deste disco, o «Travessa do Poço dos Negros». Havia gente ligada a nós, que estava a estudar a história do fado para um trabalho universitário. Fartámo-nos de aprender coisas sobre o fado da luta contra a Monarquia, e sobre fado do tempo da República: era música de intervenção, por vezes muito violenta, dançava-se, encenava-se... Não era canção, era um ritual. Cantava-se no extremo limite da voz. Gritava-se, porventura. Como o cante

jondo e algum flamenco. Nada tinha a ver com o fado-canção. Era o fado de antes da Severa.

Uma morna no fado**— Mas este vosso fado também é uma morna.**

— E no entanto não é menos português por isso. Mas também é uma morna, sim. Uma noite fomos dois ao «Bana», e lá cantava-se aquela morna «Saudade... do Cabo Verde». Entrámos na música, e ela entrou-nos pelo fado dentro. Mas a mistura é deliberada. As coisas africanas na nossa música são deliberadas, como as árabes na do Janita, como as celtas outra vez na nossa... De certa maneira, para a gente mais nova e para nós próprios, os ritmos e as maneiras de fazer de África, por exemplo, têm tanto a ver conosco como a música de um ritual celta da Beira-Baixa. Só que geralmente acabamos por descobrir as identificações ouvindo estrangeiros cantar essas músicas...

— Por exemplo?

— Por exemplo o Alain Stiwell ou os Gwendall. O que acontece é que, se as pessoas vissem a «Dança das Trancas», da Beira-Baixa, ou a «Dança das Raposas», de Trás-os-Montes, teriam dificuldade em reconhecer que se trata de coisas portuguesas. Então em Lisboa, ou nas grandes cidades, a separação e o desconhecimento são cada vez maiores. Mas nós achamos que não se tem de ser necessariamente «orwelliano», tem de não se deixar morrer as nossas coisas.

— Essa «portuguesidade» de que vocês falam tem alguma coisa a ver com a dos «Heróis do Mar»?

— Não, nós queremos andar em volta da antropologia. Hábitos, costumes, rituais, forças, maneiras de cantar. Mas não é o Estado que nos interessa. A «Ibérica» do «Cais das Colinas» não tem fronteiras, a sua planície não acaba onde começa a Espanha...

No que apostamos é em continuar a descobrir, tendo muitas vezes de inventar, as fontes portu-

guesas populares, que são muitas e as mais diversas. Trás-os-Montes celta não tem nada a ver com o Alentejo árabe. Uma coisa é o litoral «ribeirinho» que é expansivo, estilizado, leve, e às vezes lembra África, outra é o campo, o interior, muito mais duro, quase todo por descobrir, e que tem mais de Espanha e do Norte. E também apostamos em misturar coisas que habitualmente não jogam juntas, mas que nós achamos que, misturadas, são também portuguesas.

O fado está no futuro**— É o caso do fado «Travessa do Poço dos Negros»?**

— É o caso do fado e da «Procissão», da «Molinera», da «Garraída». Neste disco tentámos abrir uma série de pistas novas. Mas o caso do fado, só por si, é também um universo por descobrir.

— Que querem dizer com isso?

— Que a malta nova vai libertar-se do fado lamechas, do fado de que fomos obrigados a não gostar, mais do fado-canção, e vai ter de redescobrir o fado-ritual, o da República, o de intervenção, e aí mudará de ideias sobre ele. Claro que é um trabalho gigantesco de reabilitação... É preciso desenterrar coisas de que já nem se suspeita. Veremos...

— E depois vai ser preciso reorganizá-lo, misturá-lo, retraduzi-lo em música contemporânea portuguesa?

— Pois, isso dependerá de cada músico, de cada grupo. Mas o fado como folclore urbano profundamente enraizado, aquele de que restam traços do Marceneiro, está no futuro, isso está.

— Voltemos ao vosso último disco: têm tido dificuldades de lançamento? Como se lança hoje um disco?

— Nós temos sorte em trabalhar com uma editora que nos apoia mesmo, a Valentim de Carvalho/EMI, que agora até é uma multinacional. Não interferem com o nosso trabalho e mantêm uma atitude de confiança em nós. No caso do «Cais das Colinas» o Rui de Carvalho chegou a

dizer-nos: «O disco é muito bom. Se não venderem muito, não se preocupem demasiado com isso», o que é exemplar para um editor.

— E não venderam?

— Vendemos cerca de 8.000, o que para a época foi muito bom. Hoje, vender 9.000 ou 10.000 discos é muito bom. O «Baile no Bosque» deve ter vendido quase 17.000...

A rádio tem de descer ao interior de cada disco**— Como se lança hoje um disco?**

— Até há pouco tempo, a rádio era fundamental. Hoje as coisas mudaram para pior. A rádio está hoje muito pior do que há... dois anos, digamos.

— E porquê?

— Porque adoptou uma atitude exclusivamente «consumista», se podemos chamar-lhe assim. A rádio hoje já não promove trabalhos no seu conjunto. Pega num «LP», agarra-se a um tema e promove o «LP» todo à custa desse tema. E a corrida ao «êxito», ao «hit». Ora um «LP» representa o trabalho de todo um ano, e rádio devia passá-lo por inteiro cuidadosamente. A rádio tem de fazer uma descida ao interior de cada álbum. Essa é, também, a única maneira de os músicos portugueses competirem com os estrangeiros, na nossa rádio. O nosso ritmo é mais lento, não é o do «stress» europeu! Lisboa não é Frankfurt! Tem ainda escadinhas, becos, calçadas, rampas. Ora a rádio deixou de mostrar os trabalhos: elege um produto de venda e passa-o convulsivamente, apertado entre quantidade de outros.

— Com o «Trovante 84» também se passou isso?

— Menos. Tivemos sorte. Mas o que dissemos vale em geral.

Os telediscos são fundamentais**— E a televisão? Não é importante?**

— Mais importante. Mas a televisão até acabou com os programas de música que tinha! A televisão não produz telediscos, e o teledisco é hoje o que faz vender discos... A promoção dos discos ainda depende, em Portugal, da caridade de um ou outro editor. Depois há umas iniciativas com poucos meios mas que são um ótimo trabalho, como as do «Mundo da Canção». Mas o fundamental seria que a rádio descesse ao interior de cada álbum, e que a televisão fizesse programas musicais com telediscos.

— De quem se sentem vocês mais próximos? Quem são os músicos portugueses de quem se sentem mais «cúmplices»?

— Nós temos dito que o «Trovante 84» é o disco mais português que fizemos até hoje, e cremos que é verdade. Há em nós uma maior densidade de temas portugueses, uma maior influência de autores portugueses. Sentimo-nos muito próximos do Fausto, do Zeca Afonso... também do Sérgio Godinho. Hoje há uma tendência em todo o mundo para a simplicidade em música. Essa simplicidade, essa depuração são características do Zeca, do Fausto... E nós julgamos participar delas. ■

Sete Ponto Sete



«84»: um LP onde também se baila, mas já fora do bosque

S O C I E D A D E

Desculpem-me a observação

QUASE mil mulheres estiveram juntas, no último fim-de-semana, durante dois dias num congresso. Mas não extraíram, dessa oportunidade, um sopro capaz de soltar valores ocultos, mais uma vez o subterrâneo não veio à tona. Por isso tenho de concluir que o feminino não se mostrou. Não se explicou. Limitou-se a ser corpo numa montagem, ser voz num discurso descabido naquela situação que, por ser especial e específica, pedia outra linguagem.

Sabemos que a opressão das mulheres está arraigada nos níveis mais profundos da cultura individual e social. Ainda que seja inevitável, a emancipação só acontece quando as mulheres se dispuserem a desafiar os conceitos tradicionais, fundamentalmente autoritários, tantos nos países capitalistas como socialistas. Creio que há uma «questão de mulher», totalmente independente das propostas que a análise marxista colocou.

Amiúde, costuma-se dizer que a libertação da mulher anda ligado à libertação do homem. Até certo ponto este cliché é verdadeiro. Porém é também perigoso, visto que nega a existência das diferentes fases na luta que se impõe travar. Como

muitos clichés verdadeiros desarma o pensamento e apazigua a cólera. Não se pode lutar por uma sociedade justa de um modo unitário e universal. Toda a luta é concreta e deve-se levar, a cabo, concretamente.

Não significa o mesmo a libertação de um operário da África do Sul que a de um operário, branco, de uma fábrica de Detroit. O operário sul-africano é oprimido por ser operário e por ser preto. Um operário de Detroit é oprimido enquanto operário, mas como membro da raça branca e, como norte-americano, pertence ao grupo dos opressores.

Muito que os homens neguem a deformação neles provocada pelos estereótipos «sexistas», estes estereótipos conferem-lhes inegáveis privilégios. Há homens e mulheres oprimidos por outros homens. Todavia a totalidade das mulheres são oprimidas por todos os homens. Negar isto é cair no abstracto, no fazer de conta; como se o domínio masculino não fosse conveniência de ninguém, não funcionasse em proveito de nada.

Bem... deixemos de teorias, também já um pouco estafadas. A verdade é que as mulheres que participaram no congresso para se indignarem contra os aumentos brutais de custo de vida (eu também me indigno e por isso vou à manifestação da Inter) tinham outros lugares e outras alturas para o fazer. Deveriam, com os homens, exigir a aliança num outro espaço, onde o feminino e o masculino se se diluíssem, na palavra cidadã (O). Era ali que as reivindicações, tais como ensino dos filhos, trabalho, creches, etc., deveriam ser tratadas, conjuntamente, com os homens porque também a eles lhes diz respeito.

Mas num congresso, dito de mulheres, o discurso teria que ir rigorosamente à margem dos vectores «oficiais». Teria que espalhar o vírus perturbador, provocar o sismo capaz de abalar as estruturas patriarcais que, minhas senhoras, são fortíssimas em toda a parte, até nos partidos de esquerda. Tão fortes que no Congresso de Mulheres foram elas que reinaram... e com o consentimento das mulheres.

É isto que me dana. Desculpem este meu radicalismo, se quiserem, primário. Secundário não é com certeza.

■ Lourdes Féria

P

E

S

A

D

Prémio Nobel de Literatura em 1981, Elias Canetti agregou num só volume, que no passado dia 20 saiu em Paris editado pela Albin Michel, uma série de ensaios publicados entre 1962 e 1974. Um deles, de que aqui divulgamos um condensado, baseia-se nas relações que Speer, o construtor oficial de Hitler, manteve com o «fuhrer» em torno dos projectos de edifícios para a Nova Berlim, que deveria estar concluída em 1950, como sede do novo império mundial.

O Sete Ponto Sete dedica este texto a todos aqueles que nasceram depois de 1945, e não têm da Segunda Guerra Mundial senão um conhecimento sumário, livresco ou obtido através do cinema e de séries televisivas. E dedica-o também a Berlim, homenageando deste modo a

Hitler faraó

espantosa cidade dividida entre dois mundos, e que em breve celebra o seu aniversário. A história não lhe reservava o lugar de capital do mundo. Mas os berlinenses, a quase quarenta anos da derrota do «fuhrer», continuam a amar a sua cidade, metade pérola, metade estigma. Para eles, o pesadelo hitleriano está morto e enterrado. Mas Berlim, alimentada por ponte aérea pela RFA e constante motivo de preocupação para a RDA, é bem o símbolo da Europa e do mundo nascidos do fim da guerra.

OS planos de edifícios de Hitler, tal como são repertoriados por Speer, constituem o complexo mais espantoso do seu livro.

Ainda causam maior sensação na medida em que todas essas imagens se encontram em contradição flagrante com os esforços de uma arquitectura moderna. Mesmo para quem não os tenha senão entrevisto, eles são inesquecíveis.

O que desde logo espanta — o próprio Speer o sublinha — é a justaposição dos edifícios e da destruição. Os planos para a nova Berlim datam ainda da paz. A sua conclusão está prevista para 1950. Mesmo para Speer, o fazedor de milagres, que ganhara a confiança de Hitler dada a rapidez com que trabalhava, não teria sido fácil ter tudo pronto no prazo previsto. A paixão com que Hitler se entregou a esses planos faz com que não possamos duvidar do seu carácter sério. Mas simultaneamente desenvolvia-se o plano para a conquista do mundo. Progressivamente, entre um e outro sucesso, iam-se igualmente revelando a amplitude e a seriedade desse projecto. Era inconcebível que ele pudesse realizar-se sem guerra. Por isso, a guerra foi desde logo preparada. Fosse qual fosse a força da posição que se pudesse obter sem guerra, finalmente seria necessário chegar a ela. O império que, emancipando os alemães e todos os germanos talvez, deveria

conduzir à servidão o resto da terra, não podia operar senão pelo terror. Era necessário que corresse muito sangue.

Crescimento e repetição

Os edifícios de Hitler destinam-se a atrair e a conter as maiores massas. Foi pela criação de tais massas que ele chegou ao poder. Mas ele sabe com que facilidade as grandes massas tendem a desagregar-se. Há — abstracção feita da guerra — dois meios apenas de agir contra a desagregação da massa. Um é o seu crescimento. O outro, é a sua **repetição regular**. Empirista das massas como existiram poucos, ele conhece-lhes as formas e os meios.

Em praças colossais, tão vastas que dificilmente se encheriam, a massa pode crescer: permanece aberta. A sua paixão, particularmente importante, intensifica-se pelo seu crescimento. Os acessórios necessários à formação de tais massas — bandeiras, música, paradas de regimentos mas, sobretudo, as longas esperas da aparição do protagonista — Hitler e os seus acólitos conhecem-nos perfeitamente.

Para a repetição regular, estão previstos edifícios de tipo cultural. O seu modelo são as cate-

drais. O Kuppelberg, previsto para Berlim, terá dezassete vezes o volume da Basílica de S. Pedro. Tais edifícios servem, finalmente, as massas fechadas. Por maiores que os concebiam, uma vez cheios, a massa deixa de poder crescer: eles limitam-na. A regularidade da ocasião substitui então o crescimento contínuo. A massa que se dissolve ao sair de tal espaço deve olhar com confiança a próxima ocasião em que se reconstituirá.

A avenida dos desfiles

Em reuniões desportivas, a massa encontra-se consigo própria em anel fechado (ou meio fechado). Está-se inumeravelmente sentado face a face. A massa vê-se a si própria enquanto segue os acontecimentos que se desenrolam no seu seio. Mal se formam dois partidos, constitui-se um sistema de duas massas, agulhonadas pelos combates apresentados. Os modelos desta forma provêm da Antiguidade Romana.

Uma outra forma de massa, que qualifico de **lenta**, constitui-se por ocasião de procissões, desfiles e paradas. Hitler tinha perfeita consciência da sua importância. É a ela que se destina, especialmente, nos seus planos, uma avenida de cinco quilómetros de comprimento por 120 metros de lado.

Estes edifícios e instalações que, ainda no papel, têm, dada a sua grandeza, algo de gelado, estão, no espírito do seu construtor, cheios de massas de comportamento variável, conforme a construção que as contém e o seu tipo de delimitação. Para se ter uma ideia exacta dos processos que aqui se poderiam esperar, seria preciso descrever, do princípio ao fim, o desenrolar de um acontecimento de massa em cada uma dessas instalações em particular. Não pode ser esse, aqui, o nosso objecto. Contentar-nos-emos com a descrição sumária do tipo de animação destes edifícios e dessas instalações.

A eternidade

Essa animação prosseguirá para além da morte do construtor: «**O seu marido**, diz solenemente Hitler à esposa de Speer, na primeira noite em que se encontraram, **erigirá para mim edifícios como já não se constroem desde há quatro mil anos**». Ele sonha com o Egipto, com as pirâmides em especial: por causa da sua grandeza, mas também porque, durante esses quatro milénios, elas sempre ali estiveram. Não podiam ser dissimuladas de nenhum modo e não foram recobertas por nada. Nenhum acontecimento as diminuiu. É como se elas tivessem armazenado, sob a forma de duração, os milénios para que foram concebidas.

Contudo, os edifícios de Hitler não seriam pirâmides. Eles deveriam inspirar-se nelas pela grandeza e pela duração apenas. Eles comportavam um espaço que deveria ser preenchido sem cessar pelas massas vivas de cada geração. Deviam ser feitos de pedra mais dura; por causa da duração, mas também para restabelecerem um laço com a tradição do que tinha subsistido até ele.

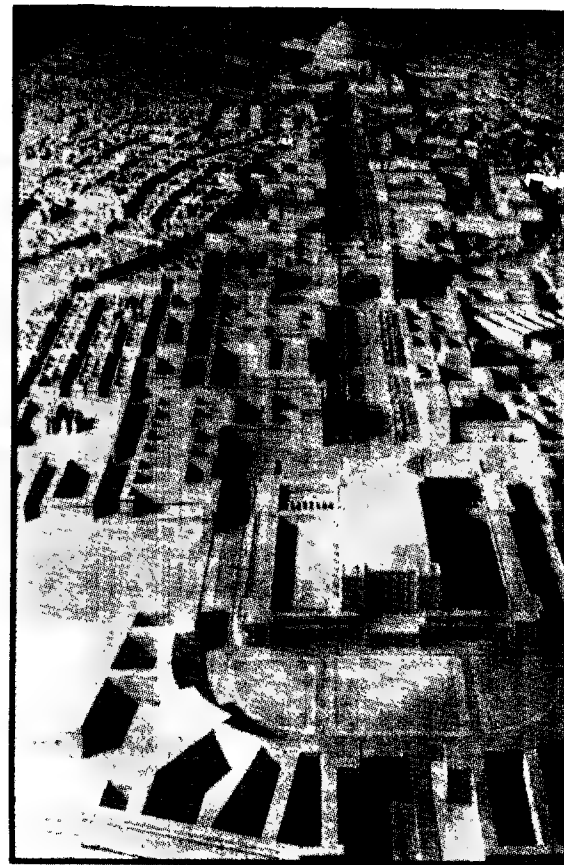
As massas que, excitadas por ele, o conduziram ao poder, deveriam poder ser novamente excitadas, mesmo quando ele já lá não estivesse.

Como os seus sucessores não terão a mesma aptidão que ele para o fazer — porque ele é único — ele lega-lhes os melhores instrumentos para o fazerem: locais de toda a espécie, prontos, apropriados à tradição de excitação das massas. O facto de se tratar dos **seus** edifícios, confere-lhes uma importância especial: ele espera viver o suficiente para os inaugurar e também para os encher, durante alguns anos, com a sua própria pessoa. A recordação dessas massas subjugadas, excitadas por ele nesses locais, virá em socorro dos seus sucessores mais fracos. É possível, é mesmo provável, que eles não mereçam tal herança. Mas pelo menos, deste modo, o poder que lhe adveio das massas subsistirá.

Conservar o Reichstag

Porque, naturalmente e no fim de contas, trata-se de **poder**. Aos necessários contentores de massas junta-se o cortesanesco, a sede do poder: a chancelaria — o seu palácio — e, não longe dele,

“Ele erigirá para anos”. O fuhrer p arquitecto Alber



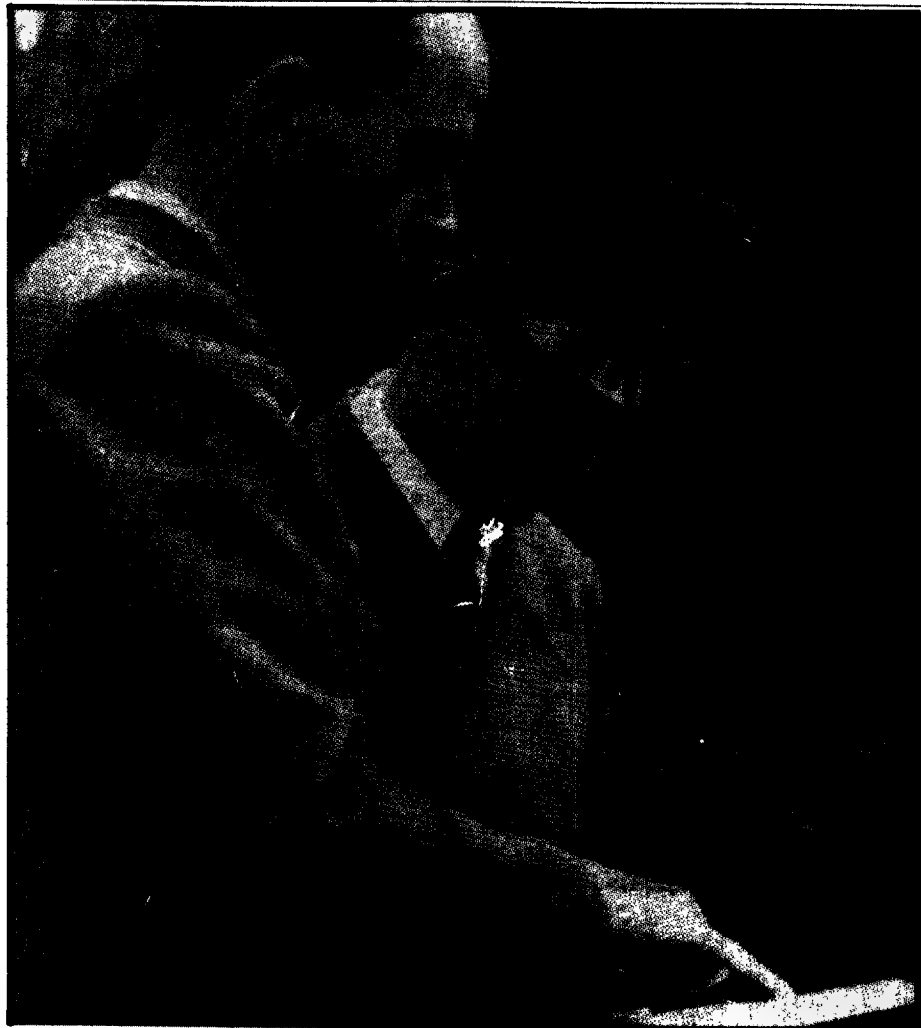
a sede dos ministérios, que dele extraem o seu poder. Por um capricho especial, ele pensa conservar o velho edifício do Reichstag. O que a isso o incita é exactamente a diferença das escalas de grandeza. O velho Reichstag será tão minúsculo ao lado dos novos colossos!

Hitler manifesta uma inclinação particular pela cidade da sua juventude, Linz. Ele nada esquece: não esquece o desprezo com que o governo de Viena tratava a sua cidade. Contra Viena ele experimenta um rancor profundo: ali viveu tempos muito difíceis. Mesmo a sua entrada triunfal na cidade, em Março de 1938, não o reconciliou com a cidade. E depois dessa data como antes, a única coisa que nela lhe interessa é o Ring, com os seus sumptuosos edifícios. Que quem pensou Viena tenha deixado o Danúbio à sua esquerda, eis o que ele acha imperdoável. Linz, pelo contrário, será uma nova Budapeste, com os seus grandiosos edifícios sobre as duas margens do rio. Ela será a sede da sua velhice: nela pretende erigir o seu túmulo. Linz acabará mais importante que Viena, e vingará as humilhações do seu passado por meio das novas e imponentes edificações. Essa é uma das representações favoritas de Hitler: que Linz **ultrapasse** Viena...

Ultrapassar

Visto que dissemos a palavra, é sempre sem dúvida oportuno acrescentar alguma coisa sobre o papel da **ultrapassagem** em Hitler. Talvez esta seja uma boa maneira de compreendermos os mecanismos do seu espírito. Cada um dos seus empreendimentos, e cada um dos seus desejos mais profundos, são ditados pela necessidade de **ultrapassar**. Poderíamos mesmo classificá-lo de **escravo da ultrapassagem**. Nisto, porém, ele não está só. Se tivéssemos de qualificar de um só traço a essência da nossa sociedade, não poderíamos encontrar senão isto: a **obrigação de ultrapassar**. Em Hitler, essa obrigação assume uma amplitude tal, que a cada passo tropeçamos nela.

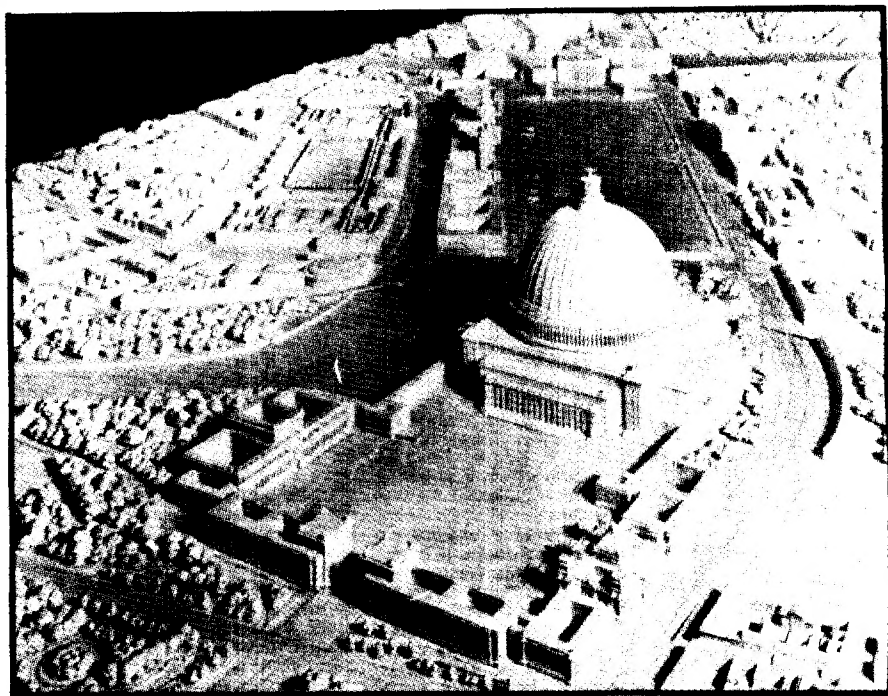
Tudo se mede, e se mede no combate. Aquele que ultrapassa é um vencedor contínuo. A ideia do carácter indispensável do combate e da legitimação das pretensões de toda a ordem através das vitórias está tão enraizada em Hitler, que ele é incapaz de tomar em consideração qualquer derrota. Mas, se uma derrota sobreviesse, ele aprovaria a ruína e aniquilação do seu próprio partido. O mais forte é o **melhor**. O mais forte merece vencer. Durante tanto tempo, quanto possível, ele obtém, enga-



Speer com Hitler, discutindo os projectos para a nova Berlim: «Ele entusiasmava-se quando eu lhe provava que tínhamos batido, pelo menos no tocante às proporções, edifícios históricos excepcionais»

anim edifícios como já não se constroem desde há quatro mil projectava transformar Berlim em capital do seu império, e o t Speer seria o seu construtor oficial. Elias Canetti conta.

Maqueta da nova Berlim proposta em 1939 por Albert Speer: em baixo, o Palácio do Povo (290 metros de altura), o Palácio do Fuhrer e a Praça da Nação. À esquerda, em primeiro plano, a Gare do Sul, mais longa o Arco do Triunfo e, ao fundo, de novo o Palácio do Povo



Quando os adversários, vitórias não-sangrentas. Considera-as um tónico para as decisões propriamente ditas, que devem ser sangrentas. Sem efusão de sangue, nada tem verdadeiramente valor. Sobre os pactos tão rapidamente rompidos, que Ribbentrop concluiu e de que se orgulha, ele ri até às lágrimas. Nenhum pacto deve ser levado a sério, exactamente porque nenhum custa uma gota de sangue. Quanto aos políticos estrangeiros que constroem sobre pactos, considera-os decadentes, porque eles recuam diante da guerra.

Mas não é apenas nas guerras que ele encontra prazer a medir-se e a ultrapassar. Esse prazer infesta-o literalmente. A ultrapassagem exerce-se sem cessar de todas as maneiras. Ela é aplicada como uma penaceia. Ele considera que é importante confiar a mesma tarefa a duas pessoas diferentes, para que elas procurem ultrapassar-se uma à outra.

A sombra de Napoleão

Napoleão é, sem dúvida, o personagem que desafia mais fortemente a sua rivalidade. Os Campos Elíseos, que levam ao Arco do Triunfo, têm dois quilómetros de comprimento. A sua avenida em Berlim não apenas será mais larga, mas terá cinco quilómetros de comprimento. O Arco do Triunfo mede 50 metros de altura. O seu medirá 120. A unificação da Europa foi o objectivo de Napoleão: ele atingi-lo-á, e essa unificação durará. A campanha da Rússia foi-lhe ditada por Napoleão. A energia com que se empenhou nesse empreendimento, a obstinação com que se enterrou nela, contra tudo e contra todos, mantendo posições conquistadas mas que era impossível preservar, só se explica pela vontade de destronar Napoleão. O Cáucaso, quer conservá-lo como base para atacar a Pérsia. É aí que ele se identifica com os planos indianos de Napoleão. E se este, por seu turno, sentia sobre si a sombra de Alexandre o Grande, isso apenas atesta a tradição histórica mais inexplicável: a dos *ultrapassadores* emergindo uns a seguir aos outros.

Outras coisas, mais triviais, lhe enchem o olho: a tribuna de honra de Nuremberg é coroada por uma figura que ultrapassa em 14 metros a estátua da Liberdade de Nova Iorque. O «Grande Estádio», também de Nuremberg, contém duas a três vezes mais espectadores do que o Circus Maximus de Roma. Uma ponte suspensa, projectada por Todt para Hamburgo, deveria ultrapassar a Golden Gate Bridge,

perto de San Francisco. O Zentralbahnhof de Berlim deveria esmagar completamente a grande Central Station de Nova Iorque. Na cúpula do gigantesco hall de assembleias, o Capitólio de Washington, São Pedro de Roma e vários outros edifícios teriam cabido várias vezes. Speer não minimiza, de modo algum, o seu próprio papel nestas *ultrapassagens*: Estava — diz ele — embriagado pela ideia de criar tais testemunhos históricos em pedra.

Indiferenças

«Eu entusiasmava Hitler quando podia provar-lhe que tínhamos 'batido', pelo menos quanto às proporções, edifícios históricos excepcionais.» É claro que Speer estava contaminado pela loucura das grandezas de Hitler. E que não soube resistir à confiança crescente que este lhe testemunhava. Porém, já nessa época Speer faz uma observação cujo peso não lhe aparecerá com clareza senão muito mais tarde:

«A sua paixão pelos edifícios da eternidade roubava-lhe todo e qualquer interesse pelas infraestruturas de comunicação, pelas zonas de habitação e pelos terrenos: a dimensão social era-lhe indiferente.»

Vulnerabilidade do corpo

Durante anos, Hitler exprime com frequência dúvidas sobre a duração da sua vida: «Não viverei muito mais tempo. Sempre pensei que poderia dispor de tempo para os meus planos. Tenho de os executar eu próprio!» Estes temores, na sua coloração particular, são característicos de uma natureza paranóica. Na vulnerabilidade, aparente ou real, do corpo, exprimem-se outros perigos, que estão relacionados com a indomável exigência de grandeza. No caso Schreber (1), cuja paranóia era muito mais elaborada, pode demonstrar-se esta relação de forma muito clara. Temores como esses não significam que se renuncie, no que quer que seja, à pretensão de grandeza. Estabelece-se, sim, uma interacção «útil» entre temores e pretensões.

A prenda empolgante

De todas as construções que Hitler prevê para Berlim, é o Arco do Triunfo — ao lado, talvez, do grande hall com a sua cúpula que

mais o entusiasma. Projectou-o desde 1925; uma maqueta de projecto, com quase quatro metros de altura, é a surpresa de Speer para o cinquentésimo aniversário de Hitler, em Abril de 1939. Semanas antes, as suas tropas entraram em Praga. O momento parece especialmente oportuno para um arco do triunfo. Essa prenda comove-o até às tripas. Gira em torno dele, contempla-o infinitamente, apresenta-o aos convidados. Há uma fotografia que testemunha o seu encantamento e que vem nas Recordações de Speer. Raramente uma prenda terá tocado mais o coração do seu destinatário.

Hitler e Speer tinham conversado muito sobre esse arco do triunfo. Ele deveria, como vimos, medir mais do dobro da altura do de Napoleão em Paris.

O nome dos mortos

«Aí está um monumento que será digno dos nossos mortos na guerra mundial. O nome de cada um dos nossos milhão e oitocentos mil mortos ficará gravado no granito!» São palavras de Hitler, tal como as recorda Speer. Nada resume melhor a essência profunda de Hitler. A derrota da primeira guerra mundial não é reconhecida, e metamorfoseia-se em vitória. Celebra-la é um arco do triunfo mais de duas vezes maior que o dedicado a Napoleão pelo conjunto das suas vitórias. O objectivo de ultrapassar as vitórias napoleónicas fica assim alegoricamente expresso. O monumento, concebido para a eternidade, erguer-se-á em pedra dura. Mas, na realidade, ele é feito de algo muito mais precioso: um milhão e oitocentos mil mortos. O nome de cada um deles será gravado no granito. Prestar-se-lhes-á, assim, homenagem. Mas, deste modo, eles serão estreitamente ligados, muito mais do que poderiam estar em massa. Pelo seu número colossal, eles constituem o arco do triunfo de Hitler. Não são, ainda, os mortos da sua nova guerra, prevista e querida por ele. São os da primeira, onde ele próprio fez o seu serviço como toda a gente. Ele sobreviveu-lhe, mas permaneceu-lhe fiel e nunca a renegou. Dos mortos que ela fez veio-lhe a força para nunca reconhecer o seu fesecho. Eles eram a sua massa quando ele ainda não tinha outra. Sente que foram eles que o ajudaram a aceder ao seu poder. Sem os mortos da Primeira Guerra Mundial, ele nunca teria existido. A intenção de os reunir no seu arco do triunfo testemunha o reconhecimento desta verdade, e da sua dívida para com eles. Mas é o seu arco do triunfo, que terá o seu nome. Será difícil, seja a quem for, ler muitos dos outros nomes: mesmo que se conseguisse gravar um milhão e oitocentos mil nomes no granito, a esmagadora maioria não seria nunca tomada em consideração. Deles restaria o seu número. E esse número colossal pertenceria ao seu nome...

Churchill e as vítimas

Quando as grades das cidades alemãs foram, uma a seguir à outra, reduzidas a ruínas, Speer não foi o único a pensar que uma visita de Hitler a essas cidades era oportuna, e mesmo necessária. O exemplo de Churchill estava na mente de todos. Este visitava sem descansa as vítimas da guerra que não participavam directamente nos combates. Ele provava-lhes não apenas a sua coragem, mas também a sua simpatia. Apesar das tarefas que o sobrecarregavam, Churchill encontrava tempo para essas vítimas, e quanto contavam para ele. Ele pedia muito mais à população civil, mas em contrapartida levava-a a sério. Pode dizer-se que, sem este comportamento de Churchill, o moral dos ingleses, durante o ano em que enfrentaram sozinho um inimigo mais forte e que triunfava por todo o lado, não teria sido o mesmo.

Hitler, pelo contrário, recusou obstinadamente mostrar-se nas cidades bombardeadas. Dificilmente se imagina que — pelo menos durante os estágios iniciais desses acontecimentos — lhe tenha faltado coragem física para tomar tal decisão. As suas tropas ocupavam uma grande parte da Europa. Não lhe passava pelo espírito a ideia

de se dar por batido. Mas, para além das pessoas que recebiam directamente ordens suas e do pequeno número daqueles que constituíam a sua corte restrita, ele só estava habituado a apresentar-se a massas. E a massas de um género bem determinado...

Invencibilidade da imagem

Do mesmo modo que vigiava as fotos de si próprio que circulavam; do mesmo modo que mantinha secreta a existência de Eva Braun, para não se arriscar a perder o interesse das mulheres alemãs pelo homem solitário; desse mesmo modo, ele não queria aparecer em público no contexto das cidades alemãs destruídas. A imagem do «sempre vencedor» teria sofrido com isso, e a sua aptidão para a vitória final teria perdido credibilidade. Preferiu manter intacta a sua imagem: que ela não fosse tocada por nenhuma destruição no interior do seu império, que ela não comunicasse com nenhuma dessas destruições!

Mas deve igualmente dizer-se que, de todo em todo, ele não teria sabido visitar seres que tinham verdadeiras razões de luto e de queixa. Com que palavras teria ele podido dirigir-se a eles? Piedade era coisa que não sentia por ninguém. No máximo sentiu alguma por si próprio, na derradeira fase. A quem teria ele crivelmente podido testemunhar simpatia por causa de uma desgraça? Ele era mesmo incapaz de mimar sentimentos «mais fracos», que desprezava. Como teria podido vivê-los? *Hitler entre os aflitos*, eis algo de totalmente inconcebível. A falta do que, por si só, constitui um ser humano — emoções que se referem a outrem, mesmo a um desconhecido, mas sem objectivo e sem cálculo, sem ideia de sucesso ou de influência — essa falta completa, esse vazio assustador, tê-lo-ia feito aparecer desamparado e impotente. Seguramente que nunca encarou, em nenhum instante, a possibilidade de se expor em tal situação.

Segredos do Grande Estado

O círculo íntimo de Hitler em Obersalzberg — as raras pessoas com que passa uma boa parte do seu tempo — é de uma espantosa indigência. Compõem-no o fotógrafo, personagem de confiança desde há muito, o *chauffeur*, o secretário, a amiga, duas secretárias mulheres, a cozinheira dietista e, por fim, alguém de diferente: o seu arquitecto pessoal. Apenas com esta excepção, todos são escolhidos segundo o critério da utilidade mais elementar. Não apenas dependem completamente dele, mas, sobretudo, qualquer deles é incapaz de ter uma opinião sobre ele. Entre eles, Hitler sente-se sempre seguro da sua imensa superioridade. Sobre aquilo que o ocupa de facto, os seus planos e as suas decisões, eles não sabem absolutamente nada. Sem ser importunado, ele pode assim viver para os seus segredos, cuja segurança é a necessidade vital suprema. São os segredos do Grande Estado, onde só ele decide. Gosta, aliás, de se ouvir justificar a necessidade do segredo absoluto. Frequentemente, Hitler diz que não confia em ninguém, e ainda menos nas mulheres. E, visto que não se deixa aproximar por mulheres inteligentes, é-lhe fácil manter-se agarrado ao seu desprezo por elas. Neste círculo em que ninguém o pode atingir, ele sente-se à vontade. Ali vive, intacto e *único* como julga que é. Como ninguém tem qualquer direito sobre ele, sente-se protegido contra os pedidos de clemência que lhe poderiam ser dirigidos.

No entanto, ele tem consciência de que não pode exercer o poder sem a ajuda daquele punhado dos que participaram na sua ascensão e prestaram as suas provas. A esses, ele permite muito; desde que o sirvam e que aceitem, sem murmurar, todas as suas decisões. Mas para as suas fraquezas de todas as espécies, que vão até à corrupção, ele tem um olho de lince. Aceita-os desde que os *conheça*, desde que não lhe escondam nada. A onisciência, também no que a eles diz respeito, faz parte das suas exigências fundamentais. E ele faz questão de preservar essa onisciência, na medida em que mantém estrita-

P E S A D E L O S

Hitler Faraó

Continuação da pág. 5

mente separados e divididos os poderes dos outros. É preciso que *ele* esteja informado de tudo. Mas ninguém mais, além dele. Nessa delimitação das tarefas atribuídas a cada um dos seus auxiliares, ele toma-se e procede como um *mestre*, um *senhor*. Evita chamá-los permanentemente a si, porque, desse modo, eles poderiam ficar a saber mais do que convém. Nisso, e do seu ponto de vista, demonstrou a coerência do seu instinto: o único que roda permanentemente em seu torno, Bormann, que está ao corrente de muitas coisas devido às suas funções de secretário, acaba, por isso, por aceder, de facto, ao poder.

Superioridade moral

É-lhe necessário ouvir-se a si próprio dizer que está isento das fraquezas correntes como a avidez, a lubricidade, a vaidade; que está isento das preocupações inerentes à «vidinha ordinária». E se ele controla a imagem de si próprio destinada ao público, não o faz sem o fundamentar politicamente. Preocupa-o que possa engordar. Mas não por vaidade: um guia político barrigudo é impossível. Como no caso dos edifícios colossais que ele projecta: eles devem impressionar outros potentados, e torná-los dóceis mais facilmente.

Entregue, no círculo restrito e desconfiado, Hitler enfim-se, sem constrangimentos, à chalaça sobre os seus acólitos. É instrutivo ler, nas memórias de Speer, como ele se refere a estes. Hitler troça de Göring por causa da sua paixão pela caça:

é fácil, de longe, matar animais. Matar animais é bom para um talhante. Sobre os que matam seres humanos, ele nada diz. Considerá-los-ia realmente como mais perigosos? A filosofia de Rosenberg parece-lhe incompreensível. Ele não tem por ela qualquer consideração. Mas preocupa-o a grande difusão do livro de Rosenberg, as suas gigantescas tiragens. Claro que as tiragens do seu próprio livro são muito maiores, mas ele não aprecia nada do que poderia aproximar-se da sua própria importância seja em que domínio for, porque qualquer concorrência pode vir prejudicar, mesmo longinquamente, o seu carácter único.

Charlemagne, um precursor

A germanomania de Himmler enerva-o especialmente. Ele torna-se agressivo para Himmler, quando este classifica Charlemagne de «assassino dos saxões». Hitler *aprova* o massacre dos saxões, porque foi através do reino dos francos que a cultura penetrou na Alemanha. Ele não tolera nenhuma crítica a Charlemagne, pela simples razão de que o considera um precursor. No fundo, Hitler não respeita os germanos senão a partir do seu Santo Império romano. A força de atracção dos impérios sobre ele, que está a fundar o seu império mundial, é irresistível.

A «pessoa milenária»

Voltemos ao duplo prazer que ele experimenta na *duração* e na *destruição*: a ameaça contra a sua própria pessoa, agudamente sentida como se ela estivesse sempre presente, dá origem a essas duas orientações: primeiro em direcção ao domínio de grandes espaços, por assim dizer *incorporados* na

própria pessoa; depois, suscita a conquista de uma duração eterna. A fórmula do «reino por mil anos» não é particularmente imodesta numa paranoia plenamente desenvolvida.

Tudo o que não é a pessoa é exterminado ou dominado. Claro, a sujeição não é senão uma solução provisória, que pode facilmente transformar-se em extermínio total.

Toda e qualquer resistência na esfera própria do poder é sentida como intolerável: a resistência, diz Speer, tinha o condão de irritar Hitler até ao furor. Ele só consegue adaptar-se à ideia de resistência se ela respeita a situação que ele ainda não domina absolutamente. Porque aí, trata-se do processo inerente à obtenção do poder. O império, em toda a sua extensão, não seria senão a sua própria pessoa quando, enfim, já não estivesse ameaçada. E enquanto ele não incluir a terra inteira, Hitler não poderá obter verdadeiro repouso.

A suástica dá lugar ao globo

No cimo do Kuppelberg berlinense de Hitler, a 290 metros de altitude, deveria implantar-se uma águia. No início do Verão de 1939, ele declara, a este respeito, a Speer:

«Essa águia já não deve estar apoiada na cruz gamada: ela dominará o globo terrestre! É preciso que o coroamento desse edifício, o maior edifício do mundo, seja a águia sobre o globo terrestre!»

Também sobre os materiais escolhidos para a sua arquitectura vale a pena acrescentar uma palavra: ele odeia tudo quanto não seja de pedra. O vidro, por exemplo, atrás do qual não é possível escondermo-nos, e que ainda por cima se pode quebrar, desperta, como material de construção

para os edifícios «eternos», a sua mais viva repulsa.

Para quê destruir Paris?

No fim de Julho de 1940, três dias depois da entrada em vigor do armistício em França, ele leva Speer e alguns outros a visitar Paris, que não conhecia. Em três horas, ele visita a Ópera, a Madeleine, os Campos Elísios, o Arco do Triunfo, a Torre Eiffel, os Invalides, onde presta homenagem a Napoleão, o Panteão, o Louvre, a Rue de Rivoli e, finalmente, o Sacré Coeur em Montmartre. Ao fim dessas três horas, declara:

«Era o sonho da minha vida, poder visitar Paris. Não conseguiria dizer como estou satisfeito, por tê-lo realizado.»

A noite, de regresso ao seu quartel-general, no pequeno quarto de uma quinta, encarrega Speer de apressar os projectos de edifícios para Berlim. E acrescenta: «Paris é bonito, não é? Pois é preciso que Berlim passe a ser muito mais belo! Muitas vezes perguntei a mim mesmo se não seria indispensável destruir Paris. Mas, quando tivermos concluído Berlim, Paris não será senão uma sombra. Para quê destruí-la então?»

Speer diz-se confuso perante a calma de Hitler, como se a destruição de Paris fosse «a coisa mais natural deste mundo». Aqui aparece mais clara a ligação entre *ultrapassar* e *destruir*. A ultrapassagem é como uma vitória; e se ocorre rapidamente, já não precisa da destruição. A vitória fácil sobre a França salvava, provisoriamente, Paris. Paris poderia subsistir, relegada ao papel de uma sombra da nova Berlim...

Elias Canetti

Subtítulos da responsabilidade do Sete Ponto Sete

G E N E A L O G I A S

METTE Gauguin: vi esta assinatura num dos quadros expostos, no Pavilhão dos Desportos, por ocasião do Congresso do Movimento Democrático de Mulheres. Parente do pintor? Do «louco» Paul, neto da aventureira mulher, apóstola do socialismo anarquista e militante feminista do século XIX, que foi Flora Tristan?

Será possível? Identificada a portadora de tão célebre nome confirmei que, efectivamente, *Mette Gauguin* era bisneta do artista francês, em cujas veias corria sangue Bórgia, inca e talvez polinésio. Mistura explosiva que o impediu, provavelmente, de levar uma vida convencional. E que o empurrou para rupturas sucessivas. Ora, *Mette* tem exactamente o nome da bisavó (— e é loira como ela), a conservadora esposa dinamarquesa do pintor.

Mette Gauguin nasceu na Dinamarca, há quarenta anos. Podia ter nascido em Paris ou noutra qualquer se o comportamento do bisavô tivesse sido outro. *Mette Gad* nunca lhe perdoou isso: o não ter correspondido ao que dele esperava. Queria-o marido e pai exemplar, resignado numa vidinha estável, mas Gauguin esquivou-se com grande escândalo dos meios burgueses da época. Trocou a esposa dedicada a uma família adorável (cinco filhos menores) pela arte. Por um destino de privações e antagonismos.

Seguiu, de certo modo, o caminho da indomável avó por quem sentia um secreto fascínio. Eram ambos temperamentais, românticos, idealistas. Flora Tristan morreu quatro anos antes do neto nascer, quatro anos antes que estalasses, na Europa, os movimentos revolucionários que preconizava com tanto vigor.

Ela que não sabia cozinhar. Ela que lutava pela causa ope-

rária e também contra os homens enquanto representantes da hierarquia patriarcal. Ela que abandonou o marido — atitude que lhe valeu ser, por ele, alvejada a tiro, como nos dramas de cordel.

Entre Paul e Flora, a quem os operários reconhecidos ergueram um monumento, havia uma ligação um tanto mítica. «*Um tudo nada exaltada, a minha avó*» — costumava dizer, zombeteiro. Mas não escondia a admiração que lhe votava: «*um génio no sentido que Proudhon deu à palavra*», acrescentava.

E *Mette Gauguin* que imagem guarda do bisavô? «*Do rebelde, um homem com confiança no seu valor e que, apesar das críticas péssimas que recebeu, no início, não se deixou vencer*», afirma. Dele revela a sua pintura, ainda de principiante, influências visíveis. Nos motivos: paisagem, retrato, natureza morta; na cor (muito verde, azul e ocre — a luminosidade); na atracção pelo exótico...

Foi, um pouco, a vertigem do exótico que a trouxe a Portugal, há vinte anos. Nessa altura era uma rapariga aparentemente vulgar, dentro do padrão dinamarquês, com a profissão, muito feminina, de secretária. «*Vim para Portugal, trabalhar no Consulado da Dinamarca porque se me afigurava um país exótico...*» Claro que para a mentalidade metódica e parda de um dinamarquês, Portugal deveria ser exotíssimo. Exitante.

Tempos depois conhece o marido, um engenheiro português e «*inicia um romance que ainda não acabou*». Ficou por cá, sendo dona de casa. Só recentemente sentiu uma irresistível vontade de pintar.

«*Sofri um desastre de automóvel e não morri por acaso. De súbito, pensei que a vida podia acabar de um momento para o outro... e que devia explorar as minhas possibilidades*».

Tetravó: Flora Tristan
Bisavô: Paul Gauguin
Nome: Mette Gauguin

Lourdes Féria



Gostaria de ir a Taiti...

des-.

Mette é por educação uma *Gad*. Ensina-lhe a respeitabilidade, o cumprimento do dever, a controlar as emoções. Tudo ao contrário do que fora o bisavô. *Paul Gauguin* sempre demonstrou pela família da mulher um enorme desprezo. De facto não simpatizava nem um bocadinho com os nórdicos. «*Mortos, definitivamente mortos*» — criticava. Achava-os hipócritas e pedantes. Insuportá-

veis.

Não obstante, *Mette Gauguin* confessa-me que alguma razão havia na apreciação do bisavô. Quer os dinamarqueses pensem em demasia no dinheiro, na segurança. «*Vivem apenas para o trabalho e para a estabilidade económica*». Também lhe disseram a ela que a felicidade era aquilo. Fingiu talvez que acreditou, mas sabia que dentro de si ocultava inquietação.

Quis pintar: e pinta, ainda que

sem estilo, nem técnica. Agora meteu-se-lhe na cabeça que, indo a Taiti, no rasto do bisavô, talvez encontre «*o trampolim para se desenvolver artisticamente*». Há que passar lá uns meses, embeber-se do ambiente, seguir o itinerário de Paul Gauguin. «*As minhas ideias são muito parecidas com as dele. Em Taiti há o Museu Gauguin... e vive lá um etnólogo sueco, autor da melhor biografia escrita sobre o meu bisavô, com quem mantenho correspondência*».

Trata-se de Bengt Danielsson, o sueco que atravessou com mais cinco companheiros, numa jangada, o Pacífico com o objectivo de provar que o povo polinésio provinha do Peru. Não sei se por realmente aquela terra possuiu feito apaixonou-se, de tal maneira, por Taiti que decidiu radicar-se lá. Casou com uma indígena e permanece, naquele lugar, onde segundo a descrição de Gauguin «*os insulares passeiam à noite, descalços, sempre em silêncio*», há quarenta anos.

Mette, obcecada com Taiti, pediu uma bolsa ou subsídio ao Ministério da Cultura francês, a fim de fazer essa tão sonhada viagem.

«*Sinto que vivendo as sensações que o meu avô teve poderia ser um grande avanço para a minha pintura*».

Mette é a única pessoa da família que possui um trabalho de Gauguin. Um desenho pequeno (de quinze por dez) feito sobre cartão, de caixa de sapatos — o retrato do bisavô. «*Herdei de um tio-avô que também deixou a mulher e os filhos e foi para os Estados Unidos viver com uma americana. A família cortou relações com ele... a sociedade dinamarquesa ainda hoje é assim. Joga pelo certo, não arrisca. Prefere a vida de rotina (ganhar dinheiro, comer, trabalhar) — uma vida nada estimulada. E quem tem a ousadia*

de furar este esquema, automaticamente, fica marginalizado».

Para *Mette* os portugueses são o oposto. São mais aventureiros, muitíssimo mais românticos. «*O que for soar...*» — pensam. É verdade que, por vezes, se perguntam: mas qual será o nosso futuro? Mas não se interrogam por muito tempo.

Quanto ao seu futuro de pintora, *Mette* receia que o nome Gauguin lhe pese em excesso, que seja um estigma que impeça a aceitação da sua identidade artística. «*Não uso o nome do meu marido porque não me quero dissolver numa identidade que não é a minha. Nisso sou feminista...*»

Só nisso?

«*Não sou feminista, ao ponto de combater, mas tenho as minhas ideias. Na Dinamarca, com 15 anos, aderi ao movimento feminista chamado «Meias Encarnadas». Em Portugal parece-me que as mulheres ainda não têm muita consciência, estão pouco libertas. Pelo que vi, no Congresso do MDM, os assuntos discutidos nada tinham a ver com as mulheres e as posições defendidas eram muito discutíveis. Foi um Congresso que poderia ter sido feito por homens...*»

Está perto de Flora Tristan?

«*Nem por isso. Não sinto familiaridade com ela até porque, politicamente, não tenho vocação de militante. Tenho um espírito muito poético e sonhador para se coadunar com a política. Mas... a minha óptica é feminista e sei qual o verdadeiro significado da palavra*».

Eis uma mulher. A tetravó de Flora Tristan uma revolucionária completa e, ao que consta, uma mulher belíssima. *Mette Gauguin*: mulher que descobre, aos 40 anos, o desejo subterrâneo de ser alguém, que a doce protecção do casamento, era pouco. Que era preciso ir mais além.

P

E

R

F

I

S

E se lhe encomendassem uns telediscos?

Ao quadragésimo quarto segundo do quinto minuto, com o último acorde do **Wild Beat Blues dos Go Graal Blues Band**, a imagem desaparece do monitor e Paulo Miguel Forte, com um papel de cábula na mão, convida as duas dúzias de presentes a intervirem sobre o seu teledisco. Estamos na *Nova Opinião*, na segunda noite de apresentação, aqui, deste vídeo realizado com uma só câmara Betamax, daquelas com que se faz vídeo doméstico, e não telediscos. A câmara foi cedida pelo IADE (Instituto de Arte e Decoração), onde Paulo Miguel concluiu um «curso avançado de vídeo». Mais uma vez, os representantes das editoras discográficas, apesar de insistentemente convidados, não apareceram para o ver. «Vai ser preciso propor-lhes sessões privadas», diz ele; «é impossível reuni-los onde quer que seja, dir-se-ia que não se podem ver uns aos outros».

O teledisco sobre os **Go Graal Blues Band** foi feito no «Jamaica», do Cais do Sodré, com a participação de uma série de amigos que aceitaram trabalhar graciosamente: dois do **Lissabon Tape Dance**

Show, seis da escola de dança de Liliane Viegas e Rui Horta, quatro dos **Mabus Mabul** e alguns outros: Tô Marques, por exemplo, de quem também se fala nesta página, trouxe as suas máscaras de animais da loja da Almerinda, onde (não) as vende.

É verdade que os telediscos vendem mais discos?

— Em Portugal não se sabe responder a essa pergunta, exactamente porque não há telediscos — diz Paulo Miguel. — As estatísticas francesas dizem que sim, que um disco se vende 10 ou 12 por cento mais a seguir à passagem do «seu» teledisco na televisão.

— **Tem uma linguagem «aprendida» na publicidade, que consiste em montar uma série de imagens muito rápidas umas a seguir às outras. Cada imagem se destina a ser memorizada, para que o espectador possa ser impressionado, ou excitado, pela imagem seguinte. Porque é uma espécie de «mudo», porque não tem diálogo e porque o sentido do que nele se passa é transmitido sobretudo por gestos, ou por expressão corporal, a linguagem do teledisco é também muito «trans-**

cultural» muito «universal». Apesar de ser relativamente recente, o teledisco tem já a sua história. Ao princípio utilizavam-se uma série de trucagens... agora há uma saturação da trucagem, preferem-se cenários do tipo Hollywood. Geralmente conta-se-lhe dentro uma espécie de história, mesmo que, no final de contas, não haja propriamente uma história.

— **A quem esperas poder «vender» a ideias dos telediscos?**

— Aos grupos musicais, aos editores discográficos, à televisão... Mas todo esse mercado é mínimo, em Portugal: se nem a televisão vê interesse em produzir telediscos para os seus próprios programas... Pode acontecer que acabe por só encontrar apoio no mercado paralelo.

— **Mas que mercado paralelo existe em Portugal?**

— Há uma «rede» de bares e de boîtes que descobriram o interesse do vídeo como forma de animação e que se equiparam para passar telediscos e outros filmes. O principal problema, hoje, entre nós, é o dos preços de produção. O aluguer do material é excessivamente caro.



Paulo Miguel Forte

Espero encontrar gente suficientemente interessada em formar uma associação de utentes que permita adquirir material para que cada membro possa utilizá-lo sem encarecer excessivamente os custos de produção. Isso permitiria realizar igualmente curtas metragens, reportagens... tentar o mundo da produção externa de televisão.

— **E se nada disso puder avançar a curto prazo?**

— Há que trabalhar muito para lançar a ideia. Repara que até ao mundo do livro o vídeo pode interessar: um editor lança

um autor; nós podemos fazer uma pequena metragem com o autor que mostre o seu mundo, os sítios por onde trabalha, ou a sua casa... Durante o lançamento da obra, esse vídeo pode passar na, ou nas livrarias onde se faz o lançamento. No estrangeiro há cadeias do tipo «Max-burger», que utilizam o vídeo em vez da música de fundo, para produzir um ambiente desejado. Sem contar com as utilizações industriais, onde o vídeo substitui o diaporama, a sequência de slides ou o cinema propriamente dito. Eu gostaria de convencer editores discográficos a deixarem-me fazer dez telediscos sobre dez grupos ou músicos portugueses.

— **Em conversa com os «Trovante» (conversa que podes ler neste mesmo número do Sete Ponto Sete) recolhemos a opinião de que com música portuguesa seria preciso «mudar de» telediscos, porque os nossos ritmos, as nossas melodias têm um ambiente muito próprio.**

— «Mudar de...» Não acho. Há sem dúvida um trabalho específico a fazer para cada grupo, música, etc. Mas é esse exactamente o trabalho do teledisco: tratar a música através da ima-

gem. E certamente que há muita coisa a fazer para além dos tradicionais planos fixos de quem canta ou do desfilar de uma paisagem supostamente ilustrativa, ou alegórica. E preciso ousar.

— **Conheces algum exemplo de autor que tenha trabalhado com uma material tão incipiente como tu e que tenha depois disso passado na televisão?**

— Não em Portugal. Mas por exemplo há um moço brasileiro que fez no Rio uma reportagem sobre os «punk» da cidade, que deu brado porque era muito boa. Durante meses recusaram-se a passar-lhe o trabalho na televisão alegando irreconvertibilidade e outras razões técnicas, mas finalmente uma cadeia de televisão acabou por o passar, quer dizer: era possível reconvertê-lo em filme. A «irreconvertibilidade» é de facto um problema, mas essas fronteiras são por vezes muito empoladas. É tão «impossível» reconvertê-lo como é «impossível» que um carro ande a gás ou a álcool. Não conheces a história? Aqui são «impossibilidades» criadas pelas grandes companhias petrolíferas, ali são «impossibilidades» criadas por produtores de sistemas vídeo rivais. ■

Máscaras de animais: um artesanato perturbador

CENÓGRAFO, decorador, carpinteiro, espedalador, jardineiro, «novo agricultor» (leia-se como dantes se lia livre-pensador, designando uma atitude e uma filosofia), Tô Marquez, 23 anos, reparte-se entre mil projectos que exigem pequenos financiamentos impossíveis de obter — um de floricultura respeitante a orquídeas, outro de brinquedos de madeira — e também fabrica máscaras.

As suas máscaras, conhecemo-las no teledisco de Paulo Miguel Forte sobre o **Wild Beat Blues dos Go Graal Blues Band**, mas já as poderíamos ter encontrado na loja da Almerinda, da Óscar Monteiro Torres, que as vende por três a cinco mil escudos.

São máscaras «de animais», mais exactamente feitas de penas de aves. Belíssimas, selvagens, saídas de um qualquer rito esotérico e cruento, ou de qualquer selva africana que só existisse em novelas adolescentes.

— **Porquê animais?**

— Oh, isso tem a ver com o galo de combate que eu tinha na capoeira da quinta lá em São Marcos da Serra (NR: essa é, na fronteira entre o Alentejo e o Algarve, a quinta do projecto agrícola e floricultor). Era um galo esplêndido, mas tão mau que tivemos de o matar. Eu gostava muito dele. Então, a primeira máscara fi-la com as penas dele, era a máscara do meu galo.

— **Mas as outras também são de animais.**

— Sim, porquê de animais? Eu deveria dizer: «Não sei». Talvez por uma espécie de ritual, de religião. Porque permitem uma representação do animal, o que me atrai muito. Porque

posso ser um pouco o animal de que fiz a máscara. E também por uma paixão por África, que visitei e revisei quanto pude. Em África, na África Negra sobretudo, a expressão e a representação animal fascina-me. O gosto das máscaras veio-me daí. Eu fazia-as para mim...

— **E as pessoas compram essas máscaras?**

— Muito pouco, só os amigos. Os amigos ficam apaixonados por elas. Mas as pessoas têm medo das máscaras (ri-se gostosamente), não sabem como as utilizar. São uma espécie de ameaça, de grande perturbação.

— **E no entanto dir-se-ia que há uma grande variedade de utilizações possíveis...**

— Ah, pois, há as festas, e depois intervêm como agora no vídeo do Paulo Miguel, ou como no Pornex da Universidade Nova... O teatro pode ser um meio que me peça máscaras... Mas eu já estou a pensar noutras coisas que as pessoas saibam como utilizar, feitas também a partir de restos de animais, de penas de aves: Chapéus, golas de casacos. É mais «normal», talvez as pessoas comprem.

— **E como obtens todas essas penas? Quer dizer, não há-de ser fácil...**

— ...É difícil. Dantes o Jardim Zoológico vendia penas de aves, agora já não, suponho que por ter terríveis problemas de organização. Estou a ter de fazer, na quinta, reprodução de faisões, de pavões, de galo, de galinha-do-mato-africana... E tenho pedido às vizinhas, lá em São Marcos da Serra que guardem as penas quando matem uma ou outra ave. Senão há lojas de antiguidades que vendem penas, de avestruz por exemplo,

mas caríssimas. Por vezes também arranji penas através de coleccionadores.

— **Normalmente pões as tuas criações à venda em lojas?**

— Já preferi vender na rua. Por exemplo: uma série de papagaios de equilíbrio (têm uma base fina e equilibram-se sempre, um pouco como os «sempre em pé»). Quis colocá-los numa loja, onde os venderiam a 850\$000 peça. Eu ganharia cerca de 400\$000 peça. Mas a loja não queria ganhar 30%, queria ganhar 110%. Logo, vendê-los-ia a um preço muito superior. Depois, claro, reteria-se nas encomendas, porque «ninguém os compraria». Ora bem: decidi, na

época do Natal, ir vendê-los directamente para a rua, na Avenida de Roma: vendi 200 a mil escudos cada um...

— **E na Feira da Ladra?**

— Na Feira da Ladra é impossível. Seria preciso fazer passar as minhas coisas por velharias, que elas não são. O que nos faz falta, em Lisboa, é um Mercado de Criação, onde toda a espécie de artesanatos pudessem ir vender os seus objectos, por exemplo ao domingo de manhã. Há tanto jardim bonito em Lisboa, onde se poderia fazer esse mercado... E regulamentá-lo também não seria difícil, bastaria ter vontade de o fazer. Claro que ao departamento responsável pelo

Artesanato nem passa pela cabeça a ideia de um tal mercado. E no entanto ele poderia também interessar a pintores, escultores, artesãos de fora de Lisboa... Há uma infinidade de criações vendáveis a que faz falta um espaço como esse.

— **Mas tu crês que há mercado interno para essas coisas?**

— Para essas coisas talvez. Mas há, de facto, outras que, hoje, com o mercado interno retraído como está, com o poder de compra que as pessoas têm, só podem pensar-se para a exportação. Isto é verdade tanto para o artesanato — por exemplo para os brinquedos de madeira — como para certa floricultura.

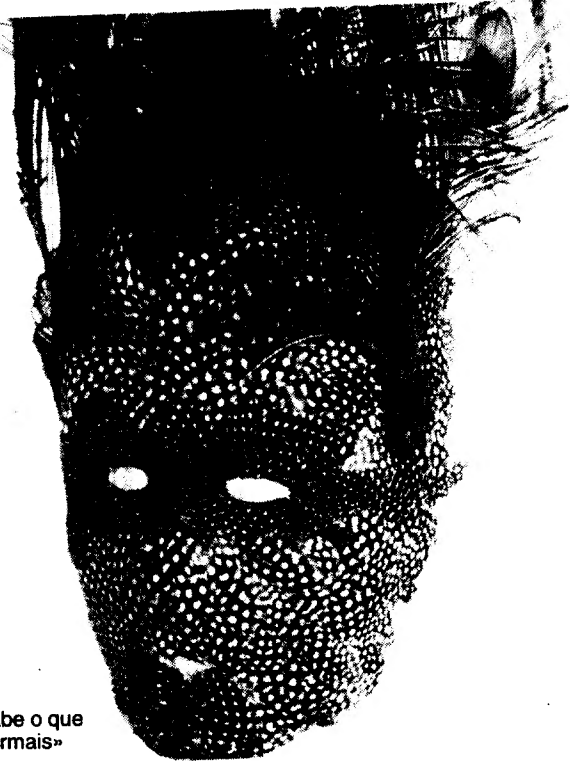
Supõe tu que tenho seis mil orquídeas numa estufa de vidro, ou até duas toneladas de melão na quinta... como vou escoá-los cá dentro, sem meios de transporte próprios que exigem um investimento enorme? Por isso mais vale pensar essas coisas tendo em vista exportar.

— **E tens encontrado algum apoio para esses projectos de exportação?**

— Não, nenhum. Claro que há o Fundo de Fomento e mais qualquer coisa, mas os contactos que estabeleci no estrangeiro foram directos, porque fui lá, e nunca por via de organismos de apoio portugueses. ■



«Cat people» entre Lisboa e São Marcos da Serra. Mas como quase ninguém sabe o que faz com as máscaras, o artesão vai reconvertê-las em «roupa para pessoas normais»



**Sete
Ponto
Sete**

Última página

das crónicas

Clp

O TIMÓTEO ERA UM CIDADÃO EXEMPLAR! PATRIÓTICO! UM PORTUGUÊS QUE ACREDITAVA SEMPRE NUM AMANHÃ MELHOR, APESAR DAS CRISES E DA AUSTERIDADE A QUE O OBRIGAVAM! NUNCA LHE OUVIRA UM BOATO, UMA INSINUAÇÃO, UMA RECRIMINAÇÃO; ESTAVA SEMPRE PRONTO A APOIAR QUALQUER INICIATIVA DO GOVERNO E COM UM SORRISO NOS LÁBIOS: "É PRECISO AGUENTAR MAIS UM POUCO, E DEPOIS VÃO VER COMO ISTO VAI MELHORAR!" - DIZIA ELE AOS AMIGOS, SEMPRE QUE LHE DESCOBRIA UM NOVO



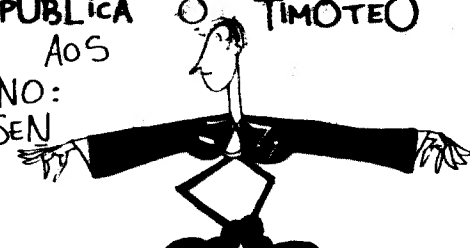
O TIMÓTEO DETESTAVA MESMO OS BOATOS, POR ISSO NÃO LIGAVA À IMPRENSA SENSACIONALISTA OU À TELEVISÃO OU ANDA À RÁDIO! PARA O TIMÓTEO NESTA ÉPOCA DE CRISE, JÁ HAVIA UM JORNAL ISENTO; O DIÁRIO DA REPÚBLICA!



COMPRAVA-O TODAS AS MANHÃS NA TABACARIA DO ERNESTO, AQUELA QUE FICAVA ALI MESMO AO PÉ DO JARDIM! DEPOIS LIA-O METICULOSAMENTE DE PONTA A PONTA, NUM PROCESSO LENTO E CUIDADOSO!



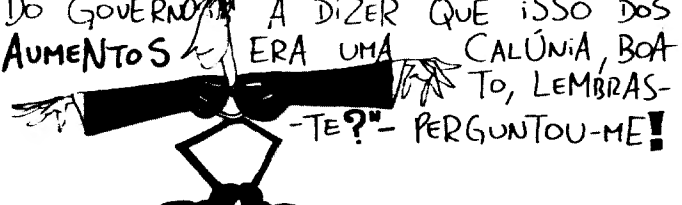
FICAVA ESCLARECIDO, ILUMINADO! O QUE VINHA ALI ERA VERDADE, SABIA-O! ALÉM DO DIÁRIO DA REPÚBLICA, O TIMÓTEO SÓ PRESTAVA ATENÇÃO AOS COMUNICADOS DO GOVERNO: "MATERIA OBJECTIVA E ISENTA" - DIZIA ELE A QUEM O QUISESSE OUVIR!



NA SEMANA PASSADA O TIMÓTEO APARECEU-ME LÁ NO ESCRITÓRIO! VINHA TRISTE, DESANIMADO! TRAZIA DEBAIXO DO BRAÇO, COMO DE COSTUME, UM EXEMPLAR DO DIÁRIO DA REPÚBLICA!



CUMPRIMENTOU-ME E LARGOU O JORNAL EM CIMA DA MESA! "NO OUTRO DIA, VEIO UM COMUNICADO DO GOVERNO A DIZER QUE ISSO DOS AUMENTOS ERA UMA CALÚNIA, BOATO, LEMBRAS-TE?" - PERGUNTOU-ME!



DEPOIS CONTINUOU SEM DAR TEMPO E NÃO É QUE AGORA ESTES DO DIÁRIO DA REPÚBLICA VÃO E FAZEM UMA GRANDE NOTÍCIA SOBRE OS AUMENTOS! EU IA A RESPONDER, MAS ELE LEVANTOU O PUNHO BEM ALTO E DEIXANDO-O CAIR COM ESTRONDO NA MESA GRITOU: "ESTA TU DO FEITO, ESTA TU DO FEITO COMA OPINIÃO! ATÉ O DIÁRIO DA REPÚBLICA!"



Mensagens pessoais

Casa troca-se

Troca-se ou vende-se Casa no Pinhal do Rei em Costa da Caparica bastando para tal contactar: Marcolino da Silva, Rua da Emenda N.º 25 3.º Lisboa.

HI-FI, vídeo...

Alta-fidelidade, rádios, gravadores, vídeos, tv's a cores, calculadoras, relógios, electrodomésticos, novidades e utili-

dades. Tudo isto é mais alguma coisa encontra se escrever para o apartado 2617 — 1116 LISBOA Codex e dizer o que pretende. Os preços mostram que é uma rara oportunidade.

Publicidade

Pintam-se e executam-se: letras, desenhos vários, bonecos Walt Dysrey, Asterix etc, em montras, toldos, viaturas, moradas, em baldes de lixo CML. Preços baixos, orçamentos grátis. Envie dados para Apartado 2518, 1113 LISBOA Codex

Selos

Pretendo selos de Portugal e ex-colónias, de preferência usados. Troco por outros de diversos países e também por portugueses. António Rocha. Tv. do Souto, 6-1.º eq. 2675 ODIVELAS ou tel. 809797 ext. 402. Horas de expediente.

● A Companhia Nacional de Bailado apresenta quinta-feira, no Teatro S. Luiz, o seu novo programa. A título de curiosidade refira-se que duas das coreografias são patrocinadas pelo American Council e o Instituto Alemão. São elas, «Concerto Barroco» de Balancine e «A Mesa Verde» de Kurt Jooss. Entretanto, os 18 bailarinos soviéticos, que se encontram em Portugal no âmbito das comemorações do 10.º aniversário da Associação Portugal-URSS, dançam hoje na Quimigal, Barreiro. Na quarta-feira apresentam-se em Faro e na sexta, em Beja. Alguns dos principais nomes da Companhia de Bailado do Bolchoi e do Teatro Kirov encontram-se entre eles.

● Termina na próxima sexta-feira o ciclo dedicado a Joseph Von Sternberg. «The Saga of Anatahan», filmado no Japão, e que foi o último filme do realizador, fecha, na quinta e sexta-feira, às 21 e 30, o ciclo. Hoje, à mesma hora, é exibido «Escrava do Dever» e amanhã «Aconteceu em Shanghai». Todos eles são passados na Cinemateca. Na quarta-feira, Orwell está de novo na televisão. Desta vez com a adaptação ao cinema do seu livro «O Triunfo dos Porcos». A realização é de John Halas e Joy Batcheler. Às 22 e 15.

● A Cidade Marginal é o tema de 3 lições que o professor Alberto Clementi, da Universidade de Roma, profere na terça, quarta e quinta, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Na terça-feira, às 18 horas, é inaugurada, em simultâneo, uma exposição de Clementi sobre habitação marginal e degradada. Duas outras exposições a não perder, são as que se encontram na Gulbenkian e na Galeria 111. Na primeira — Arte do século XX — encontram-se obras da colecção do Museu Van Abbe, entre elas quadros de Picasso, Mondrian e Kandinsky. Na Galeria 111, o espaço está ocupado por alguns dos trabalhos mais recentes do belga Folon.

● Ir ao teatro não é decerto novidade. Mas se o local de representação for o Hospital Júlio de Matos já não se poderá dizer o mesmo. No entanto, é esse o convite que aqui lhe deixamos. Hoje e amanhã, às 21 horas, o Grupo de Teatro Terapêutico daquele Hospital leva à cena «As Sete Notas Mágicas».